

INSTITUTO DE APOIO À CRIANÇA

Conhecimento e Formação

2020

# ADOLESCENTES ADOTADOS

## RELAÇÕES AFETIVAS E SOCIAIS

FERNANDA SALVATERRA

# RELATÓRIO DE INVESTIGAÇÃO

1



Instituto de Apoio à Criança

## **FICHA TÉCNICA**

### **COLEÇÃO**

Relatórios de Investigação

### **TÍTULO**

Adolescentes adotados: Relações afetivas e sociais

### **COORDENAÇÃO EDITORIAL**

Conhecimento e Formação:

Fernanda Salvaterra

Mara Chora

### **AUTORA**

Fernanda Salvaterra

### **EQUIPA DE INVESTIGAÇÃO**

Fernanda Salvaterra (coordenadora)

Mara Chora

### **REVISÃO DE TEXTO**

José Brito Soares

### **CAPA, CONCEÇÃO GRÁFICA E PAGINAÇÃO**

Cristina Rebelo

### **EDIÇÃO**

Instituto de Apoio à Criança – Marketing, Comunicação & Projetos

Av. da República, n.º 21

1050-185 Lisboa

Email: [iac-conhecimento@iacrianca.pt](mailto:iac-conhecimento@iacrianca.pt) | [iac-marketing@iacrianca.pt](mailto:iac-marketing@iacrianca.pt)

Site: [www.iacrianca.pt](http://www.iacrianca.pt)

### **DATA**

Setembro 2020

**Índice**

Agradecimentos	<b>007</b>
Resumo	<b>009</b>
1. Introdução	<b>011</b>
2. Método	<b>017</b>
2.1. Participantes	<b>018</b>
2.2. Medidas	<b>019</b>
2.2.1. Roteiro de Caracterização	<b>020</b>
2.2.2. Entrevista sobre a Parentalidade Adotiva – EPA-f	<b>020</b>
2.2.3. Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scale – FACES-IV	<b>021</b>
2.2.4. Child Behavior Checklist – CBCL	<b>022</b>
2.2.5. Youth Self-Report – YSR	<b>023</b>
2.2.6. Inventory of Parent and Peer Attachment – Revised – IPPA-R	<b>024</b>
2.2.7. Experiência da Adoção	<b>026</b>
2.2.8. Narrativa Escrita “Quando eu tiver 30 anos...”	<b>026</b>
2.3. Procedimento	<b>027</b>
3. Resultados	<b>029</b>
3.1. Percepção dos Pais sobre a Adoção	<b>030</b>
3.1.1. Desenvolvimento e Adaptação	<b>030</b>
3.1.2. A Criança na Família	<b>039</b>
3.1.3. O Conhecimento de ser Adotado	<b>045</b>
3.1.4. Futuro e Valorização Global	<b>051</b>
3.2. Análise Comparativa entre a EPA do Primeiro Estudo e a EPA-f	<b>054</b>
3.3. Análise Conjunta da Percepção dos Pais sobre a Adoção e Outras Medidas	<b>058</b>
3.4. Percepção dos Pais sobre as Competências e os Problemas de Comportamento, Sociais e Emocionais dos seus Filhos Adotivos	<b>059</b>
3.5. Percepção dos Pais e dos Jovens sobre o Funcionamento Familiar	<b>063</b>
3.6. Percepção dos Jovens sobre o seu Comportamento Social e Emocional	<b>070</b>
3.7. Qualidade da Vinculação dos Jovens aos Pais e aos Pares	<b>075</b>
3.8. Experiência da Adoção	<b>085</b>
3.9. Narrativa sobre Desejos Futuros	<b>088</b>
4. Discussão	<b>091</b>
5. Considerações finais	<b>105</b>
6. Referências	<b>111</b>



## Índice de Tabelas

<b>Tabela 1.</b> Características Sociodemográficas da Amostra, Relativamente aos Jovens	<b>019</b>
<b>Tabela 2.</b> Alterações na Criança/Jovem ao Longo do Tempo	<b>032</b>
<b>Tabela 3.</b> Características Atuais dos Filhos	<b>036</b>
<b>Tabela 4.</b> Condições que Estão a Influenciar o Comportamento dos Filhos	<b>037</b>
<b>Tabela 5.</b> Comportamento do Jovem com a Família	<b>044</b>
<b>Tabela 6.</b> Atitude do Jovem Face ao Estatuto de Adotado	<b>049</b>
<b>Tabela 7.</b> Problemas de Comportamento, Sociais e Emocionais na Amostra de Adotados e na População Normativa, Percecionados Pelos Pais	<b>060</b>
<b>Tabela 8.</b> Problemas de Comportamento, Sociais e Emocionais na Amostra de Adotados e na Amostra Clínica, Percecionados Pelos Pais	<b>061</b>
<b>Tabela 9.</b> Correlação de <i>Pearson</i> Entre o CBCL e Idades (de Adoção e Atual do Adolescente)	<b>062</b>
<b>Tabela 10.</b> Perceção dos Pais e dos Adolescentes Sobre o Funcionamento Familiar	<b>064</b>
<b>Tabela 11.</b> Perceção da Amostra Total Sobre o Funcionamento Familiar	<b>065</b>
<b>Tabela 12.</b> Perceção do Funcionamento Familiar dos Jovens e dos Pais em Termos de Comunicação e de Satisfação	<b>066</b>
<b>Tabela 13.</b> Rácios do Funcionamento Familiar	<b>067</b>
<b>Tabela 14.</b> Correlação de <i>Spearman</i> Entre as Dimensões da FACES-IV e Idades (de Adoção e Atual do Adolescente)	<b>069</b>
<b>Tabela 15.</b> Problemas de Comportamento, Sociais e Emocionais na Amostra de Adotados e na População Normativa, Percecionados Pelos Jovens	<b>071</b>
<b>Tabela 16.</b> Problemas de Comportamento, Sociais e Emocionais na Amostra de Adotados e na Amostra Clínica, Percecionados Pelos Jovens	<b>072</b>
<b>Tabela 17.</b> Correlação de <i>Spearman</i> Entre as Dimensões do YSR e Idade de Adoção	<b>073</b>
<b>Tabela 18.</b> Correlação de <i>Spearman</i> entre as Dimensões do YSR e da FACES-IV do Adolescente	<b>073</b>
<b>Tabela 19.</b> Correlação de <i>Spearman</i> Entre as Dimensões do CBCL e do YSR	<b>074</b>
<b>Tabela 20.</b> Medidas Descritivas das Dimensões do Inventário de Vinculação aos Pais e aos Pares	<b>076</b>
<b>Tabela 21.</b> Correlação de <i>Spearman</i> Entre o Inventário de Vinculação à Mãe e ao Pai e o Funcionamento Familiar, Percecionado Pelos Adolescentes	<b>077</b>
<b>Tabela 22.</b> Correlação de <i>Spearman</i> entre o Inventário de Vinculação à Mãe e ao Pai e o Funcionamento Familiar, Percecionado Pelos Pais	<b>079</b>
<b>Tabela 23.</b> Correlação de <i>Spearman</i> Entre o Inventário de Vinculação aos Pais e aos Pares e a Perceção dos Jovens Sobre o seu Comportamento Social e Emocional	<b>080</b>

<b>Tabela 24.</b> Correlação de <i>Spearman</i> Entre o Inventário de Vinculação aos Pais e aos Pares e a Percepção dos Pais Sobre o Comportamento Social e Emocional dos Seus Filhos	<b>083</b>
<b>Tabela 25.</b> Experiência de Adoção, Percecionada Pelos Adolescentes	<b>085</b>

### Índice de Gráficos

<b>Gráfico 1.</b> Grau de Comunicação Entre o Casal Quando Existiram Problemas com a Criança	<b>033</b>
<b>Gráfico 2.</b> Como os Pais se Sentem Atualmente em Relação às Características dos Filhos	<b>037</b>
<b>Gráfico 3.</b> Expectativas dos Pais Sobre a Parentalidade Adotiva	<b>038</b>
<b>Gráfico 4.</b> Nível de Felicidade da Vida Familiar como Consequência da Adoção	<b>043</b>
<b>Gráfico 5.</b> Idade da Criança Quando Questionou Sobre a Adoção	<b>048</b>
<b>Gráfico 6.</b> Grau de Satisfação com a Vida Familiar	<b>053</b>
<b>Gráfico 7.</b> Modelo Circumplexo de Olson	<b>068</b>

*“The most fundamental task for the adopted teenager is establishing a stable and secure sense of self”*

(Brodzinsky et al., 1998, p. 31)

## **Agradecimentos**

A realização deste estudo foi um processo difícil e longo, mas que foi concretizado graças à colaboração de um conjunto de pessoas às quais gostaria de agradecer:

Um agradecimento especial ao Instituto de Apoio à Criança, na pessoa da sua Presidente, Dra. Dulce Rocha, por ter considerado o projeto de interesse para o IAC e um contributo importante na área de estudos sobre a Criança e, ainda, por ter proporcionado os meios logísticos para levar a cabo esta investigação.

À minha assistente de investigação, Dra. Mara Chora, pela sua valiosa colaboração na recolha, tratamento e descrição dos dados estatísticos.

Ao meu colega e amigo, Prof. Doutor Rui Bártolo, pela revisão estatística e sugestões dadas.

Por último, mas não menos importante, aos adolescentes e às suas famílias que tão generosamente se disponibilizaram para colaborar e cujo estudo não teria sido possível sem elas.





## Resumo

A adolescência é uma das fases de desenvolvimento mais dinâmicas e influentes no desenvolvimento humano, durante a qual ocorre a construção da identidade pessoal. No caso dos adolescentes adotados este processo inclui um conjunto de questões que o levam a ter de lidar com um número acrescido de tarefas psicológicas. Este estudo pretende descrever os jovens adotados quanto ao seu desenvolvimento socioemocional, às relações sociais e familiares e ao comportamento, dando continuidade à investigação realizada por Salvaterra (2007), tratando-se por isso de um estudo longitudinal. Participaram 27 famílias portuguesas e os seus filhos adolescentes ( $n_{\text{Pais}} = 27$ ;  $n_{\text{Filhos}} = 32$ ). Foram utilizadas as seguintes medidas: Entrevista sobre a Parentalidade Adotiva – EPA-f, CBCL (pais); YSR, IPPA, Questionário sobre a Experiência na Família Adotiva, Narrativa escrita sobre o que deseja para a sua vida (adolescentes); e FACES-IV (pais e adolescentes). Os resultados indicam que os jovens adotados da nossa amostra têm uma vinculação segura aos pais, estão bem integrados na sua família e manifestam níveis elevados de satisfação com a mesma, assim como um bom ajustamento socio emocional, na perspetiva dos pais. As famílias revelaram um funcionamento equilibrado, com uma boa comunicação entre os seus membros e elevados níveis de satisfação intrafamiliar. Encontrámos, ainda, uma relação entre a qualidade da vinculação, o equilíbrio do sistema familiar e o ajustamento emocional dos jovens.



# 1. INTRODUÇÃO



## 1. INTRODUÇÃO

A adolescência é uma das fases de desenvolvimento mais dinâmicas e influentes no desenvolvimento humano. Representa a transição de ser criança, dependente dos pais, para ser um adulto autónomo. É uma fase do ciclo de vida especialmente sensível, dadas as mudanças biológicas, cognitivas, afetivas e sociais que ocorrem e também, por todo o processo de adaptação psicológica, familiar e social necessário para acomodar essas mudanças (Sampaio & Guerreiro, 2014).

A delimitação da adolescência em termos etários não é consensual entre os autores, sendo a idade cronológica um mero indicador. Enquanto a Organização Mundial de Saúde a situa entre os 10 e os 19 anos (WHO, 2014), outros autores referem os 11/12 anos como a idade inicial e consideram que pode prolongar-se até aos 18, máximo 25 anos (Ferreira & Nelas, 2016; Hawton et al., 2012; Sampaio, 2014). Se, por um lado, as alterações biológicas (e.g., transformação física e hormonal) são universais e determinam o início desta fase, por outro, as características relativas à concretização das tarefas desenvolvimentais (e.g., independência económica e social) que caracterizam o seu fim, variam consoante o contexto social, cultural e económico, prolongando mais ou menos a fase da adolescência (Ferreira & Nelas, 2016; WHO, 2014; Sampaio & Guerreiro, 2014). Alguns desenvolvimentistas definem o fim da adolescência quando o jovem começa a trabalhar e se torna independente da família (Shaffer & Kipp, 2007). Assim, dada a heterogeneidade do desenvolvimento individual e dos contextos, não é possível estabelecer uma delimitação rígida de início e de fim da adolescência (Guerreiro & Sampaio, 2013).

O facto de uma criança nascer no seio de uma determinada família e de uns pais em particular, resulta numa pertença social, étnica, religiosa e nacional. A construção da identidade pessoal é uma das tarefas mais importantes e um passo crucial da transformação do adolescente em adulto independente e autossuficiente. A criança sabe, desde sempre, aquilo que é, mas só descobre o que isso realmente significa ao longo da vida. No caso dos adolescentes adotados a construção

da sua identidade inclui um conjunto de questões que o levam a ter de lidar com um número acrescido de tarefas psicológicas, com as quais os filhos biológicos não têm de se confrontar, como sejam, o saber que é adotado e o entendimento gradual do que isso significa, o acesso à informação sobre a sua genealogia e outras informações relacionadas com a sua família biológica, designadamente, a noção de ter duas famílias, dois conjuntos de pais, a diferença entre a parentalidade biológica e a parentalidade psicológica, e ainda o lidar com o sentimento de perda dos pais biológicos e a rejeição e dor que isso envolve.

Atualmente, sabe-se que a exposição da criança nos primeiros anos de vida a fatores de *stress*, no caso das crianças adotadas, a negligência, os maus tratos, as experiências de separação das figuras parentais e a institucionalização, têm impacto no seu desenvolvimento cognitivo e socioemocional futuro e podem tornar-se fatores de risco, na fase da adolescência, que, por definição, envolve experiências de separação e de estabelecimento de novas relações.

A Teoria da Vinculação de Bowlby (1969/1982) sugere que o sistema comportamental de vinculação se mantém ao longo do ciclo de vida, passando, contudo, por mudanças significativas, nomeadamente, na relação entre a vinculação e os outros sistemas comportamentais, nas condições que os ativam e terminam, nos modelos dinâmicos internos e, ainda, mudanças no que respeita às figuras de vinculação. Os comportamentos de vinculação dos adolescentes são distintos dos comportamentos de vinculação das crianças mais novas (Allen & Land, 1999). A proximidade física das figuras de vinculação deixa de ser uma meta do sistema de vinculação, para ser substituída pela disponibilidade psicológica e pelo sentimento de segurança sobre a sua acessibilidade física, o que vai permitir ao adolescente/adulto manter a vinculação aos pais, apesar de estar cada vez mais afastado deles. Os adolescentes vão continuar a usar os pais como base-segura para desenvolverem a sua autonomia, mas é um tempo de transição entre “ser uma figura vinculada” e “tornar-se uma figura de vinculação” (Soares, 2004).

Na adolescência, a maioria dos jovens constrói outras relações próximas com adultos (membros da família alargada, professores, treinadores, entre outros) e pares (amigos, colegas de escola) que podem desempenhar um papel importan-

te na sua vida. De acordo com Ainsworth (1990), algumas dessas relações são laços, laços afetivos entre pares, outras, como as relações com professores ou treinadores, são relações protetoras e de ajuda, mas não são vínculos e têm que ver com as relações entre o sistema comportamental de vinculação e outros sistemas comportamentais.

O desenvolvimento de uma relação de vinculação entre a criança e a mãe na infância é um fenómeno normativo, sendo que a natureza desse vínculo difere consoante a qualidade da relação de vinculação estabelecida. Sabe-se que o modelo dinâmico interno da mãe, construído na sua infância e consolidado na vida adulta, vai afetar o modo como ela irá interagir com o seu filho e, assim, determinará a qualidade da relação de vinculação que a criança irá construir com a mãe. A relação entre as representações maternas e a segurança da vinculação tem um importante lugar na teoria da vinculação, continuando a ser uma questão em aberto e sujeito de pesquisa.

A investigação na área da vinculação mostra que o desenvolvimento de uma relação de vinculação segura com os prestadores de cuidados, em regra os pais, é fundamental para o bom desenvolvimento socioemocional e o ajustamento psicológico, não só na adolescência, como na vida adulta.

A maior parte dos estudos sobre a vinculação e os problemas de comportamento em crianças adotadas apresentam resultados relativamente otimistas, contudo, existem poucos trabalhos sobre estes temas com adolescentes que tenham sido adotados na primeira infância ou em idade pré-escolar.

O objetivo do presente estudo «Adolescentes Adotados: Relações Afetivas e Sociais» é descrever os jovens adotados quanto ao seu desenvolvimento socioemocional, relações sociais e familiares e comportamento, tendo em vista, quer a prevenção, quer a intervenção, considerando quais os fatores que afetam o desenvolvimento e o ajustamento dos jovens adotados e que podem conduzir a problemas de comportamento. Neste sentido, trata-se de um estudo longitudinal e inédito em Portugal, pretendendo dar continuidade à investigação realizada por Salvaterra (2007), onde foram avaliadas 106 díades mãe/criança adotadas,

que são atualmente adolescentes<sup>1</sup>, e na qual se estudaram as representações da vinculação da mãe e a qualidade da vinculação da criança à mãe, o temperamento e a percepção dos pais sobre o processo de adoção. Pretende-se que esta investigação permita compreender melhor os mecanismos envolvidos no ajustamento social e emocional das crianças adotadas e no bem-estar da família adotiva, o que poderá ajudar nos esforços ao nível da prevenção de problemas de comportamento, bem como na prática das políticas de proteção à infância, nomeadamente, da institucionalização e da adoção, melhorando a estabilidade e a personalização dos cuidados para crianças institucionalizadas e estabelecendo programas de apoio aos pais adotivos, na perspetiva de dar suporte ao desenvolvimento das crianças e dos adolescentes.

---

<sup>1</sup> Relembramos que a adolescência se caracteriza quer por alterações biológicas, quer pela concretização de determinadas tarefas desenvolvimentais, podendo esta fase ser mais prolongada (Ferreira & Nelas, 2016; WHO, 2014; Sampaio & Guerreiro, 2014). Adotámos, neste estudo, o conceito de adolescência de Shaffer e Kipp (2007), que estende o período até o jovem começar a trabalhar e se tornar independente da família.



## 2. MÉTODO

## 2.1. PARTICIPANTES

No presente estudo, de *follow-up*, participaram 27 famílias portuguesas ( $n_{\text{Pais}} = 27$ ;  $n_{\text{Filhos}} = 32$ ). Os jovens tinham idades compreendidas entre os 13 e os 23 anos ( $M = 17,59$ ;  $DP = 2,72$ ), continuavam a estudar e a viver com os pais e na sua dependência economicamente, sendo 18 rapazes e 14 raparigas. A idade da adoção variou entre 1 mês e 80 meses ( $M = 12,90$ ;  $DP = 21,24$ ), já que, no presente estudo foram incluídos irmãos adotivos que não tinham participado no estudo de 2007. Relativamente à raça, 22 jovens são de origem europeia e 10 de origem africana. As suas habilitações literárias variavam entre o 7.º ano e a licenciatura ( $M = 10,39$ ;  $DP = 1,75$ ), sendo que 10 rapazes e três raparigas já haviam sofrido, pelo menos, uma retenção escolar.

Os participantes do estudo de 2007 foram 106 crianças adotadas e as suas famílias adotivas ( $n = 100$ ), de um universo de 540 crianças de 461 famílias que adotaram no Distrito de Lisboa (exceto cidade de Lisboa), entre 1984 e 2004, segundo o critério idade das crianças (até aos 5 anos). A população estudada correspondeu às adoções realizadas pelo Serviço de Adoções do Centro Distrital de Segurança Social de Lisboa, no período de tempo acima referido.

Das famílias adotivas participantes no *follow-up*, 20 têm um filho adotado, três têm dois filhos adotados e duas famílias têm três filhos adotados; duas famílias têm dois filhos, um adotado e outro biológico. Em quatro famílias, o casal parental divorciou-se e num caso de adoção singular a mãe casou após a adoção do filho. A maioria das adoções são intrarraça ( $n = 24$ ) e oito são inter-raça.

Analisou-se a diferença entre sexos para as variáveis sociodemográficas e verificou-se não existirem diferenças significativas (Tabela 1).

**Tabela 1.**  
**Características Sociodemográficas da Amostra, Relativamente aos Jovens**

		Rapazes (n = 18)		Raparigas (n = 14)		$\chi^2$
		n	%	n	%	
<b>Raça</b>	<b>Caucasiana</b>	14	77,8	9	64,3	0,71
	<b>Negra</b>	4	22,2	5	35,7	
<b>Retenção Escolar</b>	<b>Sim</b>	10	55,6	3	21,4	3,80
	<b>Não</b>	8	44,4	11	78,6	
<b>Tipo de Adoção</b>	<b>Intrarraça</b>	15	83,3	9	64,3	1,52
	<b>Inter-Raça</b>	3	16,7	5	35,7	
		<b>M</b>	<b>DP</b>	<b>M</b>	<b>DP</b>	<b>T</b>
<b>Anos de Escolaridade</b>		10,72	1,45	10,07	2,06	1,05
<b>Idade (em anos)</b>		18,39	2,64	16,57	2,56	1,96
<b>Idade de Adoção (em meses)</b>		17,94	24,03	6,43	15,52	1,56

Nota: Nenhum dos valores dos testes é estatisticamente significativo;  $p > 0,05$ .

## 2.2. MEDIDAS

Foram usadas as seguintes medidas:

- Para os pais – Roteiro de Caracterização (Salvaterra, 2018a); Entrevista sobre a Parentalidade Adotiva – EPA-f (Palacios et al., 1995; versão portuguesa de Salvaterra, 2001, 2017); *Child Behavior Checklist* – CBCL (Achenbach, 1991; Fonseca et al., 1994); e *Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scale* – FACES-IV (Olson, 2011; adaptado por Gomes et al., 2017);
- Para os jovens – *Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scale* – FACES-IV (Olson, 2011; adaptado por Gomes et al., 2017); *Youth Self-Report* – YSR (Achenbach, 1991; Fonseca & Monteiro, 1999); *Inventory of Parent and Peer Attachment* – IPPA (Armsden & Greenberg, 1987; Neves, 1995); Questionário sobre a sua Experiência na Família Adotiva (Reinoso et al., 2012; versão portuguesa de Salvaterra, 2018b); e Narrativa escrita sobre o que deseja para a sua vida, dando o tema “Quando eu tiver 30 anos...”;

que descrevemos em seguida:

### **2.2.1. ROTEIRO DE CARACTERIZAÇÃO**

O Roteiro de Caracterização (Salvaterra, 2018a) recolheu dados sobre a idade, sexo, raça, escolaridade e idade da adoção.

### **2.2.2. ENTREVISTA SOBRE A PARENTALIDADE ADOTIVA – EPA-f**

A Entrevista sobre a Parentalidade Adotiva-f é um instrumento com base no questionário de Palacios e colaboradores (1995), «*La entrevista sobre el Proceso de Adopción*», e adaptado por Salvaterra (2001, 2017). É constituído por 92 questões que procuram caracterizar a vida familiar, estando distribuídas por quatro blocos: 1) Desenvolvimento e adaptação – questões acerca da adaptação da criança à família, que problemas os pais enfrentaram na relação com a criança e que apoios obtiveram, caracterização do desenvolvimento do jovem, grau de comunicação entre os pais, características atuais do filho, que fatores a família considera influenciarem o comportamento do jovem e como caracterizam a parentalidade adotiva; 2) A criança na família – questões acerca da integração atual do jovem, da perceção que os pais têm sobre a sua família enquanto família adotiva, das dificuldades da parentalidade adotiva, das necessidades e preocupações dos adolescentes adotados, da comunicação e comportamento do jovem com a família; 3) O conhecimento de ser adotado – questões acerca do momento da revelação e da reação da criança, de que forma os pais se prepararam para abordar o tema, se estão satisfeitos com o modo como lidaram com a situação, que conhecimentos o jovem tem e que atitudes e interesse demonstra acerca do tema, qual a perceção que os pais têm acerca da forma como as outras pessoas tratam e julgam o seu filho; e 4) Futuro e valorização global – questões que abordam as preocupações dos pais relativamente ao futuro dos filhos, o interesse em aceder a serviços especializados em adoção, o grau de satisfação com a vida familiar e com a adoção, que repercussão teve a adoção na vida familiar, o que mudaria se pudesse recuar no tempo e quais os desejos para o futuro.

Este instrumento inclui questões de resposta aberta, escolha múltipla e escalas de *Likert*, com vários pontos (consoante a questão).

### 2.2.3. FAMILY ADAPTABILITY AND COHESION EVALUATION SCALE – FACES-IV

A Escala de Avaliação da Flexibilidade e Coesão Familiar (*Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scale – FACES-IV*; Olson, 2011; adaptado por Gomes et al., 2017) é um instrumento de autorrelato que avalia o funcionamento da família a partir da percepção que os seus membros têm acerca da coesão, adaptabilidade, comunicação e satisfação com a vida familiar, podendo ser administrado a partir dos 12 anos. Foi construído de acordo com o Modelo Circumplexo de Olson, com o objetivo de desenvolver um instrumento de avaliação útil para investigação e trabalho clínico com as famílias.

O Modelo Circumplexo compreende três conceitos chave para a avaliação do funcionamento familiar. A coesão que é definida como o laço emocional que os membros da família têm uns em relação aos outros. A flexibilidade definida pela qualidade e expressão da liderança e organização, definição de papéis e a relação com as regras e a sua negociação. E, finalmente, a comunicação definida como a capacidade de comunicação positiva usada pelo casal ou pelo sistema familiar; é considerada uma dimensão facilitadora. A escala inclui, ainda, uma dimensão relativa à satisfação familiar que avalia o grau de satisfação de cada membro com o funcionamento da família (Olson, 2011, p. 65).

De acordo com o Modelo Circumplexo níveis de coesão e flexibilidade equilibrada levam a um funcionamento familiar equilibrado, enquanto níveis de coesão e flexibilidade desequilibrados (muito altos ou muito baixos) estão associados a funcionamentos familiares problemáticos (Olson, 2011, p. 65).

Assim, a FACES-IV é constituída por 62 itens, distribuídos por oito subescalas: duas equilibradas (Coesão Equilibrada e Flexibilidade Equilibrada), quatro desequilibradas (Desligada, Emaranhada, Rígida e Caótica) e, ainda, pelas subescalas da Comunicação e Satisfação familiar. Os itens são preenchidos através de uma escala de Likert de cinco pontos (1 = *Discordo Totalmente / Muito Insatisfeito* e 5 = *Concordo Totalmente / Extremamente Insatisfeito*). Pontuações mais elevadas em cada subescala traduzem-se em maior coesão, flexibilidade, satisfação e comuni-

cação, bem como em níveis mais elevados nas subescalas desligada, emaranhada, rígida e caótica.

No estudo de validação da FACES-IV para a população portuguesa, realizado por Gomes e colaboradores (2017), foram obtidos valores elevados de consistência interna para as subescalas Coesão Equilibrada ( $\alpha = 0,81$ ), Flexibilidade Equilibrada ( $\alpha = 0,70$ ), Desligada ( $\alpha = 0,71$ ), Rígida ( $\alpha = 0,76$ ) e Caótica ( $\alpha = 0,75$ ), assim como para as escalas da Comunicação ( $\alpha = 0,92$ ) e da Satisfação ( $\alpha = 0,95$ ). Apenas a subescala Emaranhada apresentou um valor mais baixo de consistência interna, porém aceitável ( $\alpha = 0,65$ ).

No presente estudo, as dimensões da FACES-IV obtiveram os seguintes valores de consistência interna:  $\alpha = 0,72$  para a Flexibilidade Equilibrada;  $\alpha = 0,74$  para a Coesão Equilibrada;  $\alpha = 0,84$  para a Comunicação;  $\alpha = 0,87$  para a Satisfação.

#### 2.2.4. CHILD BEHAVIOR CHECKLIST – CBCL

O *Child Behavior Checklist* (Achenbach, 1991) na adaptação de Fonseca e colaboradores (1994), é um instrumento que procura avaliar as competências e os problemas de comportamento, sociais e emocionais, em crianças e jovens com idades compreendidas entre os 4 e os 18 anos, ocorridos nos últimos seis meses, sendo preenchido pelos pais ou cuidadores. O CBCL é constituído por duas subescalas, uma de Competências, referente ao desempenho escolar, à participação em atividades e ao relacionamento com os pares, e outra de Síndromes. Neste estudo é utilizada apenas a Escala de Síndromes, composta por 113 itens distribuídos pelas dimensões: 1) Problemas de Ansiedade/Depressão; 2) Isolamento/Depressão; 3) Queixas Somáticas; 4) Problemas Sociais 5) Problemas de Pensamento; 6) Problemas de Atenção; 7) Comportamento Delinquente; e 8) Comportamento Agressivo.

Os itens são preenchidos através de uma escala de *Likert* de três pontos (0 = *Não verdadeira*; 1 = *Às vezes verdadeira*; e 2 = *Muitas vezes verdadeira*), sendo pedido aos pais que especifiquem o problema em alguns itens.

Este questionário dá-nos três tipos de resultados: um resultado global que representa a dimensão geral dos problemas do comportamento das crianças, um resultado para cada uma das síndromes identificadas nas diferentes dimensões que constituem o inventário e um resultado para os problemas de comportamento externalizantes e para os problemas de comportamento internalizantes ou emocionais.

O *Child Behavior Checklist*, construído a partir de dados normativos da população dos Estados Unidos, tem demonstrado ser efetivo em diferentes culturas.

No estudo de aferição do CBCL para a população portuguesa, os valores de consistência interna foram elevados para as escalas Ansiedade/Depressão ( $\alpha = 0,75$ ), Problemas de Atenção ( $\alpha = 0,82$ ), Comportamento Agressivo ( $\alpha = 0,86$ ), Internalização ( $\alpha = 0,85$ ), Externalização ( $\alpha = 0,88$ ) e Total de Problemas ( $\alpha = 0,96$ ). As restantes dimensões apresentaram valores aceitáveis para o *Alpha de Cronbach*: Isolamento/Depressão ( $\alpha = 0,68$ ), Queixas Somáticas ( $\alpha = 0,67$ ), Problemas Sociais ( $\alpha = 0,67$ ), Problemas de Pensamento ( $\alpha = 0,65$ ) e Comportamento Delinvente ( $\alpha = 0,62$ ) (Dias et al., 2017).

Neste estudo, os valores de consistência interna avaliados pelo *Alpha de Cronbach* revelaram-se elevados para a escala total ( $\alpha = 0,94$ ) e para as dimensões de Externalização ( $\alpha = 0,82$ ), Internalização ( $\alpha = 0,88$ ), Ansiedade/Depressão ( $\alpha = 0,87$ ), Isolamento ( $\alpha = 0,75$ ), Problemas Sociais ( $\alpha = 0,74$ ), Problemas de Atenção ( $\alpha = 0,75$ ) e Comportamento Agressivo ( $\alpha = 0,77$ ). Para as restantes dimensões (Problemas de Pensamento, Queixas Somáticas e Comportamento Delinvente), observaram-se valores mais baixos para a consistência, mas aceitáveis.

### 2.2.5. YOUTH SELF-REPORT – YSR

O *Youth Self-Report* de Achenbach (1991) foi traduzido e adaptado para a população Portuguesa por Fonseca e Monteiro (1999) e pertence à mesma bateria de testes do CBCL. É uma medida de autoavaliação do comportamento para adolescentes entre os 11 e os 18 anos, que avalia as competências, os problemas de comportamento e os comportamentos socialmente desejáveis. É um instrumen-

to composto por uma Escala de Competências (que não foi usada neste estudo) e por uma Escala de Síndromes, que inclui as seguintes dimensões: 1) Problemas de Ansiedade/Depressão; 2) Isolamento/Depressão; 3) Queixas Somáticas; 4) Problemas Sociais; 5) Problemas de Pensamento; 6) Problemas de Atenção; 7) Comportamento Delinquente; e 8) Comportamento Agressivo. É constituída por 112 itens, preenchidos através de uma escala de *Likert* de três pontos (0 = *Não verdadeira*; 1 = *Às vezes verdadeira*; e 2 = *Muitas vezes verdadeira*). Em alguns itens é solicitado aos jovens que especifiquem o problema.

Este questionário, à semelhança do CBCL, dá-nos três tipos de resultados: um resultado global que representa a dimensão total dos problemas do comportamento das crianças/adolescentes, um resultado para cada uma das síndromes identificadas nas diferentes dimensões que constituem o inventário e um resultado para os problemas de comportamento externalizantes e para os problemas de comportamento internalizantes ou emocionais. A partir dos *scores* obtidos nessas escalas, a criança ou adolescente pode ser incluído nas faixas clínica, limítrofe ou normal, em relação ao seu funcionamento global e nos perfis internalizante e externalizante. Para inclusão no perfil internalizante, são consideradas as dimensões Isolamento, Queixas Somáticas e Ansiedade/Depressão, e para inclusão no perfil externalizante, as dimensões avaliadas são o Comportamento Delinquente e o Comportamento Agressivo.

Os índices de consistência interna ( $\alpha$ ) variaram entre 0,70 e 0,80 (Dias et al., 2017). Neste estudo, o *Alpha* de *Cronbach* para a escala Total de Problemas é de  $\alpha = 0,85$ , para a dimensão Internalização é de  $\alpha = 0,86$  e para a dimensão Externalização é de  $\alpha = 0,80$ .

### **2.2.6. INVENTORY OF PARENT AND PEER ATTACHMENT – REVISED – IPPA-R**

O Inventário de Vinculação aos Pais e Pares é a versão portuguesa, traduzida e adaptada por Lúcia Neves (1995), do *Inventory of Parent and Peer Attachment* de Armsden e Greenberg (1987) e procura avaliar a qualidade da vinculação dos jovens, a partir dos 12 anos, à mãe, ao pai e aos amigos, nomeadamente as di-



mensões comportamentais, cognitivas e afetivas das relações atuais com os pais e com os amigos. “*Os itens deste instrumento avaliam, assim, comportamentos, cognições e estados emocionais que envolvem a confiança, a compreensão e o respeito mútuo, a acessibilidade e a responsividade das figuras e, ainda, estados emocionais como sejam a raiva, a irritação e o ressentimento dirigido a essas figuras e, ainda, a desvinculação ou o isolamento na relação*” (Neves et al., 1999, p. 41).

Esta medida tem como base a teoria da vinculação de Bowlby e pretende aceder às percepções positivas e negativas das dimensões afetiva e cognitiva das relações dos adolescentes com os seus pais e amigos próximos, nomeadamente, perceber qual o contributo destas figuras como suporte da segurança psicológica.

Esta escala de autorrelato é constituída por 75 itens, distribuídos de forma equitativa pela figura materna, pela figura paterna e pelos amigos. É respondido através de uma escala de *Likert* de cinco pontos (1 = *Nunca ou quase nunca* a 5 = *Sempre ou quase sempre*) e avalia as dimensões de Confiança, Comunicação e Alienação para as subescalas de Vinculação aos Pais e Vinculação aos Pares. A dimensão da Confiança avalia o grau de compreensão e respeito mútuo na relação de vinculação, a dimensão da Comunicação avalia a qualidade e extensão de comunicação na relação de vinculação e a dimensão da Alienação avalia sentimentos de raiva e alienação interpessoal. O cálculo das três dimensões é feito através da soma dos resultados obtidos de cada item, de acordo com aqueles que são de ordem direta e inversa, respetivamente. Valores mais elevados em cada dimensão traduzem-se em maior confiança, comunicação e alienação. O resultado total de cada subescala de Vinculação é feito através da soma dos valores obtidos nas dimensões Confiança e Comunicação e a subtração dos valores obtidos na dimensão de Alienação (Armsden & Greenberg, 1987).

De acordo com Armsden e Greenberg (1987), o resultado obtido em cada subescala é revelador daquilo que o sujeito perceciona acerca da segurança emocional que é parte integrante das relações de vinculação aos pais e aos pares. Resultados mais elevados são expressão de uma vinculação segura, onde predominaram a compreensão, disponibilidade e responsividade por parte das figuras de vinculação associadas a este tipo de relação. Contrariamente, resultados inferiores são reveladores de uma relação de vinculação marcada pela insegurança, da

qual fizeram parte figuras de vinculação que falharam ao nível da responsividade, conduzindo o sujeito a experiências negativas e de desânimo.

Os índices de consistência interna ( $\alpha$ ) relativos às escalas do IPPA foram elevados, 0,92, 0,95 e 0,93 para as subescalas Mãe, Pai e Amigos, respetivamente, o que é indicador de uma boa consistência interna (Neves et al., 1999). No nosso estudo os valores de consistência interna ( $\alpha$ ) foram mais baixos, 0,60, 0,77 e 0,60, respetivamente, para Mãe, Pai e Amigos.

### 2.2.7. EXPERIÊNCIA DA ADOÇÃO

O questionário sobre a Experiência de Adoção (Reinoso et al., 2012; adaptado por Salvaterra, 2018b) é uma escala de 21 itens (na versão da criança) dividida por quatro áreas: família (seis itens), adoção (oito itens), identidade com a cultura de origem (cinco itens) e discriminação (dois itens). A adaptação utilizada neste estudo tem 15 itens, divididos por duas subescalas: Família e Estatuto de Adotado. A subescala da Família tem sete itens, em que se questiona o jovem acerca dos seus sentimentos relativamente à família em geral e, especificamente, em relação ao pai, à mãe e aos irmãos, e acerca da sua perceção quanto à parença com os pais, quer físicas (e.g., “*Fisicamente, pareces-te com eles?*”), quer psicológicas (e.g., “*Nas tuas atitudes e maneiras de pensar, achas que te pareces com eles?*”). As respostas são dadas numa escala de Likert de cinco pontos (1 = Nada e 5 = Muito). A subescala do Estatuto de Adotado tem oito itens (e.g., “*Em comparação com outros jovens sentes-te...*”), preenchido com recurso a uma escala de Likert de cinco pontos (1 = Nada / Fácil / Igual e 5 = Muito / Difícil / Diferente).

Avaliámos a consistência interna deste instrumento através do *Alpha* de Cronbach ( $\alpha$ ) e obtivemos um valor de 0,56, mais baixo do que o encontrado por Reinoso e colaboradores (2012), dado o número reduzido da amostra dos adolescentes.

### 2.2.8. NARRATIVA ESCRITA “QUANDO EU TIVER 30 ANOS...”

Solicitou-se aos jovens que escrevessem um breve texto sobre o que desejam, futuramente, para a sua vida. O tema indicado foi “Quando eu tiver 30 anos...”.

Procurámos com este texto que os adolescentes relatassem como se perspetivavam no futuro, em termos da sua vida familiar e profissional e quanto aos seus sonhos, desejos e aspirações para a sua vida.

### **2.3. PROCEDIMENTO**

Numa primeira fase foram enviadas cartas às 100 famílias que tinham participado na primeira investigação, pedindo a sua colaboração neste estudo. Destas, apenas obtivemos resposta de 10 famílias, 19 cartas foram devolvidas, por morada desconhecida, e 71 famílias não responderam.

Numa segunda fase, para as famílias que não responderam ou que as cartas tinham sido devolvidas, procedeu-se ao contacto via telefone, que foi bem-sucedido com 47 famílias, das quais 15 não aceitaram participar e 32 aceitaram que lhes fosse enviada de novo a carta com os questionários. Foram ainda, enviadas novas cartas para 43 famílias, com as quais não tinha sido possível o contacto via telefone. Nesta segunda fase responderam 18 famílias, 49 famílias não responderam, sendo que oito cartas foram de novo devolvidas.

Foram marcadas entrevistas presenciais com as 27 famílias (27 pais e 32 adolescentes), contudo apenas foi possível contacto presencial com 17 adolescentes, um respondeu ao protocolo, mas não veio à entrevista presencial.

Foram obtidos os consentimentos informados de todos os participantes.

A análise quantitativa dos dados foi realizada com recurso ao programa informático *IBM SPSS Statistics 21.0* para *Windows*, após a introdução dos mesmos numa base de dados, e pelo *software Microsoft Excel* que calculou os resultados das dimensões do *FACES-IV*.



## 3. RESULTADOS

### 3.1. PERCEÇÃO DOS PAIS SOBRE A ADOÇÃO

**A** Entrevista sobre a Parentalidade Adotiva (EPA-f) foi preenchida pelos pais, relativamente a 32 jovens.

Os dados obtidos permitiram-nos caracterizar a dinâmica do processo de adoção, bem como as características das crianças adotadas e as relações familiares nas famílias adotivas, segundo a perspetiva dos pais adotivos, em quatro áreas específicas: desenvolvimento e adaptação na família adotiva, a criança na família, o conhecimento de ser adotado e o futuro e valorização global.

#### 3.1.1. DESENVOLVIMENTO E ADAPTAÇÃO

Questionaram-se os pais acerca da **adaptação do seu filho adotado à família (Q1)**, ao que a grande maioria dos pais ( $n = 30$ ; 93,8%) respondeu que a adaptação correu “muito bem”, para uma família (3,1%) correu “bem” e para outra (3,1%) “assim/assim”.

À questão sobre **quais foram os principais problemas com que tiveram de lidar (Q2)**, a maioria ( $n = 13$ ; 40,6%) das famílias não assinalou qualquer problema, sete (21,9%) referiram problemas de comportamento (e.g., birras, agressividade, irritabilidade), cinco (15,6%) famílias mencionaram problemas específicos relacionados com a adoção (e.g., dificuldades na vinculação, medo do abandono, pedir para falar com a psicóloga do processo de adoção) e três (9,4%) famílias indicaram problemas “normais” que existem nas relações pais/filhos; quatro (12,5%) famílias não responderam.

Acerca dos **problemas nas relações dentro da família (Q3)** ( $n = 28$ ; 87,5%), os pais assinalaram dificuldades no relacionamento da criança com os pais e com outros familiares ( $n = 4$ ; 12,5%) (e.g., “*Não gostava de adultos de um modo geral. Desconfiava de todos, pelo que a relação com tios, avós, foi-se fazendo lentamente. Sempre quis proteger os irmãos.*”), dificuldades da família em aceitar a criança ( $n = 2$ ; 6,3%) (e.g., “*O irmão já tinha 4 anos e teve muitos ciúmes. Houve uma avó que no*

*início teve alguma dificuldade em aceitar uma neta de outra etnia.”), ocorrência de situações comuns da parentalidade (n = 2; 6,3%) (e.g., “Comportava-se de forma normal, embora às vezes fizesse algumas «maldades» à avó (que cuidava dele)...”) e dificuldades relacionadas com a vida prévia à adoção (n = 1; 3,1%) (“...não gostava... da palavra «avó» isto que foi bastante maltratado na família de acolhimento a quem chamavam «avós».”). Grande parte das famílias (n = 19; 59,4%) referiu ter ocorrido uma boa integração ou mencionou a inexistência de situações relevantes.*

Quando questionados sobre **problemas da criança na relação com vizinhos e amigos (Q4)** (n = 28; 87,5%), apenas duas (6,3%) famílias descreveram dificuldades no estabelecimento dessa mesma relação (“Não é um miúdo sociável para vizinhos. Amigos depois de algum tempo.”; “Discutia muito com as crianças da sua idade.”). As restantes famílias (n = 26; 81,3%) mencionaram não terem existido problemas ou que a relação sempre foi positiva.

Foi, também, pedido aos pais que especificassem eventuais **problemas ao nível escolar, na relação com professores e colegas (Q5)** (n = 29; 90,6%). As famílias indicaram dificuldades no estabelecimento e manutenção da relação (n = 5; 15,6%) (e.g., “... dificuldade em se relacionar com alguns colegas e quando se enervava com eles chegava a perder o controlo e a bater-lhes...”), problemas relacionados com o seu estatuto de adotado (e.g., “Na pré-escola a educadora teve uma atitude que mostrou falta de tato... que fez com que a nossa filha se tivesse sentido na obrigação de dizer que era adotada...”), problemas relacionados com o tom de pele da criança (n = 2; 6,3%) (“... Por vezes foi questionado pelo facto de ter um pai branco.”; “Racismo.”), uma família (3,1%) relatou que o filho sofreu bullying, outra (3,1%) mencionou desinteresse escolar por parte da criança e outra (3,1%) que o filho tendia a manter relações de amizade com alunos que evidenciavam comportamentos desadaptativos. Para os restantes adolescentes, os pais (n = 16; 50%) indicaram que as suas vivências neste contexto foram pautadas por situações normais que acompanham a idade ou que não existiram problemas relevantes a relatar.

Sobre os **apoios com que contaram para resolver esses problemas (Q6)**, 14 (43,7%) pais mencionaram o apoio mútuo, sete pais (21,9%) referiram

não ter recebido qualquer apoio e seis (18,8%) não responderam. Para além do apoio mútuo, os pais referiram, cumulativamente, o apoio de familiares e amigos ( $n = 11$ ; 34,3%), de outros profissionais ( $n = 6$ ; 18,7%) e, ainda, de outros apoios ( $n = 8$ ; 25%), tendo identificado como suporte formal “psicólogos”, “terapeutas”, “pedopsiquiatra” e o “serviço de adoções”, e como suporte informal “professores e colegas”, “atividades desportivas, escola de música e catequese”.

Perguntou-se aos pais se **ao longo do tempo notaram algumas alterações no seu filho em relação a saúde e crescimento, desenvolvimento psicológico, relações com os membros da família, relações com as outras crianças/adolescentes e adaptação e rendimento escolar (Q7-11)** e obtivemos as respostas que podemos observar na Tabela 2:

**Tabela 2.**  
*Alterações na Criança/Jovem ao Longo do Tempo*

	<b>Alterações para melhor</b>	<b>Sem alterações</b>	<b>Alterações para pior</b>
<b>Saúde e crescimento</b>	15 (46,9%)	17 (53,1%)	-
<b>Desenvolvimento psicológico</b>	13 (40,6%)	16 (50,0%)	3 (9,4%)
<b>Relações com os membros da família</b>	11 (34,4%)	17 (53,1%)	4 (12,5%)
<b>Relações com outras crianças/adolescentes</b>	11 (34,4%)	19 (59,4%)	1 (3,1%)
<b>Adaptação e rendimento escolar</b>	11 (34,4%)	13 (40,6%)	7 (21,9%)

Questionaram-se os pais acerca da **ocorrência de acontecimentos especialmente dolorosos ou preocupantes na família (Q12)** desde que a criança chegou a casa, sendo referido por seis (18,8%) famílias a doença ou a morte de familiares; quatro (12,5%) famílias relataram problemas de saúde da criança; foram, ainda, mencionadas pelas famílias situações que envolviam comportamentos, birras e crises da criança ( $n = 2$ ; 6,2%), dificuldades na relação da criança com a mãe e o divórcio dos pais ( $n = 1$ ; 3,1%), dificuldades na relação com o outro ( $n = 1$ ; 3,1%), dificuldades na adaptação escolar ( $n = 1$ ; 3,1%), e 10

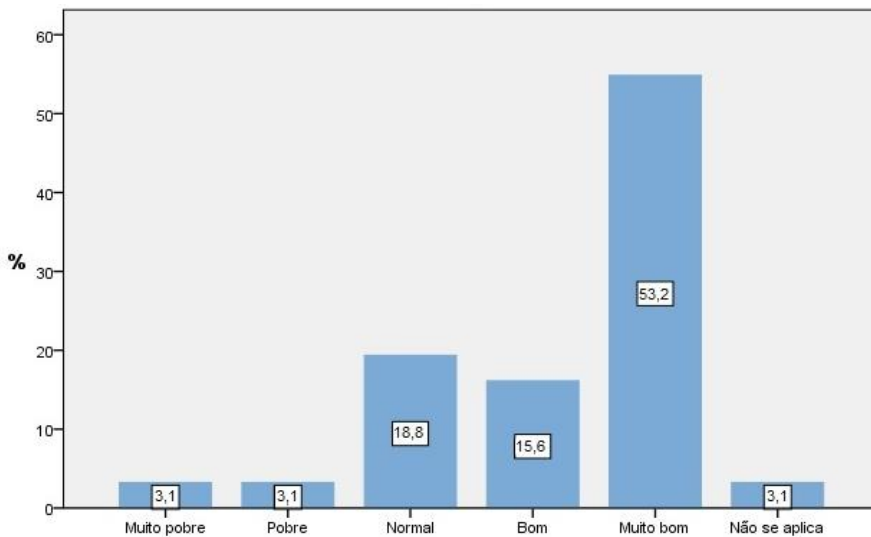


(31,3%) famílias afirmaram não terem existido situações especialmente dolorosas ou preocupantes; sete famílias (21,9%) não responderam.

Relativamente ao **grau de comunicação entre o casal (Q13)**, nos momentos em que existiram problemas com o filho e a propósito dos problemas deste, 17 (53,2%) famílias responderam que o seu grau de comunicação era “muito bom”; cinco (15,6%) famílias reportaram o grau de comunicação como sendo “bom”; seis (18,8%) famílias referiram que era “normal”; uma (3,1%) família identificou a comunicação como sendo “pobre”; e outra (3,1%) como “muito pobre”. Para uma família esta questão não se aplicou, por terem deixado de existir contactos entre os pais após a separação do casal e um afastamento em relação à criança; uma família não respondeu (Gráfico 1).

**Gráfico 1.**

***Grau de Comunicação Entre o Casal Quando Existiram Problemas com a Criança***



Foi pedido aos pais para **descreverem o seu filho na atualidade (Q14)**, sendo obtidas respostas de 31 (96,9%) famílias. A forma como os pais descrevem o jovem é, maioritariamente, muito positiva e favorável. Contudo, alguns pais referiram preocupações com o comportamento dos seus filhos. Foi realizada

uma análise de conteúdo das respostas e verificámos que os adolescentes foram caracterizados relativamente aos seguintes aspetos:

• **Estado emocional e psicológico:**

- o Adaptativo ( $n = 10$ ; 31,3%). Exemplos: “Adolescente típico.”; “É um jovem normal.”; “Equilibrado. Confortável com a sua história. Feliz.”;
- o Que gera preocupação aos pais ( $n = 14$ ; 43,8%). Exemplos: “Sem objetivos... desinteressado”; “...com baixa autoestima, o que a faz muitas vezes ter pouca confiança nela e no que se passa com ela.”; “...impulsivo e exterioriza pouco os seus sentimentos.”.

- **Características pessoais:** Os pais definiram os filhos como sendo jovens afetuosos ( $n = 10$ ; 31,3%) (e.g., “muito amigo... É doce.”), sociáveis e ativos ( $n = 9$ ; 28,1%) (e.g., “social”; “comunicativa”; “impulsionador”), alegres e divertidos ( $n = 7$ ; 21,9%) (e.g., “muito alegre, conta piadas”), inteligentes ( $n = 5$ ; 15,6%), teimosos ( $n = 4$ ; 12,5%) (e.g., “Teimoso, a idade do armário”; “Personalidade forte o que a leva a ser às vezes muito teimosa”), introvertidos ( $n = 4$ ; 12,5%) (e.g., “precisa do seu tempo para se inserir/socializar e tem o seu ritmo”; “Reservado”), bem como autónomos e independentes ( $n = 3$ ; 9,4%) (e.g., “Uma jovem independente”; “Procura autonomizar-se dos pais”). Os adolescentes foram, também, descritos em termos da sua conduta ( $n = 9$ ; 28,1%) (e.g., “sincero”; “adora ajudar”; “trabalhadora”; “honesto”), da sua responsabilidade ( $n = 6$ ; 18,8%) (e.g., “assíduo, pontual, responsável”; “matura para a idade, por vezes irresponsável”) e do seu nível de organização ( $n = 3$ ; 9,4%) (e.g., “desarrumado”; “organizado”).

• **Relacionamento com a família:**

- o Adaptativo ( $n = 5$ ; 15,6%). Exemplos: “muito atencioso e cuidadoso connosco (pais)”;
- o Que gera preocupação aos pais ( $n = 7$ ; 21,9%). Exemplos: “Tem alguns ciúmes da irmã, nossa filha biológica, ciúmes que tem vindo a ultrapassar.”; “mal-educado

(apenas connosco), evita dialogar connosco.”; “Às vezes agressivo naquilo que diz, principalmente aos pais.”.

- **Relacionamento com amigos e conhecidos:**

- o Adaptativo ( $n = 8$ ; 25%). Exemplos: “Muito sensível e ciosa das suas amizades.”; “Relaciona-se bem com adultos e crianças.”; “é uma adolescente agradável com todos... Educada com as pessoas.”;

- o Que gera preocupação aos pais ( $n = 1$ ; 3,1%). Exemplo: “Não sociabiliza... nem com os colegas.”.

- **Atividades ou interesses comuns a outros jovens** ( $n = 4$ ; 12,5%). Exemplos: “Gosta de eventos familiares e de sair à noite com os amigos, em doses que consideramos adequadas.”; “Gosta de cinema, de sair, de música...”.

- **Desempenho escolar** ( $n = 4$ ; 12,5%). Exemplos: “Não gosta de estudar e teve 3 anos para concluir o 12.º ano.”; “É empenhado, embora revele dificuldades nas áreas da matemática e afins. É um aluno médio.”; “boa aluna”.

- **Aspetos físicos** ( $n = 5$ ; 15,6%), em termos de saúde ou aparência físicas. Exemplos: “Uma menina muito bonita”; “boa desportista”.

- As famílias fizeram, ainda, **outras referências** ao descreverem os seus filhos adolescentes ( $n = 11$ ; 34,4%), tais como “descomplicada”, “adora os animais”, “É espetacular”, “Gosta de ser sempre muito esclarecida sobre tudo”, “com muitos sonhos”, entre outras.

Como se pode verificar, embora a maioria dos adolescentes exiba um conjunto de características semelhantes aos jovens da sua faixa etária, há alguns que geram preocupação aos pais, quer pelo seu estado emocional, quer ao nível do relacionamento para com eles. Mas, em regra, os pais fizeram atribuições muito positivas aos seus filhos.

As famílias avaliaram as **características atuais dos seus filhos no que respeita à saúde e ao crescimento, ao desenvolvimento psicológico, à relação**

com o pai, à relação com a mãe, à relação com os irmãos, à relação com outros familiares, à relação com outras crianças/adolescentes e à adaptação escolar (Q15-22), como se pode observar na Tabela 3.

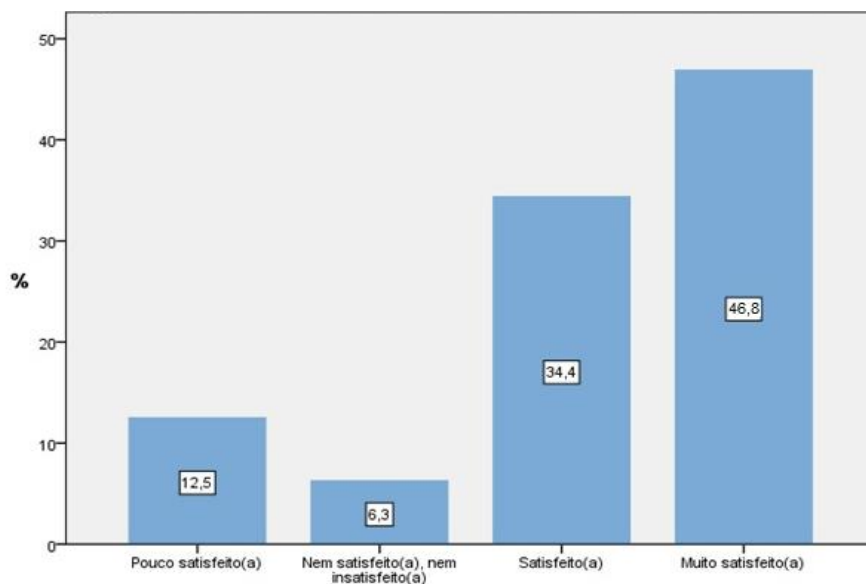
**Tabela 3.**  
*Características Atuais dos Filhos*

	Muito mal	Mal	Normal	Bem	Muito bem
<b>Saúde e crescimento</b>	-	1 (3,1%)	4 (12,5%)	8 (25,0%)	19 (59,4%)
<b>Desenvolvimento psicológico</b>	-	3 (9,4%)	7 (21,9%)	14 (43,8%)	7 (21,9%)
<b>Relação com o pai</b>	1 (3,1%)	2 (6,3%)	6 (18,8%)	10 (31,3%)	12 (37,5%)
<b>Relação com a mãe</b>	1 (3,1%)	1 (3,1%)	3 (9,4%)	12 (37,5%)	15 (46,9%)
<b>Relação com os irmãos</b>	-	1 (3,1%)	2 (6,3%)	2 (6,3%)	8 (25%)
<b>Relação com outros familiares</b>	-	1 (3,1%)	3 (9,4%)	12 (37,5%)	15 (46,9%)
<b>Relação com outras crianças/adolescentes</b>	-	2 (6,3%)	3 (9,4%)	11 (34,4%)	15 (46,9%)
<b>Adaptação e rendimento escolar</b>	1 (3,1%)	7 (21,9%)	9 (28,1%)	8 (25%)	4 (12,5%)

Como se pode verificar a maioria das famílias faz uma avaliação positiva ou muito positiva sobre o desenvolvimento dos seus filhos.

Face às **características dos seus filhos**, os pais foram questionados em que medida se sentiam **satisfeitos com as mesmas (Q23)**. Para 15 (46,8%) adolescentes os pais responderam estar muito satisfeitos, para 11 (34,4%) adolescentes responderam estar satisfeitos, para dois (6,3%) adolescentes os pais não estão satisfeitos, nem insatisfeitos e para quatro (12,5%) adolescentes os pais responderam estar pouco satisfeitos (Gráfico 2).

**Gráfico 2.**  
**Como os Pais se Sentem Atualmente em Relação às Características dos Filhos**



Sobre em que medida os pais consideram que **determinadas condições estão a influenciar o comportamento dos seus filhos (Q24-28)**, podemos constatar na Tabela 4 as respostas:

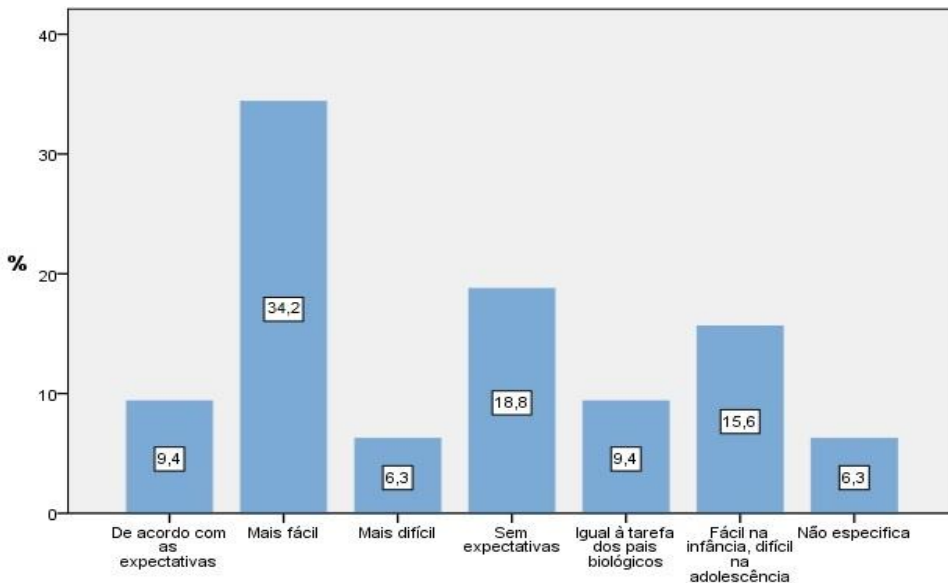
**Tabela 4.**  
**Condições que Estão a Influenciar o Comportamento dos Filhos**

	Nada	Pouco	Alguma coisa	Muito
<b>Os antecedentes genéticos</b>	10 (33,3%)	4 (13,3%)	13 (43,3%)	1 (3,3%)
<b>As 1.<sup>as</sup> experiências de vida, prévias à adoção</b>	18 (56,3%)	3 (9,4%)	3 (9,4%)	5 (15,6%)
<b>As experiências na vossa família</b>	5 (16,1%)	3 (9,7%)	3 (9,7%)	20 (64,5%)
<b>Os amigos que tem e o bairro onde vive</b>	8 (25,0%)	5 (15,6%)	6 (18,8%)	13 (40,6%)
<b>A escola</b>	3 (9,7%)	8 (25,8%)	10 (32,3%)	10 (32,3%)

Como podemos verificar na tabela 4, a maioria dos pais valoriza, sobretudo, as experiências dos filhos na sua família adotiva e enfatiza muito pouco as experiências prévias à adoção.

Relativamente à **expectativa que os pais tinham sobre a parentalidade adotiva, se foi mais fácil ou mais difícil do que esperavam (Q29)**, os pais reportaram para 11 (34,2%) jovens que foi mais fácil do que aquilo que esperavam; para seis (18,8%) jovens, os pais indicaram que não tinham expectativas; para cinco (15,6%), os pais consideraram que a infância foi um período fácil e que sentiram mais dificuldades durante a adolescência; para três (9,4%) jovens, os pais mencionaram que o grau de dificuldade seria igual à tarefa dos pais biológicos; para três (9,4%), a dificuldade que os pais sentiram estava de acordo com as suas expectativas; para dois (6,3%) jovens, os pais consideraram que foi mais difícil do que esperavam; e dois pais (6,3%) não especificaram se sentiram dificuldades (Gráfico 3).

**Gráfico 3.**  
**Expectativas dos Pais Sobre a Parentalidade Adotiva**



Referiram-se deste modo:

*“Foi mais fácil devido à idade com que a criança foi adotada.”*

*“Foi semelhante à tarefa de educar a nossa outra filha biológica.”*

*“O processo, embora longo, correu muito bem e o que se seguiu foi uma história de amor e encontro mútuo. Por isso, sim, foi o melhor que nos aconteceu.”*

*“Eu (a mãe) em particular estava com receio de que a adoção não corresse bem. Fiquei surpreendida com a facilidade. O pai é mais confiante e não esperava grandes dificuldades. Resumindo: a tarefa não foi mais difícil.”*

*“Não senti qualquer diferença em relação ao filho biológico.”*

*“Considero normal, não tenho referenciais que possam levar a concluir outra avaliação.”*

*“Para mim foi ótimo ser pai, nem me lembro que o meu filho é adotado. A adoção foi, desde cedo, tema de conversa, pontual. Nunca houve tabus!”*

### 3.1.2. A CRIANÇA NA FAMÍLIA

Os pais avaliaram em que medida o seu filho se encontra **atualmente integrado na família (Q30 e Q31)**, sendo referido que 30 (93,8%) adolescentes estão plenamente integrados e apenas dois (6,2%) se encontram pouco integrados. As razões apresentadas pelos pais para a sua plena integração são:

- a idade com que a criança foi adotada ( $n = 6$ ; 18,8%) (e.g., *“Porque ninguém se lembra que ela é adotada. Sempre cá esteve, é a sensação que tenho.”*; *“foi adotada com 3 meses e não revela qualquer inadaptação.”*);
- a existência de relação afetiva e de sentimento de pertença ( $n = 6$ ; 18,8%) (e.g., *“Porque a identificação é mútua. O nosso filho é parte integrante da família nuclear e alargada. Foi acolhido com muito amor.”*; *“Apesar de manifestar vontade de conhecer as origens, manifesta uma forte vinculação e sentimento de pertença à família.”*);
- a aceitação da criança pela família alargada ( $n = 4$ ; 12,5%) (e.g., *“É vista e aceite pela família como um membro de pleno direito. Não há qualquer diferença em relação aos restantes membros da família.”*; *“Porque não é visto como uma pessoa que veio de fora, mas sim como uma pessoa que pertence ao grupo.”*);

- a inexistência de problemas associados à adoção ( $n = 3$ ; 9,4%) (e.g., “Nunca houve qualquer situação que perturbasse a integração.”);
- a semelhança com a filiação biológica ( $n = 2$ ; 6,3%) (“Porque não existe diferença absolutamente nenhuma entre ser adotiva ou caso fosse biológica.”; “Não conheceu outra realidade familiar que não a nossa, logo está tão integrada quanto estaria se fosse filha biológica.”);
- e a participação do jovem na vida familiar ( $n = 1$ ; 3,1%) (“Está integrada no dia-a-dia, compreende as questões familiares e colabora na sua resolução. Interage com pais e restante família. Participa nas decisões/opções.”).

Foram, ainda, mencionadas outras respostas acerca da integração do adolescente ( $n = 4$ ; 12,5%), como “O meu filho diz que um dia também vai adotar. O que nos deixa muito felizes.” e “É a sua família!”.

As famílias que avaliaram os filhos como pouco integrados apresentaram como motivos a ocorrência de acontecimentos externos que afetaram o adolescente (e.g., “Estava totalmente integrada. Os acontecimentos dos últimos 15 meses desencadearam muitos problemas e tivemos de recorrer às consultas com a psicóloga.”) e a recusa do jovem em participar na vida familiar.

Questionou-se, também, se existe **algum familiar que não considere o jovem como um membro da família (Q32)**. Para 28 (87,5%) adolescentes, os pais indicaram que isso não acontece, porém para quatro (12,5%) adolescentes essa situação verifica-se. Destes quatro adolescentes que são rejeitados por elementos da família, dois são-no por tios e um pelos primos afastados. Os pais referiram (Q33), também, que três desses adolescentes percebem o receio/rejeição dos seus familiares, ignorando a situação e reagindo com indiferença, à exceção de um jovem que, segundo os pais, não percebe a situação.

Ao pedido de **comparar a sua família com as outras, pelo facto de ter um filho adotado (Q34)**, 27 (84,3%) pais referiram que a sua família é semelhante às convencionais, três (9,4%) responderam que a família é parcialmente diferente das restantes e dois (6,3%) mencionaram que a sua família é muito diferente das restantes, pelo facto de ser constituída por fratrias.



À questão **se existem coisas que tornam mais difícil ser mãe/pai adotivo do que mãe/pai biológico (Q35)**, 23 (71,9%) pais responderam que não e nove (28,1%) pais responderam que sim, tendo referido **(Q36)** questões dos próprios adolescentes acerca da adoção, o receio de que o filho considere que as exigências dos pais estão relacionadas com o estatuto de adotado, a história de vida, a aceitação da família e questões de autoridade.

Sobre **se os pais consideram que os filhos adotados têm necessidades que não têm os biológicos (Q37)**, os pais responderam em 19 (59,3%) casos que não existem necessidades específicas, para 10 (31,3%) os pais mencionam que sim e três (9,4%) não responderam. Relativamente ao **tipo de necessidades (Q38)** que consideram que os adolescentes adotados têm, cinco (15,6%) pais referiram questões relacionadas com o sentimento de rejeição, três (9,4%) mencionaram o conhecimento das origens, uma (3,1%) família referiu ser necessário demonstrar mais carinho e afeto, e quatro (12,5%) pais não identificaram nenhuma necessidade específica.

À questão **se acreditam que os filhos adotados têm preocupações que não têm os filhos biológicos (Q39)**, os pais responderam maioritariamente ( $n = 21$ ; 65,6%) que sim e nove (28,1%) que não. Seguidamente, os pais identificaram que tipo de preocupações consideram que os seus filhos têm **(Q40)** e 10 (31,2%) pais mencionaram o conhecimento das origens e das razões da sua adoção, nove (28,1%) identificaram o medo de serem rejeitados e dois (6,3%) pais referiram questões relacionadas com o estatuto de adotado.

Atendendo ao facto de existir um filho adotado, perguntámos aos pais **se consideram que surgem alguns problemas que não ocorrem nas famílias convencionais (Q41)** e 26 (81,2%) pais responderam que não, enquanto seis (18,8%) mencionaram que sim, identificando como problemas as questões relacionadas com o medo de abandono e rejeição, a necessidade de trabalhar a autoestima dos adolescentes e as dinâmicas familiares associadas ao facto da criança e dos pais adotivos terem de assimilar a existência de uma outra família.

À questão sobre a **semelhança entre a educação que é dada a um filho adotivo e a um filho biológico (Q42)**, a maioria ( $n = 29$ ; 90,6%) dos pais

respondeu que era igual, um (3,1%) afirmou que era diferente, por ser necessária mais tolerância e pelo facto do seu filho ser muito desafiante, e dois (6,3%) pais responderam que não sabiam.

Relativamente à **demonstração de afeto (Q43)**, a maioria ( $n = 28$ ; 87,4%) dos pais considerou que não há que mostrar mais afeto aos filhos adotados, que aos filhos biológicos. Contudo, quatro (12,5%) pais mencionaram que sim, acrescentando que *“depende do perfil da criança e do contexto familiar”*, que o afeto deve *“ser mais explícito”* e que *“é necessário reforçar as demonstrações de afeto e cuidados”*, por forma a fomentar vínculos e o sentimento de pertença.

No que respeita à **exigência para com o filho adotado (Q44)**, a maioria ( $n = 28$ ; 87,4%) dos pais indicou que deverá ser igual à de um filho biológico; dois (6,3%) pais referiram que deve ser diferente, uma vez que existiram *“lacunas e traumas graves na sua infância que deixaram marcas”*, bem como falta de *“regras impostas desde logo, e que [a criança] não conhecesse negligência e abandono”*; dois (6,3%) pais demonstraram ter uma posição intermédia, mencionando que *“as vidas se refazem e há que trabalhar nisso... há lacunas no crescimento do filho adotado que têm de ser enquadradas na vida dele”*.

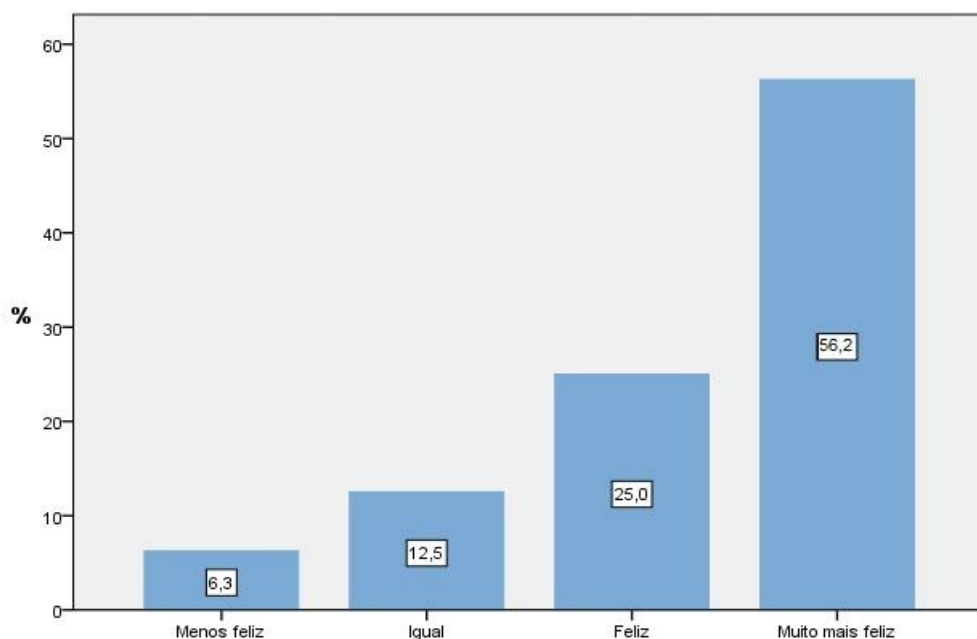
Os pais foram questionados se, quando o seu filho faz algo que não gostam ou que não entendem, pensam que esse **comportamento tem que ver com o facto de ser adotado (Q45)** e apenas uma família (3,1%) respondeu que os comportamentos poderiam estar relacionados com a adoção.

Todos os pais referiram que as pessoas do seu **meio envolvente (família, amigos e vizinhos) consideram a criança adotada como mais um membro da família (Q46)**.

Os pais avaliaram o **nível de dificuldade da sua vida familiar como consequência da adoção (Q47)** e 20 (62,5%) famílias responderam que foi “igual”, para cinco (15,6%) famílias foi “difícil”, quatro (12,5%) famílias responderam que foi “muito mais fácil”, para uma (3,1%) família foi “fácil” e para outra (3,1%) foi “muito mais difícil”. Uma família não respondeu.

Da mesma forma, os pais avaliaram o **nível de felicidade da sua vida familiar, como consequência da adoção (Q48)**, e para 18 (56,2%) pais a sua vida familiar foi “muito mais feliz”, para oito (25%) foi “feliz”, para quatro (12,5%) foi “igual” e para dois (6,3%) pais foi “menos feliz”, mencionando os pais, num dos casos, que essa situação se deveu à relação do adolescente com a mãe e, no outro, devido aos comportamentos difíceis do filho (Gráfico 4).

**Gráfico 4.**  
**Nível de Felicidade da Vida Familiar Como Consequência da Adoção**



Os pais identificaram **quais os membros da família com quem os adolescentes têm uma comunicação mais estreita (Q49)**. Foi referido que 16 (50%) adolescentes têm uma comunicação mais próxima com a mãe (em quatro casos com a mãe e irmão, e noutro com a mãe e avô materno), 14 (43,8%) comunicam de forma indistinta com a mãe e com o pai (sendo que três, também com o irmão), um (3,1%) comunica preferencialmente com o pai e outro (3,1%) não mantém uma comunicação estreita com ninguém.

Segundo os pais, o comportamento habitual **quando o seu filho tem algum problema (Q50)** é em 11 (34,4%) casos pedir ajuda a ambos os pais, 11 (34,4%) adolescentes pedem ajuda à mãe, seis (18,8%) adolescentes não pedem ajuda a ninguém e tentam resolver o problema por si mesmos, um (3,1%) jovem pede ajuda ao pai, um (3,1%) jovem pede ajuda ao(s) irmã(os) ou outro elemento da família, um (3,1%) jovem pede ajuda ao(s) irmã(os) ou tenta resolver o problema sozinho e outro (3,1%) jovem procura resolver o problema sozinho ou com a ajuda do psicólogo.

Relativamente à **satisfação com o nível de comunicação com o filho (Q51)**, 12 (37,5%) pais responderam estar “muito satisfeitos”, cinco (15,6%) pais indicaram estar “satisfeitos”, sete (21,9%) consideraram que a comunicação era “normal”, não se mostrando nem satisfeitos, nem insatisfeitos, sete (21,9%) pais mencionaram estar “insatisfeitos” e um (3,1%) referiu estar “muito insatisfeito” com a comunicação entre ambos.

Pedimos para os pais classificarem a **forma como o seu filho se comporta habitualmente com os membros da família (Q52-54)** (Tabela 5):

**Tabela 5.**  
*Comportamento do Jovem com a Família*

	Muito fria	Fria	Normal	Afetuosas	Muito afetuosa
<b>Com a mãe</b>	1 (3,1%)	1 (3,1%)	5 (15,6%)	14 (43,8%)	10 (31,3%)
<b>Com o pai</b>	-	2 (6,3%)	8 (25%)	13 (40,6%)	6 (18,8%)
<b>Com os irmãos</b>	-	1 (3,1%)	2 (6,3%)	8 (25%)	3 (9,4%)

Como podemos verificar na tabela 5, a maior parte dos jovens mantém uma comunicação “afetuosa” ou “muito afetuosa” com a família.

Perguntou-se, também, aos pais se **quando existe um aborrecimento ou problema de disciplina há alguma probabilidade de se falar sobre a**

**adoção (Q55)** e a maioria dos pais ( $n = 31$ ; 96,9%) respondeu que não; apenas uma (3,1%) família referiu que era provável abordar esse assunto.

Quando questionados se **alguma vez chegaram a dizer ao filho que podiam devolvê-lo à família biológica ou à instituição de acolhimento (Q56)** quase todos ( $n = 31$ ; 96,9%) os pais responderam que não, apenas uma (3,1%) família mencionou que o fizeram uma ou duas vezes.

### 3.1.3. O CONHECIMENTO DE SER ADOTADO

No que diz respeito à **idade que a criança tinha quando os pais falaram com ela pela primeira vez sobre a adoção (Q57-60)**, para 17 (53,2%) adolescentes ocorreu antes dos 4 anos, para nove (28,1%) adolescentes, entre os 4 e os 6 anos, para cinco (15,6%) adolescentes entre os 6 e os 9 anos e para um (3,1%) jovem a conversa decorreu entre os 9 e os 12 anos. As famílias referiram em 11 (34,4%) casos que foram as **crianças que perguntaram sobre o assunto** e que dirigiram a pergunta à mãe. Para 21 (65,6%) adolescentes a conversa foi iniciada pelos pais.

Os pais que referiram terem sido os seus filhos a questioná-los sobre a adoção, descrevem a pergunta desta forma:

*“Eu vim da tua barriga?”*

*“Não nos lembramos, mas veio a propósito da cor da pele.”*

*“Como era na outra família? Como é que era eu quando nasci?”*

Nos casos em que a questão não partiu da criança, os pais descrevem da seguinte forma:

*“Não houve pergunta. Referiu ter estado na minha barriga. E eu disse que tinha estado no meu coração.”*

*“Foi uma conversa franca quando alguns amigos da idade dela começaram a ter irmãos.”*

*“Mãe na escola está lá um menino que diz que tu não és minha mãe.”*

*“Sendo ele de [local de nascimento], fomos-lhe dizendo com naturalidade, fazendo referência a um arquipélago lindíssimo de onde provém.”*

Acerca do **momento em que ocorreu a primeira conversa sobre a adoção (Q61)**, os pais indicaram para 28 (87,4%) adolescentes que decorreu de forma natural, para um (3,1%) jovem esta conversa foi iniciada por outros, para um (3,1%) jovem a conversa deu-se de forma inesperada e para outro (3,1%) aconteceu de forma natural, porém inesperada. Uma família não respondeu.

Questionámos os pais sobre como se **prepararam para abordar o assunto, antes do tema surgir (Q62)** e 17 (53,2%) famílias referiram que falaram entre si acerca do tema, destas, para além disso, 10 (31,2%) consultaram um profissional e sete (21,9%) leram livros; sete (21,9%) pais referiram apenas que consultaram um profissional e/ou leram livros. Em sete (21,9%) casos, os pais reportaram que não se prepararam e um não respondeu.

Sobre a forma **como os pais decidiram falar com o seu filho sobre o facto de ter sido adotado (Q63)**, todos responderam que o procuraram fazer de uma forma natural, usando diferentes estratégias, das quais transcrevemos alguns exemplos:

*“Achámos que seria o melhor contar sempre a verdade.”*

*“Da 1.ª vez a conversa foi curta porque ela se deu por satisfeita. Era pequena. Da 2.ª vez esteve relacionada com o problema na escola primária e a conversa foi mais longa e com muitas lágrimas.”*

*“Fomos contando histórias ao longo dos anos até achar que ele tinha entendimento para a palavra adoção.”*

*“O mais natural possível, dizendo que éramos pais do coração.”*

*“Com histórias de livros, e de uma forma natural e saudável.”*

*“Lemos um livro e vimos um filme.”*

Os pais referiram que **quem falou com a criança acerca da adoção (Q64)**, em 19 (59,3%) casos foram ambos os pais, para nove (28,1%) adolescentes foi a mãe que conversou sobre o assunto e para dois (6,3%) adolescentes foi a mãe e outros, nomeadamente, a irmã e pessoas que rodeavam a criança. Dois pais não responderam.

Quanto à **explicação que deram ao seu filho sobre a razão de o terem adotado (Q65)** seguem-se alguns exemplos:

*“Que não podíamos ter mais filhos.”*

*“Falámos no facto de nós como casal precisarmos de um filho e de ela precisar de uma família. Considerámos este encontro muito feliz.”*

*“Que a mãe biológica teve um ato de coragem quando decidiu que ele ficaria bem com outra família.”*

*“Algo do género que gostávamos tanto, tanto dela que em vez de crescer na barriga cresceu no coração dos dois ao mesmo tempo.”*

*“Que ser adotado é ser escolhido e dissemos a verdade: não podíamos ter filhos e por isso adotámos. Já havia um irmão adotado também.”*

*“Que a sua mãe biológica não dispunha de condições para o criar e quis que o seu filho fosse adotado por um casal que o amasse e educasse como seu filho legítimo.”*

*“Contámos a verdade. Salvaguardando sempre a dignidade dos pais biológicos.”*

Foi pedido aos pais que avaliassem o **grau de satisfação relativamente à forma como trataram o tema (Q66)** e 18 (56,2%) pais responderam que foi “muito satisfatório”, sete (21,9%) pais indicaram que foi “satisfatório”, uma (3,1%) família considerou que foi “assim/assim” e três (9,4%) pais avaliaram o acontecimento como “muito insatisfatório”. Três famílias não responderam.

Relativamente à **reação da criança quando os pais lhe falaram pela primeira vez na adoção (Q67)** a maioria dos pais descreve-a de uma forma muito positiva, como se pode verificar, em seguida, através de alguns exemplos:

*“Ficou contente.”*

*“Ficou calado, mas depois acabou por achar engraçado e positivo.”*

*“Ficou mais calma e segura.”*

*“Não ligou nenhuma. Não se manifestou.”*

*“Não reagiu, pareceu-me que na cabecinha dele o que estávamos a dizer era normal.”*

*“O tema por ter sido contado de forma muito natural, foi sendo interiorizado de forma serena e pacífica.”*

*“Super bem e sempre subestimou esse facto, ainda hoje é assim...”*

Nalguns casos as crianças reagiram deste modo:

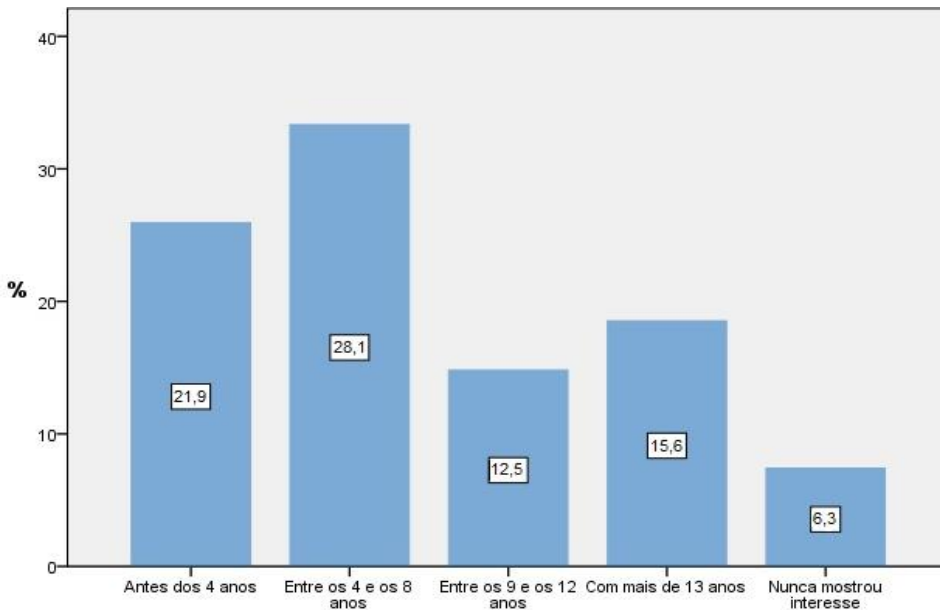
*“Um pouco revoltado com a mãe biológica.”*

*“Ficou surpreendido, mas não demasiado preocupado.”*

*“Não falou muito, rondava as outras pessoas para ver se sabiam, começou a contar a quem achava que não sabia.”*

Quanto à **idade em que as crianças se mostraram interessadas com questões de adoção (Q68)**, para sete (21,9%) adolescentes ocorreu antes dos 4 anos, para nove (28,1%) adolescentes entre os 4 e os 8 anos, para quatro (12,5%) adolescentes entre os 9 e os 12 anos, cinco (15,6%) adolescentes demonstraram interesse quando tinham mais de 13 anos, e dois (6,3%) adolescentes nunca mostraram interesse, segundo os pais. Cinco famílias não responderam (Gráfico 5).

**Gráfico 5.**  
**Idade da Criança Quando Questionou Sobre a Adoção**





Pedimos aos pais para, face a um **conjunto de afirmações, dizerem quais refletiam melhor a atitude do seu filho face ao estatuto de adotado (Q69-73)** e obtivemos as respostas que se podem observar na Tabela 6:

**Tabela 6.**  
*Atitude do Jovem Face ao Estatuto de Adotado*

	Sim	Sim, algumas vezes	Sim, mas pouco	Não
<b>Recusa abertamente falar sobre o tema</b>	4 (12,5%)	-	-	24 (75,0%)
<b>O tema parece interessante, mas nunca pergunta</b>	7 (21,9%)	-	-	21 (65,6%)
<b>Não mostra nenhuma curiosidade</b>	8 (25,0%)	-	1 (3,1%)	20 (62,5%)
<b>Ao crescer fez muitas perguntas</b>	10 (31,3%)	3 (9,4%)	-	15 (46,9%)
<b>Fala com naturalidade sobre o tema</b>	22 (68,8%)	-	-	7 (21,9%)

Foi pedida aos pais a sua opinião acerca **da necessidade de falar sobre o passado, caso a criança tenha sido adotada com idade em que o percebesse (Q74)**. Apenas 11 pais responderam, dois (6,3%) deles consideraram “completamente desnecessário”, dois (6,3%) pais mencionaram que era “indiferente”, dois (6,3%) pais responderam que era “necessário”, cinco (15,6%) pais indicaram ser “completamente necessário”. Segundo os pais, a questão não se aplica a 21 adolescentes (65,7%) por terem sido adotados nos primeiros meses ou anos de vida.

No que respeita ao conhecimento dos **motivos pelos quais o filho estava disponível para adoção (Q75)**, os pais mencionaram que, relativamente a 29 (90,6%) adolescentes, tinham conhecimento desses motivos, e sobre três (9,4%) adolescentes, os pais desconheciam as razões que levaram à sua disponibilidade para a adoção.

Por seu turno, **em relação aos filhos conhecerem os motivos pelos quais estavam disponíveis para adoção (Q76)**, os pais referiram que 22 (68,8%)

adolescentes conheciam os motivos, nove (28,1%) adolescentes não sabiam os motivos que os levaram a ser adotados e apenas um (3,1%) conhecia parcialmente as razões.

Os pais avaliaram o grau de **dificuldade em conversar com os seus filhos sobre as suas origens (Q77)**, sendo que duas (6,3%) famílias referiram ser “muito difícil”, duas (6,3%) consideraram ser “difícil”, oito (25%) avaliaram como “normal”, 10 (31,2%) disseram ser “fácil” e nove (28,1%) “muito fácil”. Uma família não respondeu.

No que concerne à **ideia que os filhos têm dos seus pais biológicos (Q78)**, os pais reportaram que dois (6,3%) adolescentes têm uma conceção “muito negativa”, dois (6,3%) têm uma ideia “negativa”, 16 (50%) adolescentes têm uma imagem “neutra”, sete (21,8%) têm uma ideia “positiva”, para um (3,1%) jovem, os pais referiram que este não tem qualquer conceção acerca dos pais biológicos, para outro (3,1%) jovem, os pais não sabem que ideia o filho tem e para outro (3,1%) os pais referem que a questão não se aplica. Duas famílias não responderam.

À questão **como é que os pais interpretariam se o seu filho perguntasse com muito interesse pelos pais biológicos (Q79)**, obtivemos respostas variadas, mas, em regra, os pais consideraram ser natural o filho querer conhecer as suas origens e estão disponíveis para os acompanhar nesse processo. Seguem-se algumas respostas exemplificativas:

*“Sempre lhe disse que quando ele quisesse conhecer a mãe biológica iríamos com ele.”  
“Acharia normal e procuraria ajudá-lo de modo a obter as informações que desejava conhecer.”*

*“Acharia normal. Se eu fosse adotada tentaria conhecer os meus pais biológicos.”*

*“Ele sabe, desde o início, que há total abertura; mais: desde sempre teve e tem uma pasta com tudo sobre a sua vida.”*

*“Já perguntou pela mãe e mostramo-nos disponíveis para o ajudar a procurá-la. Pensou e acabou por dizer que não queria, pois tinha medo de se desiludir muito.”*

Questionámos também se **consideravam que, em geral, os filhos adotados se interessam muito pela vida prévia à adoção e pelas razões pelas**

**quais foram entregues para a adoção (Q80)** e 12 (37,5%) pais responderam afirmativamente, oito (25%) negativamente e nove (28,1%) indicaram que talvez ou que não sabiam; para três jovens, os pais não responderam.

Perguntou-se aos pais se acreditam que **as pessoas consideram o seu filho de maneira diferente por ser adotado (Q81)**, sendo referido para três (9,4%) adolescentes que sim, para 26 (81,2%) adolescentes que não e para dois (6,3%) adolescentes, os pais indicam que apenas algumas pessoas o fazem; uma família não respondeu.

Em seguida, questionaram-se os pais se **consideram que essa percepção induz essas pessoas a tratarem o seu filho de modo diferente (Q82)** e para a maioria ( $n = 19$ ; 59,3%) dos adolescentes os pais indicaram que não, para três (9,4%) adolescentes os pais responderam que sim, para seis (18,8%) adolescentes os pais consideraram que apenas algumas pessoas o fazem, para um (3,1%) jovem, os pais não sabem e para outro (3,1%), os pais mencionaram que não se aplica; dois não responderam.

Perguntámos, também, se **tinham preparado os seus filhos para enfrentar essas atitudes (Q83)**. Para 22 (68,8%) adolescentes os pais responderam que sim, e para três (9,4%) adolescentes os pais indicaram que não; sete não responderam.

Sobre a **forma como prepararam os seus filhos para enfrentarem essas atitudes (Q84)** obtivemos respostas muito variadas, mas centraram-se, sobretudo, no diálogo com sinceridade, honestidade e naturalidade e, ainda, recorrendo a ajuda psicológica.

### **3.1.4. FUTURO E VALORIZAÇÃO GLOBAL**

Sobre o futuro perguntámos aos pais se tinham **alguma preocupação em relação ao seu filho pelo facto de ele ser adotado (Q85)** e obtivemos respostas diversas, umas referiram preocupações comuns a todos os pais, relativamente ao emprego, à saúde e à sua felicidade, outros referiram-se a questões

específicas relacionadas com o estatuto de adotado, como seja necessitar de informação genética em caso de doença. Contudo, a maioria das famílias ( $n = 25$ ; 78,1%) respondeu que não tinham qualquer preocupação em relação ao seu filho pelo facto de ser adotado.

Questionaram-se os pais se, **atualmente, gostariam de consultar um serviço especializado em adoção (Q86)**, sendo referido pelos pais de três (9,4%) adolescentes que sim e de 28 (87,5%) adolescentes que não; uma família não respondeu.

No item seguinte perguntou-se aos pais **se tivessem acesso a um serviço desses, o que mais lhes interessaria perguntar e/ou consultar (Q87)** e obtivemos as seguintes respostas:

*“Como se dão outras famílias quando as crianças chegam com mais idade. Tenho amigos nessa situação e às vezes têm problemas que me parecem maiores que os meus.”*

*“Porque nunca acompanharam o pós-adoção... que acontece nos outros casos?”*

*“Gostaria de saber como lhe explicar, de modo que ele percebesse, que a sua mãe biológica não o abandonou, pois acho que esse sentimento o deixa infeliz.”*

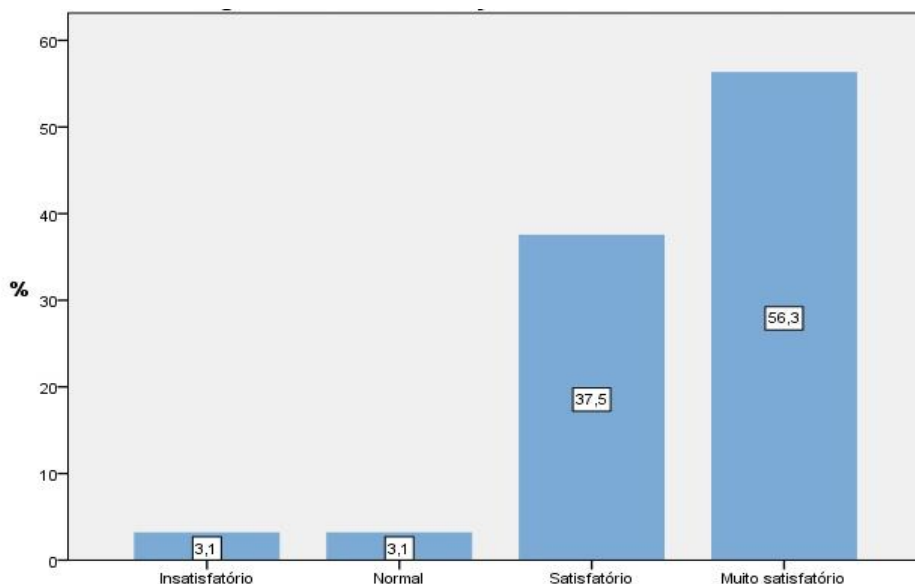
*“Neste momento só me ocorre saber se os pais biológicos têm alguma doença que possa ser hereditária.”*

*“De facto, o que se passou com os meus filhos. Nunca vi um relatório, nada. Só conversas curtas e não oficiais e muito vagas.”*

*“Retrato psicológico da criança adotada, como é que ela se vê a si própria.”*

Os pais avaliaram a sua **satisfação com a vida familiar, no presente (Q88)**. Como se pode verificar no Gráfico 6, a maior parte dos pais avalia a sua vida familiar como “muito satisfatória” ( $n = 18$ ; 56,3%) ou “satisfatória” ( $n = 12$ ; 37,5%). Relativamente a um (3,1%) jovem os pais mostraram-se insatisfeitos e para outro (3,1%) os pais mencionaram que o seu grau de satisfação é “normal”.

**Gráfico 6.**  
**Grau de Satisfação com a Vida Familiar**



Os pais avaliaram, também, a **repercussão da adoção na vida familiar (Q89)**, mencionando em 23 (71,8%) casos que foi “muito positiva”, em sete (21,9%) “positiva” e em dois (6,3%) casos que foi “normal”.

Pedi-se aos pais que indicassem o seu **grau de satisfação com a adoção e com a forma como tem decorrido (Q90)**. Vinte e três (71,8%) famílias avaliaram como “muito satisfatório”, sete (21,9%) como sendo “satisfatório” e em dois (6,3%) casos como “normal”.

À questão **acerca do que mudaria, relativamente à adoção, se pudesse recuar no tempo (Q91)**, 14 famílias responderam que não mudariam nada, as restantes famílias deram respostas muito diversificadas que versaram, sobretudo, sobre questões de tempo, nomeadamente terem recorrido mais cedo à adoção ou mudar a lei para procedimentos mais céleres.

No final, solicitámos aos pais que, caso **pudessem pedir um desejo, relativamente à adoção e encarando o futuro, qual formulariam em primeiro lugar (Q92)**, respondendo 27 (84,4%) famílias. A análise de conteúdo das respostas permitiu-nos identificar três categorias, nomeadamente, desejos relativamente aos filhos, à vida familiar e à adoção em geral.

As famílias desejam que os seus filhos sejam felizes ( $n = 10$ ; 31,3%) (e.g., “*seja feliz... e que a nossa participação na sua vida tenha ajudado nesse sentido.*”; “*Que a minha filha encontre aceitação na sociedade portuguesa quanto à sua cor e orientação sexual.*”), tenham sucesso ( $n = 8$ ; 25%) (e.g., “*que ele possa ser uma pessoa realizada no futuro e que tenha ambições para poder ser uma pessoa honesta, íntegra, responsável e que contribua com algo de positivo para a sociedade.*”; “*O sucesso a todos os níveis*”) e saúde ( $n = 2$ ; 6,3%) (e.g., “*Que seja saudável*”).

Quanto à vida familiar, os pais desejam uma melhor relação entre os membros ( $n = 3$ ; 9,4%) (e.g., “*Que os irmãos se dessem melhor.*”; “*que o nosso filho se reaproxime de nós, que invista no nosso relacionamento*”) e expressaram vontade em ter realizado novas adoções ( $n = 2$ ; 6,3%) (e.g., “*Gostaria de ter adotado mais uma criança. Gosto de uma casa cheia.*”; “*Se tivesse idade... voltava a adotar*”).

Por fim, e relativamente à adoção, as famílias manifestaram desejos que dizem respeito aos procedimentos legais ( $n = 6$ ; 18,8%) (e.g., “*peço inteligência e mais meios para acompanharem cada caso específico*”; “*Que a lei mudasse e meninos com menos de 4 meses pudessem ser adotados, que a mentalidade de alguns juízes mudasse, que a adoção tivesse um tribunal próprio.*”; “*Que a segurança social seja mais proativa, que os tribunais não prolonguem demasiado tempo essas situações em que as crianças ficam tantos anos em instituição*”) e ao número de crianças adotadas ( $n = 3$ ; 9,4%) (e.g., “*Que todas as crianças tenham a possibilidade de ter um lar, uma família que os ame*”).

### 3.2. ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE A EPA DO PRIMEIRO ESTUDO E A EPA-f

Realizámos uma **análise entre a EPA do primeiro estudo e a EPA-f do estudo atual**, através de uma comparação das percentagens válidas das respostas às

questões mais relevantes de ambos os instrumentos, com o intuito de perceber se as percepções das famílias se haviam alterado ao longo do tempo.

O primeiro item analisado refere-se à **adaptação da criança à nova situação e à família (Q1)**. Em ambos os momentos, a maioria dos pais indicou que a adaptação correu “muito bem” (EPA-1: 95,7%; EPA-f: 93,8%). Com exceção de duas famílias, todas mantiveram a sua percepção acerca da adaptação da criança.

Relativamente ao **grau de comunicação entre o casal (Q13)**, no primeiro estudo as respostas variaram entre “muito bom” (42,1%), “bom” (31,6%) e “normal” (26,3%), enquanto num segundo momento, os pais caracterizaram o seu grau de comunicação entre “muito bom” (56,7%) e “muito pobre” (3,3%). Em ambos os estudos, a maioria das famílias avalia a sua comunicação como muito boa. Contudo, verificou-se que cinco famílias percecionaram uma diminuição do grau de comunicação, enquanto seis, reportaram uma melhoria do mesmo.

No primeiro estudo em que as famílias caracterizaram os seus filhos (à data com idade inferior a cinco anos) no que **respeita à saúde e crescimento, ao desenvolvimento psicológico, à relação com o pai, com a mãe, com os irmãos, com outros familiares e com outras crianças e à adaptação escolar (Q15-22)**, as suas respostas foram positivas, encontrando-se a maioria das crianças “muito bem” (entre 40% e 68,2%) relativamente a estes aspetos, seguindo-se as caracterizações “bem” (entre 21,7% e 54,5%) e “normal” (entre 4,3% e 20%). Neste segundo estudo, ainda que grande parte dos jovens esteja “muito bem” (entre 13,8% e 61,5%) na maioria das áreas, verifica-se que em alguns casos, as relações, o desenvolvimento e a adaptação passaram a ser caracterizadas como “mal” ou “muito mal”. Alguns pais percecionaram a ocorrência de mais alterações no âmbito do desenvolvimento psicológico (53,1%), seguido da saúde e crescimento (37,5%). Em todos os domínios se verificaram ligeiras alterações na adaptabilidade percecionada pelos pais, em certos casos para melhor, outros para pior, como se verifica através das percentagens reportadas.

Ao longo do tempo, observou-se um decréscimo na **satisfação dos pais, face às características dos seus filhos (Q23)**. No primeiro estudo, as famílias mostravam-se satisfeitas (4,3%) ou muito satisfeitas (95,7%) com as característi-

cas dos filhos. Atualmente, e apesar da maioria dos pais se encontrar igualmente satisfeita (34,4%) ou muito satisfeita (46,9%), é possível identificar oito famílias cuja satisfação diminuiu.

Relativamente às **expectativas sobre a parentalidade adotiva (Q29)**, no primeiro estudo, a maioria das famílias referiu que esta tarefa foi mais fácil do que esperavam (73,9%), seguindo-se as que mencionaram ter sido de acordo com as suas expectativas (13%). Atualmente, a maioria dos pais continua a classificar a parentalidade adotiva como mais fácil que o esperado (34,4%), seguindo-se os pais que mencionaram não ter expectativas (18,8%) e os que referiram sentir mais dificuldades aquando da entrada dos filhos na adolescência (15,6%). Verificou-se que para 13 famílias (40,6%), as suas expectativas mudaram ao longo do tempo: para quatro famílias, a parentalidade adotiva tornou-se mais difícil; três famílias deixaram de ter expectativas relativamente a esta tarefa; para duas famílias equipara-se, atualmente, com a parentalidade biológica; para outras duas tornou-se mais fácil do que esperavam; para uma família, está de acordo com as expectativas; e uma das famílias que classificava esta tarefa como mais difícil que o esperado, não especifica, atualmente, as suas expectativas.

Sobre a **integração da criança na família (Q30)**, todos os pais responderam no primeiro momento que o filho se encontrava “plenamente integrado”. Presentemente, a perceção dos pais mantém-se, à exceção de dois jovens, que passaram a estar “pouco integrados”.

Avaliando o **nível de dificuldade da vida familiar como consequência da adoção (Q47)**, a maioria das famílias assinalou em ambos os momentos a resposta “igual” (EPA-1: 50,0%; EPA-f: 64,5%). Apesar de grande parte dos pais manterem a sua perceção sobre o grau de dificuldade, verificou-se que para seis famílias a perceção de dificuldade da vida familiar aumentou, passando a ser “igual” ou “difícil”. Apenas uma família indicou que a vida familiar passou a ser “muito mais fácil” do que já era.

Quanto ao **nível de felicidade da vida familiar como consequência da adoção (Q48)**, no primeiro estudo as famílias identificaram como sendo “muito mais feliz” (73,9%), mantendo-se esta perceção, posteriormente (56,3%). Ainda



assim, verificou-se que para sete famílias este nível de felicidade decresceu ligeiramente, para “feliz” ou “igual”, e apenas uma família indicou atualmente ser “menos feliz”. Para três famílias o nível de felicidade aumentou com o passar do tempo.

Os pais avaliaram o **grau de satisfação com o nível de comunicação com o filho (Q51)**. Previamente, as respostas variaram entre “muito satisfeito” (78,3%) e “satisfeito” (21,7%). No segundo momento, constatou-se uma maior variabilidade nas respostas, referindo os pais encontrarem-se entre “muito satisfeitos” (37,5%) e “muito insatisfeitos” (3,1%). Treze famílias viram o seu grau de satisfação diminuído, e uma encontra-se mais satisfeita que antes.

Relativamente ao **comportamento do filho com ambos os pais (Q52 e 53)**, constatamos que esta percepção se alterou em alguns casos, quer para a mãe, quer para o pai. No primeiro estudo, os casais caracterizaram as relações como muito afetuosas (Mãe – 60,9%; Pai – 61,9%) ou afetuosas (Mãe – 39,1%; Pai – 38,1%). Atualmente, os jovens comportam-se com a mãe, maioritariamente, de forma “afetuosa” (45,2%) ou “muito afetuosas” (32,3%). Com o pai, os adolescentes exibem comportamentos afetuosos (44,8%) ou normais (27,6%). Com menor expressão, e para as duas figuras parentais, verificamos uma relação “fria” ou “muito fria”.

No que concerne ao **grau de satisfação com a vida familiar (Q88)**, os pais responderam, num primeiro momento e para a maioria dos casos (65,2%), encontrarem-se muito satisfeitos, seguindo-se uma avaliação satisfatória (21,7%), normal (8,7%) e muito insatisfatória (4,3%). Atualmente, o padrão de respostas é semelhante, com a maioria das famílias a mostrar-se muito satisfeita com a vida familiar (56,3%). Contudo, verificou-se que das famílias que assinalaram estarem muito satisfeitas durante a infância dos filhos, quatro passaram a estar apenas satisfeitas e uma indicou estar insatisfeita. Por outro lado, e com o passar dos anos, três casos passaram a caracterizar como muito satisfatória a sua vida familiar, sendo as suas avaliações prévias “muito insatisfatório”, “normal” e “satisfatório”.

Acerca da **repercussão da adoção na vida familiar (Q89)**, os pais reportaram um padrão de respostas semelhante em ambos os momentos. A maioria

indicou que os impactos da adoção foram muito positivos (EPA-1: 82,6%; EPA-f: 71,9%), seguindo-se uma apreciação “positiva” (EPA-1: 8,7%; EPA-f: 21,9%) e, por fim, “normal” (EPA-1: 8,7%; EPA-f: 6,2%). Das famílias que inicialmente tinha realizado uma avaliação “muito positiva”, cinco indicaram, atualmente, que as repercussões são apenas positivas e uma mencionou serem normais. Duas famílias passaram a avaliar a sua situação atual como “muito positiva”, quando antes a haviam definido como “normal” ou “positiva”.

Face ao **grau de satisfação com a adoção e com a forma como a mesma tem decorrido (Q90)**, a perceção dos pais mantém-se, de uma forma geral. Previamente, a maioria das famílias encontrava-se muito satisfeita com a adoção (73,9%) e, em menor número, encontravam-se as famílias cuja avaliação era satisfatória (17,4%) ou normal (8,7%). Atualmente, 71,8% das famílias estão muito satisfeitas, seguindo-se as que mencionam a adoção como satisfatória (21,9%) ou normal (6,3%). Para cinco famílias a avaliação que fazem diminuiu ligeiramente para satisfatório ou normal, enquanto outras quatro têm, agora, perceções mais positivas, fazendo uma apreciação satisfatória ou muito satisfatória.

### 3.3. ANÁLISE CONJUNTA DA PERCEÇÃO DOS PAIS SOBRE A ADOÇÃO E OUTRAS MEDIDAS

Para verificar se existiam **relações entre a EPA-f e os dados sociodemográficos** utilizámos o Coeficiente de Correlação de *Spearman* ( $\rho$ ) e observámos que a idade de adoção está positiva e significativamente associada [ $\rho(29) = 0,58; p = 0,001$ ] com a perceção que os pais têm acerca da influência das experiências de vida prévias à adoção, no comportamento do adolescente (Q25); ou seja, quanto mais idade tiver a criança à data da adoção, maior o peso que os pais adotivos atribuem às experiências de vida prévias.

Encontrámos, também, uma correlação significativa e negativa [ $\rho(32) = -0,46; p = 0,009$ ], com as alterações ao longo do tempo na saúde e crescimento (Q7), indicando que quanto maior a idade da criança à data de adoção, mais alterações para melhor na saúde e crescimento as famílias verificaram.

Analisámos, através do Coeficiente de Correlação de *Spearman* ( $\rho$ ), a relação entre algumas das **questões da EPA-f e a classificação do comportamento da criança com a mãe**, avaliada no primeiro estudo (quando eram mais novas) através do *Q-Sort* da vinculação, e observámos uma correlação positiva entre a segurança e a ideia que o adolescente tem dos pais biológicos (Q78) [ $\rho(21) = 0,48$ ;  $p = 0,029$ ], indicando que quanto maior o valor de segurança à mãe adotiva, mais positiva é a ideia que os adolescentes têm, atualmente, dos seus pais biológicos.

### **3.4. PERCEÇÃO DOS PAIS SOBRE AS COMPETÊNCIAS E OS PROBLEMAS DE COMPORTAMENTO, SOCIAIS E EMOCIONAIS DOS SEUS FILHOS ADOTIVOS**

Foi feita uma análise das dimensões do CBCL (Comportamento Agressivo, Comportamento Delinquente, Ansiedade/Depressão, Isolamento, Queixas Somáticas, Problemas de Atenção, Problemas Sociais, Problemas de Pensamento, Internalização, Externalização) através do teste de *Mann-Whitney U*, para amostras independentes, por género (14 raparigas e 18 rapazes) e não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas.

Comparámos os resultados da nossa amostra com os resultados normativos e com os resultados clínicos (Dias et al., 2017), através do teste *t* para amostras independentes (*t*), após se verificar a normalidade das suas distribuições através do teste de *Kolmogorov-Smirnov*, cujos resultados se apresentam nas tabelas seguintes (Tabela 7 e 8):

**Tabela 7.**  
**Problemas de Comportamento, Sociais e Emocionais na Amostra de Adotados e na População Normativa, Percecionados Pelos Pais**

	<b>Amostra Adotados (n = 32)</b>	<b>População Normativa (n = 2551)</b>	
<b>CBCL – Dimensões</b>	<b>M (DP)</b>	<b>M (DP)</b>	<b>t</b>
<b>Comportamento Agressivo</b>	5,16 (4,27)	4,13 (4,33)	1,36
<b>Comportamento Delinquente</b>	1,94 (2,26)	1,67 (1,93)	0,67
<b>Ansiedade/Depressão</b>	4,97 (4,81)	4,16 (3,30)	0,95
<b>Isolamento</b>	3,34 (2,63)	2,23 (2,13)	2,39*
<b>Queixas Somáticas</b>	1,22 (1,64)	2,11 (2,28)	-3,07*
<b>Problemas de Atenção</b>	5,00 (3,41)	3,56 (3,37)	2,39*
<b>Problemas Sociais</b>	2,38 (2,57)	1,96 (2,19)	0,91
<b>Problemas de Pensamento</b>	0,88 (1,07)	1,68 (2,15)	-4,26**
<b>Internalização</b>	9,53 (8,12)	8,49 (6,27)	0,73
<b>Externalização</b>	7,09 (5,80)	5,80 (5,80)	1,26
<b>Total de Problemas</b>	27,88 (18,10)	24,33 (18,18)	1,11

Nota: \*  $p \leq 0,05$ ; \*\*  $p \leq 0,001$ .

Constataram-se existir diferenças estatisticamente significativas entre grupos nas dimensões Isolamento [ $t(31) = 2,39$ ;  $p = 0,023$ ], Queixas Somáticas [ $t(31) = -3,07$ ;  $p = 0,004$ ], Problemas de Atenção [ $t(31) = 2,39$ ;  $p = 0,023$ ] e Problemas de Pensamento [ $t(31) = -4,26$ ;  $p < 0,001$ ].

O grupo de jovens adotados apresenta valores mais elevados do que a população normativa nas dimensões Isolamento e Problemas de Atenção e valores mais baixos nas dimensões Queixas Somáticas e Problemas de Pensamento.

**Tabela 8.**  
**Problemas de Comportamento, Sociais e Emocionais na Amostra de Adotados e na Amostra Clínica, Percecionados Pelos Pais**

	<b>Amostra Adotados (n = 32)</b>	<b>Amostra Clínica (n = 789)</b>	
<b>CBCL – Dimensões</b>	<b>M (DP)</b>	<b>M (DP)</b>	<b>t</b>
<b>Comportamento Agressivo</b>	5,16 (4,27)	10,04 (6,72)	-6,48**
<b>Comportamento Delinquente</b>	1,94 (2,26)	3,79 (3,29)	-4,64**
<b>Ansiedade/Depressão</b>	4,97 (4,81)	7,90 (4,32)	-3,45*
<b>Isolamento</b>	3,34 (2,63)	4,46 (3,15)	-2,40*
<b>Queixas Somáticas</b>	1,22 (1,64)	3,50 (3,02)	-7,86**
<b>Problemas de Atenção</b>	5,00 (3,41)	8,52 (4,03)	-5,84**
<b>Problemas Sociais</b>	2,38 (2,57)	4,88 (3,30)	-5,50**
<b>Problemas de Pensamento</b>	0,88 (1,07)	4,26 (3,61)	-17,89**
<b>Internalização</b>	9,53 (8,12)	15,86 (8,36)	-4,41**
<b>Externalização</b>	7,09 (5,80)	13,83 (9,24)	-6,57**
<b>Total de Problemas</b>	27,88 (18,10)	52,44 (20,03)	-7,68**

Nota: \*  $p \leq 0,05$ ; \*\*  $p \leq 0,001$ .

Verificámos existirem diferenças estatisticamente significativas entre grupos, em todas as dimensões do CBCL, sendo que o grupo de adolescentes adotados apresenta resultados inferiores em todas as dimensões.

Através do Coeficiente de Correlação de *Pearson* ( $r$ ) avaliámos a relação entre a idade da adoção e a idade atual do jovem com as dimensões do CBCL e obtivemos os seguintes resultados (Tabela 9):

**Tabela 9.**  
**Correlação de Pearson Entre o CBCL e Idades**  
**(de Adoção e Atual do Adolescente)**

	<b>Idade de Adoção</b>	<b>Idade do Adolescente</b>
<b>Comportamento Agressivo</b>	0,52**	-
<b>Comportamento Delinquente</b>	0,53**	-
<b>Ansiedade/Depressão</b>	0,39*	-
<b>Problemas de Atenção</b>	-	0,39*
<b>Problemas Sociais</b>	-	0,38*
<b>Internalização</b>	0,37*	-
<b>Externalização</b>	0,59***	-
<b>Total de Problemas</b>	0,47**	-

Nota: \*  $p \leq 0,05$ ; \*\*  $p \leq 0,01$ ; \*\*\*  $p \leq 0,001$ .

Verificámos uma correlação positiva da idade da adoção com as dimensões Comportamento Agressivo [ $r(32) = 0,52$ ;  $p = 0,003$ ], Comportamento Delinquente [ $r(32) = 0,53$ ;  $p = 0,002$ ], Ansiedade/Depressão [ $r(32) = 0,39$ ;  $p = 0,026$ ], Internalização [ $r(32) = 0,37$ ;  $p = 0,035$ ], Externalização [ $r(32) = 0,59$ ;  $p < 0,001$ ] e Total de Problemas [ $r(32) = 0,47$ ;  $p = 0,007$ ].

Verificámos, também, associações positivas entre o CBCL e a idade do adolescente, nomeadamente, nas dimensões Problemas de Atenção [ $r(32) = 0,39$ ;  $p = 0,028$ ] e Problemas Sociais [ $r(32) = 0,38$ ;  $p = 0,031$ ].

Foram calculadas as associações entre as dimensões de Internalização, Externalização e Total de Problemas do CBCL e a EPA-f, através do Coeficiente de Correlação de Spearman ( $\rho$ ), tendo-se encontrado as seguintes correlações estatisticamente significativas:

- A dimensão **Internalização** apresenta associações negativas com o estado de desenvolvimento psicológico atual do adolescente, avaliado pelos pais (EPA-f Q16) [ $\rho(31) = -0,41$ ;  $p = 0,021$ ] e com a satisfação dos pais relativamente ao nível de comunicação com o filho (EPA-f Q51) [ $\rho(32) = -0,36$ ;  $p = 0,041$ ], indicando que valores elevados nesta dimensão, acompanham uma desadaptação do adolescente e uma menor satisfação com o grau de comunicação entre pais e filho.

- A dimensão **Externalização** está negativamente correlacionada com o estado de desenvolvimento psicológico atual do adolescente, avaliado pelos pais (EPA-f Q16) [ $\rho(31) = -0,48; p = 0,005$ ], com a relação atual do jovem com a mãe (EPA-f Q18) [ $\rho(32) = -0,52; p = 0,002$ ], com a adaptação e rendimento escolar (EPA-f Q22) [ $\rho(29) = -0,44; p = 0,016$ ], com a satisfação relativamente ao nível de comunicação com o filho (EPA-f Q51) [ $\rho(32) = -0,51; p = 0,003$ ], com o comportamento do adolescente com a mãe (EPA-f Q52) [ $\rho(31) = -0,64; p < 0,001$ ], com a facilidade dos pais em conversar com o jovem sobre as suas origens (EPA-f Q77) [ $\rho(31) = -0,43; p = 0,016$ ] e com o grau de satisfação com a adoção (EPA-f Q90) [ $\rho(32) = -0,45; p = 0,009$ ]. Pontuações superiores nesta dimensão, associam-se a menor adaptação do jovem em diversas áreas, bem como a menor satisfação e facilidade de comunicação e menor satisfação com a adoção.
- A dimensão **Total de Problemas** evidencia associações com o estado de desenvolvimento psicológico atual do adolescente (EPA-f Q16) [ $\rho(31) = -0,52; p = 0,003$ ], com a relação atual do jovem com a mãe (EPA-f Q18) [ $\rho(32) = -0,43; p = 0,013$ ], com a adaptação e rendimento escolar (EPA-f Q22) [ $\rho(29) = -0,52; p = 0,004$ ], com a satisfação relativamente ao nível de comunicação com o filho (EPA-f Q51) [ $\rho(32) = -0,49; p = 0,005$ ] e com o grau de satisfação com a adoção (EPA-f Q90) [ $\rho(32) = -0,38; p = 0,034$ ]. Ou seja, quanto mais elevado for o valor desta dimensão, menor é a adaptação do adolescente em várias áreas e menor é a satisfação dos pais em relação à adoção e à comunicação com o filho.

### 3.5. PERCEÇÃO DOS PAIS E DOS JOVENS SOBRE O FUNCIONAMENTO FAMILIAR

A análise dos dados obtidos através do preenchimento da FACES-IV, pelos pais e pelos jovens, foi feita através de uma base de dados no *software Excel* que calculou as dimensões deste instrumento. Na Tabela 10 apresentamos os resultados obtidos pelos pais ( $n = 21$ ) e pelos adolescentes ( $n = 18$ ).

**Tabela 10.**  
**Percepção dos Pais e dos Adolescentes Sobre o Funcionamento Familiar**

		<i>M</i>	<i>DP</i>
<b>Coesão Equilibrada</b>	<b>Pais</b>	68,90	10,22
	<b>Adolescentes</b>	67,22	13,96
<b>Flexibilidade Equilibrada</b>	<b>Pais</b>	65,95	11,83
	<b>Adolescentes</b>	64,06	14,73
<b>Desligada</b>	<b>Pais</b>	19,76	6,02
	<b>Adolescentes</b>	23,72	9,15
<b>Emaranhada</b>	<b>Pais</b>	22,29	9,11
	<b>Adolescentes</b>	26,67	9,90
<b>Rígida</b>	<b>Pais</b>	32,43	6,74
	<b>Adolescentes</b>	35,61	15,60
<b>Caótica</b>	<b>Pais</b>	21,76	7,64
	<b>Adolescentes</b>	25,12	8,66
<b>Comunicação</b>	<b>Pais</b>	65,19	19,09
	<b>Adolescentes</b>	66,61	24,04
<b>Satisfação</b>	<b>Pais</b>	51,19	23,41
	<b>Adolescentes</b>	66,39	27,91

A análise dos resultados da Tabela 10 mostra-nos que a percepção que os pais e os filhos têm acerca do funcionamento familiar corresponde, maioritariamente, a famílias equilibradas. Assim, as duas subescalas que medem o equilíbrio ou os níveis saudáveis de coesão e flexibilidade, Coesão Equilibrada e Flexibilidade Equilibrada, apresentam pontuações elevadas, o que remete, de acordo com o modelo de Olson, para um funcionamento saudável do sistema familiar. Do mesmo modo que as quatro subescalas que medem o desequilíbrio familiar, Desligada, Emaranhada, Rígida e Caótica, apresentam pontuações baixas, o que significa um funcionamento mais saudável e menos problemático do sistema familiar.

Ao analisarmos os resultados obtidos, quer pelos pais, quer pelos filhos, nas subescalas da FACES-IV verificamos que a maioria apresentou valores mais altos nas subescalas equilibradas e valores baixos nas subescalas desequilibradas. Quanto à Coesão e Flexibilidade Equilibradas, a maioria dos participantes percecionou a sua família como Muito Coesa (61,5%) e Muito Flexível (48,6%). Nas subescalas desequilibradas, a maioria dos participantes obteve valores muito baixos nas subescalas Desligada (79,5%), Emaranhada (61,5%) e Caótica (71,8%) e baixa na subescala Rígida (58,9%). A maioria dos participantes apresentou valores elevados nas subescalas de Comunicação (33,4%) e Satisfação (28,2%) (Tabela 11).



**Tabela 11.**  
**Perceção da Amostra Total Sobre o Funcionamento Familiar**

	Nível	n (% válida)	M	DP
<b>Coesão Equilibrada</b>	<b>Algo coesa</b>	1 (2,5)	68,13	11,96
	<b>Coesa</b>	14 (36)		
	<b>Muito coesa</b>	24 (61,5)		
	<b>Total</b>	39 (100)		
<b>Desligada</b>	<b>Muito baixo</b>	31 (79,5)	21,59	7,78
	<b>Baixo</b>	8 (20,5)		
	<b>Total</b>	39 (100)		
<b>Emaranhada</b>	<b>Muito baixo</b>	24 (61,5)	24,31	9,61
	<b>Baixo</b>	13 (33,4)		
	<b>Moderado</b>	2 (5,1)		
	<b>Total</b>	39 (100)		
<b>Flexibilidade Equilibrada</b>	<b>Algo flexível</b>	2 (5,1)	65,08	13,10
	<b>Flexível</b>	18 (46,3)		
	<b>Muito flexível</b>	19 (48,6)		
	<b>Total</b>	39 (100)		
<b>Rígida</b>	<b>Muito baixo</b>	10 (25,7)	33,90	11,63
	<b>Baixo</b>	23 (58,9)		
	<b>Moderado</b>	3 (7,7)		
	<b>Elevado</b>	3 (7,7)		
	<b>Total</b>	39 (100)		
<b>Caótica</b>	<b>Muito baixo</b>	27 (71,8)	23,26	8,17
	<b>Baixo</b>	10 (25,7)		
	<b>Moderado</b>	1 (2,5)		
	<b>Total</b>	38 (100)		
<b>Comunicação</b>	<b>Baixo</b>	9 (23,1)	65,85	21,23
	<b>Moderado</b>	10 (25,7)		
	<b>Elevado</b>	13 (33,4)		
	<b>Muito elevado</b>	7 (17,8)		
	<b>Total</b>	39 (100)		
<b>Satisfação</b>	<b>Muito baixo</b>	2 (5,1)	58,21	26,38
	<b>Baixo</b>	10 (25,7)		
	<b>Moderado</b>	8 (20,5)		
	<b>Elevado</b>	11 (28,2)		
	<b>Muito elevado</b>	8 (20,5)		
	<b>Total</b>	39 (100)		

Relativamente à Comunicação familiar, obtivemos uma pontuação ( $M = 66,61$ ;  $DP = 24,04$ ) elevada (valores de referência: 66-84) para os adolescentes e uma pontuação ( $M = 65,19$ ;  $DP = 19,09$ ) moderada (valores de referência: 50-65) para os pais (Tabela 12). No estudo de validação portuguesa (Gomes et al., 2017), a pontuação média obtida para esta dimensão foi de 55,88, com um desvio padrão de 24,52.

No que respeita à Satisfação familiar, os adolescentes do presente estudo apresentaram uma média ( $M = 66,39$ ;  $DP = 27,91$ ) elevada (valores de referência: 66-84), enquanto os pais apresentaram uma média ( $M = 51,19$ ;  $DP = 23,41$ ) moderada (valores de referência: 40-58) (Tabela 12). No estudo de validação portuguesa (Gomes et al., 2017), a pontuação média obtida de satisfação foi de 40,18, com um desvio padrão de 26,45.

**Tabela 12.**  
*Perceção do Funcionamento Familiar dos Jovens e dos Pais em Termos de Comunicação e de Satisfação*

<b>Perceção do Funcionamento Familiar dos Jovens</b>				
	<b>Nível</b>	<b>n (% válida)</b>	<b>M</b>	<b>DP</b>
<b>Comunicação</b>	<b>Baixo</b>	5 (27,8)	66,61	24,04
	<b>Moderado</b>	4 (22,2)		
	<b>Elevado</b>	5 (27,8)		
	<b>Muito elevado</b>	4 (22,2)		
	<b>Total</b>	18 (100)		
<b>Satisfação</b>	<b>Baixo</b>	5 (27,8)	66,39	27,91
	<b>Moderado</b>	1 (5,6)		
	<b>Elevado</b>	6 (33,3)		
	<b>Muito elevado</b>	6 (33,3)		
	<b>Total</b>	18 (100)		

**Tabela 12.** (Continuação)

<b>Perceção do Funcionamento Familiar dos Pais</b>				
	<b>Nível</b>	<b>n (% válida)</b>	<b>M</b>	<b>DP</b>
<b>Comunicação</b>	<b>Baixo</b>	4 (19,1)	65,19	19,09
	<b>Moderado</b>	6 (28,6)		
	<b>Elevado</b>	8 (38,1)		
	<b>Muito elevado</b>	3 (14,2)		
	<b>Total</b>	21 (100)		
<b>Satisfação</b>	<b>Muito Baixo</b>	2 (9,5)	51,19	23,41
	<b>Baixo</b>	5 (23,8)		
	<b>Moderado</b>	7 (33,4)		
	<b>Elevado</b>	5 (23,8)		
	<b>Muito elevado</b>	2 (9,5)		
	<b>Total</b>	21 (100)		

Através da base de dados no *software Excel*, construída para a *FACES-IV*, calculámos o Rácio de Coesão, o Rácio de Flexibilidade e o Rácio Total que medem o nível de equilíbrio versus o desequilíbrio no sistema familiar, e varia entre 1 e 10, em que 1 indica um valor igual de equilíbrio versus desequilíbrio no sistema (Olson, 2011). Quanto mais alto for o valor do rácio, mais equilibrado e saudável é o sistema familiar. Os rácios obtidos variaram entre 1,16 e 6,30 (Tabela 13).

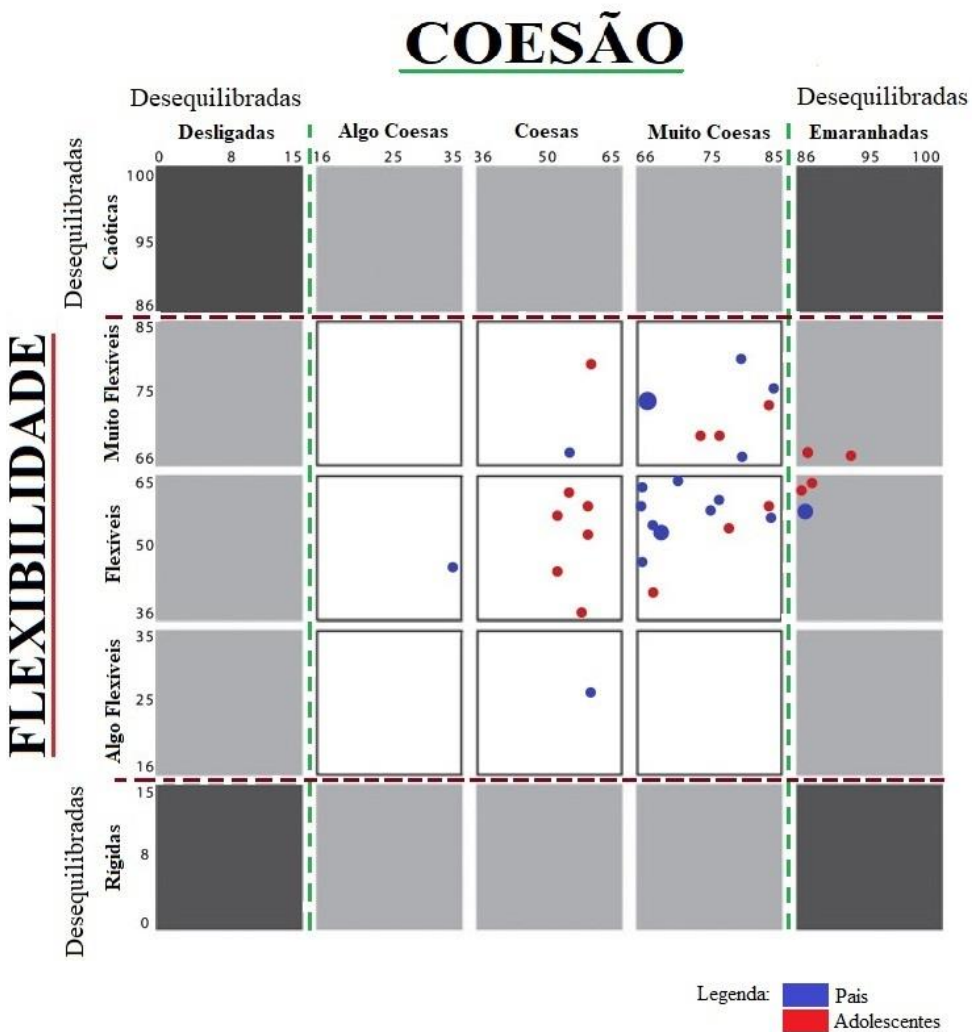
**Tabela 13.**  
**Rácios do Funcionamento Familiar**

		<b>Mínimo</b>	<b>Máximo</b>	<b>M</b>	<b>DP</b>
<b>Adolescentes</b>	<b>Rácio da Coesão</b>	1,32	6,30	2,96	1,35
	<b>Rácio da Flexibilidade</b>	1,16	5,60	2,32	1,06
	<b>Rácio do Funcionamento Familiar</b>	1,38	4,60	2,66	1,03
<b>Pais</b>	<b>Rácio da Coesão</b>	1,23	6,09	3,65	1,37
	<b>Rácio da Flexibilidade</b>	1,40	4,32	2,53	0,70
	<b>Rácio do Funcionamento Familiar</b>	1,32	4,66	3,09	0,98

Os valores reportados indicam que, tanto na perspetiva dos pais, como na dos adolescentes, as famílias são equilibradas.

O resultado obtido por cada sujeito nas escalas Coesão e Flexibilidade permitiu-nos situar as famílias adotivas deste estudo (pais e jovens), de acordo com o Modelo Circumplexo de Olson, e classificar o funcionamento familiar em termos de Coesão e de Flexibilidade (Gráfico 7).

**Gráfico 7.**  
*Modelo Circumplexo de Olson*



Fonte: Adaptação do Modelo Circumplexo (Olson, 2011) à nossa amostra.

Analisámos, através do teste *Mann-Whitney U* para amostras independentes, se existiam diferenças entre os pais e os jovens nas dimensões da FACES-IV, e não encontramos diferenças estatisticamente significativas.

Através do mesmo teste estatístico analisámos se existiam diferenças em função do sexo nos adolescentes, e não verificámos diferenças estatisticamente significativas para nenhuma dimensão da FACES-IV.

Com recurso ao Coeficiente de Correlação de *Spearman (rho)*, explorámos se os resultados da FACES-IV estavam associados à idade em que a criança foi adotada e verificámos apenas uma associação negativa fraca com a Comunicação dos adolescentes [ $rho(18) = -0,48$ ;  $p = 0,044$ ]. Realizámos a mesma análise com a idade do adolescente, cujos resultados apresentamos na tabela seguinte (Tabela 14):

**Tabela 14.**  
**Correlação de Spearman Entre as Dimensões da FACES-IV e Idades**  
**(de Adoção e Atual do Adolescente)**

	Idade de Adoção	Idade do Adolescente
<b>Coesão Equilibrada – Adolescentes</b>	-	-0,54*
<b>Coesão Equilibrada – Pais</b>	-	-0,61**
<b>Desligada – Pais</b>	-	0,66***
<b>Rígida – Pais</b>	-	0,57**
<b>Comunicação – Adolescentes</b>	-0,48*	-
<b>Comunicação - Pais</b>	-	-0,55**

Nota: \*  $p \leq 0,05$ ; \*\*  $p \leq 0,01$ ; \*\*\*  $p \leq 0,001$ .

Verificámos uma associação negativa fraca com a subescala Coesão Equilibrada do adolescente [ $rho(18) = -0,54$ ;  $p = 0,021$ ]; uma associação negativa média com a subescala Coesão Equilibrada dos pais [ $rho(21) = -0,61$ ;  $p = 0,003$ ]; uma associação positiva forte com a subescala Desligada dos pais [ $rho(21) = 0,66$ ;  $p = 0,001$ ]; uma associação positiva média com a subescala Rígida dos pais [ $rho(21) = 0,57$ ;  $p = 0,007$ ]; e uma associação negativa média com a subescala Comunicação dos pais [ $rho(21) = -0,55$ ;  $p = 0,009$ ].

Foram analisadas as associações entre as dimensões Flexibilidade, Coesão, Comunicação e Satisfação da FACES-IV dos filhos com a EPA-f, através do Coeficiente de Correlação de *Spearman* ( $\rho$ ), tendo-se encontrado as seguintes correlações estatisticamente significativas:

- A dimensão **Emaranhada** da FACES-IV está negativamente associada com a adaptação e rendimento escolar do jovem (EPA-f Q22) [ $\rho(16) = -0,52$ ;  $p = 0,040$ ], i.e., quanto maior o valor desta subescala desequilibrada, menor o desempenho escolar do jovem.
- A dimensão **Satisfação** da FACES-IV tem uma correlação positiva com o comportamento do adolescente com o pai (EPA-f Q53) [ $\rho(15) = 0,54$ ;  $p = 0,038$ ], sendo que quanto maior a satisfação familiar, mais afetuosa é a relação com a figura paterna.

### 3.6. PERCEÇÃO DOS JOVENS SOBRE O SEU COMPORTAMENTO SOCIAL E EMOCIONAL

Realizámos uma análise das dimensões do YSR (Comportamento Agressivo, Comportamento Delinvente, Ansiedade/Depressão, Isolamento, Queixas Somáticas, Problemas de Atenção, Problemas Sociais, Problemas de Pensamento, Internalização e Externalização) através do teste de *Mann-Whitney U* ( $U$ ), para amostras independentes, por sexo (8 raparigas e 10 rapazes). Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas, à exceção da dimensão Comportamento Delinvente, para a qual se verifica uma média superior para os rapazes ( $M_{\text{feminino}} = 6,13$ ;  $M_{\text{masculino}} = 12,20$ ;  $U = 13,00$ ;  $p \leq 0,05$ ).

Em seguida, comparámos os resultados da nossa amostra com os valores normativos através do teste  $t$  para amostras independentes ( $t$ ), com o objetivo de examinar a existência de diferenças significativas entre os jovens pertencentes à população normativa e à população clínica (Dias et al., 2017), relativamente às dimensões do YSR, cujos resultados se apresentam nas Tabelas 15 e 16.

**Tabela 15.**  
**Problemas de Comportamento, Sociais e Emocionais na Amostra de Adotados e na População Normativa, Percecionados Pelos Jovens**

	<b>População Adotados (n = 18)</b>	<b>População Normativa (n = 1442)</b>	
<b>YSR – Dimensões</b>	<b>M (DP)</b>	<b>M (DP)</b>	<b>t</b>
<b>Comportamento Agressivo</b>	8,39 (4,47)	6,02 (4,20)	2,25*
<b>Comportamento Delinquente</b>	3,89 (2,95)	3,04 (2,69)	1,22
<b>Ansiedade/Depressão</b>	6,28 (4,99)	5,72 (3,70)	0,47
<b>Isolamento</b>	3,33 (2,68)	3,68 (2,44)	-0,55
<b>Queixas Somáticas</b>	3,17 (2,31)	3,08 (2,65)	0,16
<b>Problemas de Atenção</b>	6,78 (2,78)	4,46 (3,08)	3,54*
<b>Problemas Sociais</b>	2,00 (1,08)	2,50 (2,18)	-1,96
<b>Problemas de Pensamento</b>	1,94 (1,70)	3,05 (2,84)	-2,76*
<b>Internalização</b>	12,78 (8,23)	12,48 (7,22)	0,15
<b>Externalização</b>	12,28 (5,97)	9,05 (6,18)	2,29*
<b>Total de Problemas</b>	42,61 (16,74)	35,60 (18,89)	1,78

Nota: \*  $p \leq 0,05$ .

Como se pode observar, obtivemos diferenças estatisticamente significativas para as dimensões Comportamento Agressivo [ $t(17) = 2,25$ ;  $p = 0,038$ ], Problemas de Atenção [ $t(17) = 3,54$ ;  $p = 0,003$ ] e Externalização [ $t(17) = 2,29$ ;  $p = 0,035$ ], onde a nossa amostra de jovens adotados apresenta uma média superior à população normativa, e para a dimensão Problemas de Pensamento [ $t(17) = -2,76$ ;  $p = 0,013$ ], na qual a nossa amostra apresenta uma média inferior à população normativa.

**Tabela 16.**  
**Problemas de Comportamento, Sociais e Emocionais na Amostra de Adotados e na Amostra Clínica, Percecionados Pelos Jovens**

	<b>Amostra Adotados (n = 18)</b>	<b>Amostra Clínica (n = 385)</b>	
<b>YSR – Dimensões</b>	<b>M (DP)</b>	<b>M (DP)</b>	<b>t</b>
<b>Comportamento Agressivo</b>	8,39 (4,47)	8,99 (5,25)	-0,57
<b>Comportamento Delinquente</b>	3,89 (2,95)	4,83 (3,74)	-1,35
<b>Ansiedade/Depressão</b>	6,28 (4,99)	7,84 (4,47)	-1,33
<b>Isolamento</b>	3,33 (2,68)	5,19 (2,76)	-2,94*
<b>Queixas Somáticas</b>	3,17 (2,31)	4,25 (3,22)	-1,99
<b>Problemas de Atenção</b>	6,78 (2,78)	7,26 (3,32)	-0,74
<b>Problemas Sociais</b>	2,00 (1,08)	4,38 (3,21)	-9,31**
<b>Problemas de Pensamento</b>	1,94 (1,70)	4,87 (3,82)	-7,32**
<b>Internalização</b>	12,78 (8,23)	17,27 (8,77)	-2,32*
<b>Externalização</b>	12,28 (5,97)	13,82 (8,14)	-1,10
<b>Total de Problemas</b>	42,61 (16,74)	52,82 (23,16)	-2,59*

Nota: \*  $p \leq 0,05$ ; \*\*  $p \leq 0,001$ .

Ao compararmos com os dados da população clínica, verificámos que a amostra de jovens adotados apresenta diferenças estatisticamente significativas com os jovens da população clínica nas dimensões Isolamento [ $t(17) = -2,94$ ;  $p = 0,009$ ], Problemas Sociais [ $t(17) = -9,31$ ;  $p < 0,001$ ], Problemas de Pensamento [ $t(17) = -7,32$ ;  $p < 0,001$ ], Internalização [ $t(17) = -2,32$ ;  $p = 0,033$ ] e na escala Total de Problemas [ $t(17) = -2,59$ ;  $p = 0,019$ ], sendo que a amostra de adolescentes adotados apresenta uma média inferior à população clínica.

Para avaliarmos se havia uma relação entre a percepção dos jovens sobre o seu comportamento com a idade da adoção e a sua idade atual, utilizámos o Coeficiente de Correlação de Spearman ( $\rho$ ) (Tabela 17).



**Tabela 17.**  
**Correlação de Spearman Entre as Dimensões do YSR e Idade de Adoção**

	<b>Idade de Adoção</b>
<b>Ansiedade/Depressão</b>	0,56*
<b>Isolamento</b>	0,54*
<b>Problemas de Pensamento</b>	0,65**
<b>Internalização</b>	0,62**
<b>Total de Problemas</b>	0,48*

Nota: \*  $p \leq 0,05$ ; \*\*  $p \leq 0,01$ .

Verificamos uma associação positiva da idade de adoção com as dimensões Ansiedade/Depressão [ $\rho(18) = 0,56$ ;  $p = 0,016$ ], Isolamento [ $\rho(18) = 0,54$ ;  $p = 0,020$ ], Problemas de Pensamento [ $\rho(18) = 0,65$ ;  $p = 0,003$ ], Internalização [ $\rho(18) = 0,62$ ;  $p = 0,006$ ] e Total de Problemas [ $\rho(18) = 0,48$ ;  $p = 0,043$ ].

Não foram encontradas associações entre as dimensões do YSR e a idade atual do adolescente.

Avaliámos se havia uma relação entre a percepção dos jovens sobre o seu comportamento e o Funcionamento Familiar, através do Coeficiente de Correlação de Spearman ( $\rho$ ) (Tabela 18).

**Tabela 18.**  
**Correlação de Spearman Entre as Dimensões do YSR e da FACES-IV dos Jovens**

<b>YSR</b>	<b>FACES-IV Jovens</b>		
	<b>Desligada</b>	<b>Comunicação</b>	<b>Satisfação</b>
<b>Comportamento Delinquente</b>	0,47*	-	-
<b>Queixas Somáticas</b>	-	-0,53*	-0,72***
<b>Internalização</b>	-	-0,49*	-0,56*
<b>Total de Problemas</b>	-	-0,49*	-0,60**

Nota: \*  $p \leq 0,05$ ; \*\*  $p \leq 0,01$ ; \*\*\*  $p \leq 0,001$ .

Verificámos uma associação positiva entre a subescala Desligada da FACES-IV e o Comportamento Delinquente [ $\rho(18) = 0,47$ ;  $p = 0,048$ ].

A subescala Comunicação da FACES-IV encontra-se negativamente associada com as dimensões do YSR: Queixas Somáticas [ $\rho(18) = -0,53$ ;  $p = 0,023$ ], Internalização [ $\rho(18) = -0,49$ ;  $p = 0,040$ ] e Total de Problemas [ $\rho(18) = -0,49$ ;  $p = 0,040$ ].

A subescala Satisfação da FACES-IV encontra-se negativamente associada com as dimensões do YSR: Queixas Somáticas [ $\rho(18) = -0,72$ ;  $p = 0,001$ ], Internalização [ $\rho(18) = -0,56$ ;  $p = 0,016$ ] e Total de Problemas [ $\rho(18) = -0,60$ ;  $p = 0,008$ ].

Para avaliarmos se havia uma relação entre a percepção dos pais e a dos jovens sobre o seu comportamento recorreremos ao Coeficiente de Correlação de Spearman ( $\rho$ ) (Tabela 19).

**Tabela 19.**  
**Correlação de Spearman Entre as Dimensões do CBCL e do YSR**

YSR	CBCL			
	Comp. Agressivo	Comp. Delinquente	Prob. Atenção	Externalização
Comp. Delinquente	-	0,59*	-	-
Ansiedade/Depressão	0,51*	-	-	-
Isolamento	0,50*	-	0,52*	0,53*
Problemas de Atenção	0,62**	-	-	0,58*
Problemas de Pensamento	-	-	-	0,47*
Internalização	0,51*	-	-	-
Externalização	-	0,47*	-	0,47*
Total de Problemas	0,51*	-	-	0,49*

Nota: \*  $p \leq 0,05$ ; \*\*  $p \leq 0,01$ .

Verificámos existirem correlações positivas entre:

- O Comportamento Agressivo do jovem percecionado pelos pais e a Ansiedade/Depressão [ $\rho(18) = 0,51$ ;  $p = 0,032$ ], o Isolamento [ $\rho(18) = 0,50$ ;  $p = 0,035$ ], os Problemas de Atenção [ $\rho(18) = 0,62$ ;  $p = 0,006$ ], a Internalização [ $\rho(18) = 0,51$ ;  $p = 0,031$ ] e o Total de Problemas [ $\rho(18) = 0,51$ ;  $p = 0,032$ ], percecionados pelo jovem;

- O Comportamento Delinquente percebido pelos pais e o Comportamento Delinquente [ $\rho(18) = 0,59; p = 0,010$ ] e a Externalização [ $\rho(18) = 0,47; p = 0,048$ ], percebidos pelo jovem;
- Os Problemas de Atenção percebidos pelos pais e o Isolamento [ $\rho(18) = 0,52; p = 0,029$ ], percebido pelo jovem;
- O Comportamento de Externalização percebido pelos pais e o Isolamento [ $\rho(18) = 0,53; p = 0,025$ ], os Problemas de Atenção [ $\rho(18) = 0,58; p = 0,011$ ], os Problemas de Pensamento [ $\rho(18) = 0,47; p = 0,049$ ], a Externalização [ $\rho(18) = 0,47; p = 0,048$ ] e o Total de Problemas [ $\rho(18) = 0,49; p = 0,038$ ], percebidos pelo jovem.

Foram calculadas as associações entre as dimensões de Internalização, de Externalização e do Total de Problemas com a EPA-f, através do Coeficiente de Correlação de *Spearman* ( $\rho$ ), tendo-se encontrado correlações negativas estatisticamente significativas entre o comportamento do adolescente com a mãe (EPA-f Q52), relatado pelos pais, e as dimensões Internalização [ $\rho(17) = -0,56; p = 0,020$ ], Externalização [ $\rho(17) = -0,51; p = 0,038$ ] e Total de Problemas [ $\rho(17) = -0,64; p = 0,005$ ], o que indica que quanto menor a afetividade na relação com a mãe, maiores os valores que traduzem a existência de problemas ao nível do comportamento.

### 3.7. QUALIDADE DA VINCULAÇÃO DOS JOVENS AOS PAIS E AOS PARES

Para analisar a qualidade de vinculação (Confiança, Comunicação e Alienação) à mãe, ao pai e aos pares, começámos por considerar as médias de cada dimensão obtidas pelo IPPA, sendo que a média é proporcional à dimensão, ou seja, quanto mais elevada for a média, maior o índice dessa dimensão (Tabela 20).

**Tabela 20.**  
**Medidas Descritivas das Dimensões do Inventário de Vinculação aos Pais e aos Pares**

		<i>M</i>	<i>DP</i>
<b>Mãe</b>	<b>Confiança</b>	4,38	0,58
	<b>Comunicação</b>	3,92	0,66
	<b>Alienação</b>	1,70	0,45
	<b>Vinculação à Figura Materna</b>	3,58	0,35
<b>Pai</b>	<b>Confiança</b>	4,41	0,57
	<b>Comunicação</b>	3,76	0,77
	<b>Alienação</b>	1,77	0,62
	<b>Vinculação à Figura Paterna</b>	3,55	0,37
<b>Amigos</b>	<b>Confiança</b>	4,54	0,33
	<b>Comunicação</b>	4,24	0,52
	<b>Alienação</b>	1,88	0,34
	<b>Vinculação aos Amigos</b>	3,70	0,24

Fazendo uma análise qualitativa, e reduzindo a média à escala de classificação dos itens (que varia entre 1 e 5 pontos), verificámos que os valores da Confiança e da Comunicação com a mãe, o pai e os pares apresentavam valores acima do ponto médio, o que significa que os adolescentes reportam, em média, uma boa confiança e comunicação às figuras de vinculação. No que respeita à dimensão da Alienação, verifica-se que os valores são baixos, o que significa que os adolescentes revelam, em média, uma alienação baixa às figuras de vinculação.

Tendo em conta os valores totais das escalas de vinculação à mãe, ao pai e aos amigos, verificámos que os valores da nossa amostra estão ligeiramente abaixo da média, mas dentro dos valores de referência (Neves et al., 1999).

Para avaliarmos se existiriam diferenças de sexo no IPPA realizámos uma análise através do teste *Mann-Whitney U* e não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas.

Para analisarmos se havia relação entre das dimensões do IPPA e as variáveis sociodemográficas idade do jovem e idade da adoção, usámos o Coeficiente de

Correlação de *Spearman* ( $\rho$ ), e apenas encontramos uma correlação positiva fraca entre a idade da adoção e a dimensão Alienação à mãe [ $\rho(18) = 0,52$ ;  $p = 0,026$ ], e uma correlação negativa fraca entre a idade da adoção e as dimensões Confiança nos amigos [ $\rho(18) = -0,49$ ;  $p = 0,041$ ] e Vinculação aos amigos [ $\rho(18) = -0,50$ ;  $p = 0,033$ ].

Através do Coeficiente de Correlação de *Spearman* ( $\rho$ ) avaliámos a relação entre a vinculação à mãe, ao pai e aos amigos com as dimensões da *FACES-IV* dos adolescentes e obtivemos os seguintes resultados (Tabela 21):

**Tabela 21.**  
**Correlação de Spearman Entre o Inventário de Vinculação à Mãe e ao Pai e o Funcionamento Familiar, Percecionado Pelos Jovens**

		FACES-IV					
IPPA		Coesão Eq.	Flexib. Eq.	Desligada	Caótica	Comunicação	Satisfação
Mãe	Confiança	0,56*	-	-0,52*	-	-	0,61**
	Comunicação	-	-	-	-	0,51*	0,63**
	Alienação	-0,74***	-0,56*	0,65**	-	-0,71**	-0,77***
	Vinculação	0,59**	-	-0,58*	-	0,58*	0,72**
Pai	Confiança	-	-	-	-0,67**	0,56*	0,59*
	Comunicação	-	-	-	-0,54*	-	0,57*
	Alienação	-0,50*	-	0,62**	-	-0,58*	-0,71**
	Vinculação	-	-	-	-0,55*	0,55*	0,66**

Nota: \*  $p \leq 0,05$ ; \*\*  $p \leq 0,01$ ; \*\*\*  $p < 0,001$ .

Verificou-se que a **Coessão Equilibrada** tem associações negativas e significativas com a Alienação à mãe [ $\rho(18) = -0,74$ ;  $p < 0,001$ ] e ao pai [ $\rho(17) = -0,50$ ;  $p = 0,043$ ], e está correlacionada positiva e significativamente com a Confiança na mãe [ $\rho(18) = 0,56$ ;  $p = 0,016$ ] e a Vinculação à mãe [ $\rho(18) = 0,59$ ;  $p = 0,010$ ].

A **Flexibilidade Equilibrada** tem uma associação negativa significativa com a Alienação da mãe [ $\rho(18) = -0,56$ ;  $p = 0,015$ ].

A subescala **Desligada** está negativa e significativamente associada com a Con-

fiança na mãe [ $\rho(18) = -0,52; p = 0,026$ ] e a Vinculação à mãe [ $\rho(18) = -0,58; p = 0,012$ ], e positiva e significativamente associada com a Alienação da mãe [ $\rho(18) = 0,65; p = 0,004$ ] e do pai [ $\rho(17) = 0,62; p = 0,007$ ].

A subescala **Caótica** apresenta correlações negativas e significativas com a Confiança no pai [ $\rho(16) = -0,67; p = 0,005$ ], a Comunicação com o pai [ $\rho(16) = -0,54; p = 0,032$ ] e a Vinculação ao pai [ $\rho(16) = -0,55; p = 0,026$ ].

A **Comunicação** familiar tem associações negativas e significativas com a Alienação à mãe [ $\rho(18) = -0,71; p = 0,001$ ] e ao pai [ $\rho(17) = -0,58; p = 0,014$ ]. Foram encontradas as seguintes correlações positivas significativas: Comunicação com a mãe [ $\rho(18) = 0,51; p = 0,029$ ], Vinculação à mãe [ $\rho(18) = 0,58; p = 0,011$ ], Confiança no pai [ $\rho(17) = 0,56; p = 0,020$ ], Vinculação ao pai [ $\rho(17) = 0,55; p = 0,021$ ] e Confiança nos amigos [ $\rho(18) = 0,53; p = 0,024$ ].

A **Satisfação** familiar está negativa e significativamente correlacionada com a Alienação à mãe [ $\rho(18) = -0,77; p < 0,001$ ] e ao pai [ $\rho(17) = -0,71; p = 0,001$ ]. Verificamos associações positivas e significativas com as dimensões Confiança na mãe [ $\rho(18) = 0,61; p = 0,008$ ], Comunicação com a mãe [ $\rho(18) = 0,63; p = 0,006$ ], Vinculação à mãe [ $\rho(18) = 0,72; p = 0,001$ ], Confiança no pai [ $\rho(17) = 0,59; p = 0,013$ ], Comunicação com o pai [ $\rho(17) = 0,57; p = 0,016$ ] e Vinculação ao pai [ $\rho(17) = 0,66; p = 0,004$ ].

Relativamente à vinculação aos amigos, a dimensão **Confiança** está positiva e significativamente associada com a dimensão Comunicação da FACES-IV dos adolescentes [ $\rho(18) = 0,53; p = 0,024$ ].

Analísamos, através do Coeficiente de Correlação de Spearman ( $\rho$ ) a relação entre o IPPA e a FACES-IV dos pais e verificámos o seguinte (Tabela 22):

**Tabela 22.**  
**Correlação de Spearman Entre o Inventário de Vinculação à Mãe e ao Pai e o Funcionamento Familiar, Percecionado Pelos Pais**

	<b>Coesão Equilibrada</b>	<b>Flexibilidade Equilibrada</b>	<b>Caótica</b>	<b>Comunicação</b>
<b>Comunicação – Mãe</b>	-	-	-	0,49*
<b>Confiança – Pai</b>	-	-	-0,50*	-
<b>Comunicação – Pai</b>	-	0,50*	-	-
<b>Alienação – Pai</b>	-	-	-	-0,49*
<b>Confiança – Amigos</b>	0,48*	-	-	-

Nota: \*  $p \leq 0,05$ .

Verificámos uma correlação estatisticamente significativa e positiva fraca entre a dimensão da Comunicação da FACES-IV e a Comunicação com mãe do IPPA [ $\rho(18) = 0,49$ ;  $p = 0,038$ ] e uma correlação negativa fraca com a Alienação ao pai do IPPA [ $\rho(17) = -0,49$ ;  $p = 0,047$ ]; uma correlação negativa fraca entre a dimensão Caótica da FACES-IV e a Confiança no pai do IPPA [ $\rho(17) = -0,50$ ;  $p = 0,040$ ]; uma correlação positiva fraca entre a dimensão Flexibilidade Equilibrada da FACES-IV e a Comunicação com o pai do IPPA [ $\rho(17) = 0,50$ ;  $p = 0,040$ ]; e uma correlação positiva fraca entre a dimensão Coesão Equilibrada da FACES-IV e a Confiança nos amigos do IPPA [ $\rho(18) = 0,48$ ;  $p = 0,044$ ].

Fomos também avaliar a relação entre o IPPA e a perceção dos jovens sobre o seu comportamento social e emocional (YSR) através do Coeficiente de Correlação de Spearman ( $\rho$ ) (Tabela 23).

**Tabela 23.**  
**Correlação de Spearman Entre o Inventário de Vinculação aos Pais e aos Pais e aos Pais e a Percepção dos Jovens Sobre o seu Comportamento Social e Emocional**

IPPA	YSR										
	Comp. Agressivo	Comp. Delinquente	Ansiiedade/ Depressão	Isolamento	Queixas Somáticas	Prob. de Atenção	Prob. Sociais	Prob. de Pensamento	Interna- lização	Externa- lização	Total de Problemas
Confiança – Mãe	-	-	-0,50*	-	-0,62**	-0,50*	-	-	-0,69**	-0,59**	-0,73***
Comunicação – Mãe	-0,65**	-0,60**	-	-0,63**	-0,47*	-0,71***	-	-	-0,55*	-0,79***	-0,80***
Alienação – Mãe	-	-	0,62**	0,53*	0,71***	-	-	-	0,80***	0,52*	0,77***
Vinculação – Mãe	-0,63**	-0,53*	-0,49*	-0,61**	-0,67**	-0,66**	-	-	-0,75***	-0,81***	-0,88***
Confiança – Pai	-	-	-	-	-0,50*	-	-	-	-0,50*	-0,49*	-0,58*
Comunicação – Pai	-	-	-	-	-0,61**	-	-	-	-0,60*	-	-0,54*
Alienação – Pai	0,57*	-	0,56*	-	0,74***	0,71**	-	-	0,76***	0,67**	0,82***
Vinculação – Pai	-0,56*	-	-	-	-0,66**	-0,63**	-	-	-0,66**	-0,61**	-0,72***
Confiança – Amigos	-	-	-	-	-	-	-0,60**	-0,69**	-	-0,49*	-
Comunicação – Amigos	-0,59*	-	-	-	-	-0,49*	-	-	-	-0,55*	-
Alienação – Amigos	-	-	-	-	-	-	-	0,53*	-	-	-
Vinculação – Amigos	-0,50*	-	-0,48*	-	-	-	-0,57*	-0,72***	-0,51*	-0,60**	-0,53*

Nota: \* p ≤ 0,05; \*\* p ≤ 0,01; \*\*\* p ≤ 0,001



Encontrámos associações estatisticamente significativas e negativas entre o **Comportamento Agressivo** e a Comunicação com a mãe [ $\rho(18) = -0,65$ ;  $p = 0,004$ ], a Vinculação à mãe [ $\rho(18) = -0,63$ ;  $p = 0,005$ ], a Vinculação ao pai [ $\rho(17) = -0,57$ ;  $p = 0,018$ ], a Comunicação com os amigos [ $\rho(18) = -0,59$ ;  $p = 0,011$ ] e a Vinculação aos amigos [ $\rho(18) = -0,50$ ;  $p = 0,036$ ]. O Comportamento Agressivo está positivamente associado com a Alienação do pai [ $\rho(17) = 0,57$ ;  $p = 0,016$ ].

O **Comportamento Delinquente** está negativamente associado com as dimensões Comunicação com a mãe [ $\rho(18) = -0,60$ ;  $p = 0,009$ ] e Vinculação à mãe [ $\rho(18) = -0,53$ ;  $p = 0,025$ ].

Observaram-se associações negativas e significativas entre a **Ansiedade/Depressão** e a Confiança na mãe [ $\rho(18) = -0,50$ ;  $p = 0,034$ ], a Vinculação à mãe [ $\rho(18) = -0,49$ ;  $p = 0,038$ ] e a Vinculação aos amigos [ $\rho(18) = -0,48$ ;  $p = 0,044$ ]. Encontraram-se, ainda, associações positivas e significativas com a Alienação da mãe [ $\rho(18) = 0,62$ ;  $p = 0,007$ ] e do pai [ $\rho(17) = 0,56$ ;  $p = 0,021$ ].

O **Isolamento** está negativamente correlacionado com as dimensões Comunicação com a mãe [ $\rho(18) = -0,63$ ;  $p = 0,005$ ] e Vinculação à mãe [ $\rho(18) = -0,61$ ;  $p = 0,008$ ]. Verifica-se, também, uma associação significativa positiva com a Alienação da mãe [ $\rho(18) = 0,53$ ;  $p = 0,025$ ].

A dimensão **Queixas Somáticas** apresenta as seguintes associações significativas e negativas: Confiança na mãe [ $\rho(18) = -0,62$ ;  $p = 0,007$ ], Comunicação com a mãe [ $\rho(18) = -0,47$ ;  $p = 0,048$ ], Vinculação à mãe [ $\rho(18) = -0,67$ ;  $p = 0,002$ ], Confiança no pai [ $\rho(17) = -0,50$ ;  $p = 0,039$ ], Comunicação com o pai [ $\rho(17) = -0,61$ ;  $p = 0,009$ ] e Vinculação ao pai [ $\rho(17) = -0,66$ ;  $p = 0,004$ ]. Encontraram-se associações significativas e positivas com a Alienação da mãe [ $\rho(18) = 0,71$ ;  $p = 0,001$ ] e do pai [ $\rho(17) = 0,74$ ;  $p = 0,001$ ].

Os **Problemas de Atenção** encontram-se negativamente associados com a Confiança na mãe [ $\rho(18) = -0,50$ ;  $p = 0,035$ ], a Comunicação com a mãe [ $\rho(18) = -0,71$ ;  $p = 0,001$ ], a Vinculação à mãe [ $\rho(18) = -0,66$ ;  $p = 0,003$ ], a Vinculação ao pai [ $\rho(17) = -0,63$ ;  $p = 0,007$ ] e a Comunicação com os amigos

$[rho(18) = -0,49; p = 0,039]$ ; e positivamente associados com a Alienação do pai  $[rho(17) = 0,71; p = 0,002]$ .

Os **Problemas Sociais** estão negativamente correlacionados com a Confiança nos amigos  $[rho(18) = -0,60; p = 0,008]$  e a Vinculação aos amigos  $[rho(18) = -0,57; p = 0,013]$ .

Os **Problemas de Pensamento** apresentam uma associação negativa com a Confiança nos amigos  $[rho(18) = -0,69; p = 0,002]$  e a Vinculação aos amigos  $[rho(18) = -0,72; p = 0,001]$ , e uma associação positiva com a Alienação dos amigos  $[rho(18) = 0,53; p = 0,024]$ .

A **Internalização** correlaciona-se negativa e significativamente com a Confiança na mãe  $[rho(18) = -0,69; p = 0,002]$ , a Comunicação com a mãe  $[rho(18) = -0,55; p = 0,017]$ , a Vinculação à mãe  $[rho(18) = -0,75; p < 0,001]$ , a Confiança no pai  $[rho(17) = -0,50; p = 0,043]$ , a Comunicação com o pai  $[rho(17) = -0,60; p = 0,011]$ , a Vinculação ao pai  $[rho(17) = -0,66; p = 0,004]$  e a Vinculação aos amigos  $[rho(18) = -0,51; p = 0,030]$ . Verificaram-se associações positivas significativas com a Alienação da mãe  $[rho(18) = 0,81; p < 0,001]$  e do pai  $[rho(17) = 0,76; p < 0,001]$ .

A **Externalização** tem associações negativas e significativas com a Confiança na mãe  $[rho(18) = -0,59; p = 0,010]$ , a Comunicação com a mãe  $[rho(18) = -0,79; p < 0,001]$ , a Vinculação à mãe  $[rho(18) = -0,81; p < 0,001]$ , a Confiança no pai  $[rho(17) = -0,49; p = 0,046]$ , a Vinculação ao pai  $[rho(17) = -0,61; p = 0,010]$ , a Confiança nos amigos  $[rho(18) = -0,49; p = 0,038]$ , a Comunicação com os amigos  $[rho(18) = -0,55; p = 0,019]$  e a Vinculação aos amigos  $[rho(18) = -0,60; p = 0,008]$ . Encontraram-se correlações positivas e significativas com a Alienação da mãe  $[rho(18) = 0,52; p = 0,027]$  e do pai  $[rho(17) = 0,67; p = 0,003]$ .

A dimensão **Total de Problemas** está negativamente correlacionada com a Confiança na mãe  $[rho(18) = -0,73; p = 0,001]$ , a Comunicação com a mãe  $[rho(18) = -0,80; p < 0,001]$ , a Vinculação à mãe  $[rho(18) = -0,88; p < 0,001]$ , a Confiança no pai  $[rho(17) = -0,58; p = 0,014]$ , a Comunicação com o pai  $[rho(17) = -0,54; p = 0,024]$ , a Vinculação ao pai  $[rho(17) = -0,72; p = 0,001]$  e a Vinculação

aos amigos [ $\rho(18) = -0,53$ ;  $p = 0,024$ ]. Encontraram-se, também, associações positivas com a Alienação da mãe [ $\rho(18) = 0,77$ ;  $p < 0,001$ ] e do pai [ $\rho(17) = 0,82$ ;  $p < 0,001$ ].

Explorámos a relação entre o Inventário de Vinculação aos Pais e aos Pares (IPPA) e a percepção dos pais sobre o comportamento social e emocional dos seus filhos (CBCL), através do Coeficiente de Correlação de Spearman ( $\rho$ ), e encontrámos as seguintes associações (Tabela 24):

**Tabela 24.**  
**Correlação de Spearman Entre o Inventário de Vinculação aos Pais e aos Pares e a Percepção dos Pais Sobre o Comportamento Social e Emocional dos Seus Filhos**

	Comportamento Agressivo	Problemas de Atenção	Problemas de Externalização
Confiança – Mãe	-	-0,51*	-
Confiança – Pai	-	-	-0,51*
Alienação – Pai	0,51*	-	-

Nota: \*  $p \leq 0,05$ .

Verificámos que a Confiança na mãe está negativa e significativamente correlacionada com os Problemas de Atenção [ $\rho(18) = -0,51$ ;  $p = 0,030$ ]; a Confiança no pai está negativa e significativamente associada aos Problemas de Externalização [ $\rho(17) = -0,51$ ;  $p = 0,036$ ]; a Alienação ao pai está associada de forma positiva e significativa com o Comportamento Agressivo [ $\rho(17) = 0,51$ ;  $p = 0,035$ ].

Não encontrámos nenhuma correlação entre o *Q-sort* da vinculação (avaliado no estudo de 2007, quando estes jovens tinham idade pré-escolar) e as dimensões do IPPA.

Foram calculadas as associações entre a EPA-f e o IPPA através do Coeficiente de Correlação de Spearman ( $\rho$ ), tendo-se encontrado as seguintes correlações estatisticamente significativas:

- A percepção que os pais têm do estado de **desenvolvimento psicológico**

**atual do adolescente** (EPA-f Q16) está positivamente associada à dimensão do IPPA Confiança no pai [ $\rho(16) = 0,61$ ;  $p = 0,012$ ], ou seja, quanto melhor o jovem se encontra a nível psicológico, maior a confiança no pai, reportada pelo mesmo.

- A percepção que os pais têm da **relação do jovem com outros familiares** (EPA-f Q20) encontra-se positivamente associada às dimensões do IPPA relacionadas com o pai: Confiança [ $\rho(16) = 0,57$ ;  $p = 0,022$ ], Comunicação [ $\rho(16) = 0,77$ ;  $p = 0,001$ ] e Vinculação [ $\rho(16) = 0,62$ ;  $p = 0,011$ ], indicando que quanto maior a confiança, comunicação e vinculação ao pai, melhor a relação com outros familiares.
- A **relação do adolescente com os seus pares**, percecionada pela família (EPA-f Q21), apresenta uma associação positiva com a dimensão do IPPA Comunicação com o pai [ $\rho(16) = 0,64$ ;  $p = 0,008$ ] e negativa com a dimensão do IPPA Confiança nos amigos [ $\rho(17) = -0,49$ ;  $p = 0,048$ ], i.e., quanto melhor a relação do jovem com os pares, maior a comunicação com o pai. Por outro lado, quanto melhor a percepção que os pais têm da relação do filho com os pares, menor a confiança que estes têm nos mesmos.
- O **comportamento do adolescente em relação à mãe** (EPA-f Q52) demonstra correlações positivas com as dimensões do IPPA: Comunicação com a mãe [ $\rho(17) = 0,60$ ;  $p = 0,012$ ], Vinculação à mãe [ $\rho(17) = 0,57$ ;  $p = 0,016$ ], Confiança no pai [ $\rho(16) = 0,54$ ;  $p = 0,030$ ] e Vinculação ao pai [ $\rho(16) = 0,58$ ;  $p = 0,018$ ], significando que quanto mais afetuosa é a relação com a mãe, melhor a comunicação com a mesma, maior a confiança no pai e maior a vinculação a ambas as figuras parentais. Por outro lado, o mesmo item apresenta uma associação negativa com a dimensão do IPPA Alienação relativa ao pai [ $\rho(16) = -0,53$ ;  $p = 0,034$ ], o que remete para um menor sentimento de alienação reportado pelo adolescente, quando a família perceciona uma relação mais afetuosa com a mãe.
- Verificam-se associações positivas entre o **comportamento do adolescente em relação ao pai** (EPA-f Q53) e as dimensões do IPPA relativas ao pai: Confiança [ $\rho(15) = 0,59$ ;  $p = 0,021$ ], Comunicação [ $\rho(15) = 0,71$ ;  $p = 0,003$ ] e Vinculação [ $\rho(15) = 0,62$ ;  $p = 0,015$ ], indicando que quanto mais afetuoso o

comportamento do jovem com o pai, percecionado pela família, maior a confiança, comunicação e vinculação a esta figura, reportada pelo jovem.

- A avaliação que os pais fazem da **repercussão da adoção na vida familiar** (EPA-f Q89) tem uma correlação positiva com a dimensão do IPPA Confiança no pai [ $\rho(17) = 0,50$ ;  $p = 0,040$ ], ou seja, quanto mais positiva a avaliação da família, maior a confiança no pai, indicada pelo adolescente.
- O **grau de satisfação da família em relação à adoção** (EPA-f Q90) está positivamente associada com a dimensão do IPPA Comunicação com o pai [ $\rho(17) = 0,59$ ;  $p = 0,012$ ]. Assim, quanto mais satisfeitos os pais se encontram com a adoção, melhor é a comunicação com o pai, avaliada pelo jovem.

### 3.8. EXPERIÊNCIA DA ADOÇÃO

Preencheram esta escala 18 adolescentes cujos resultados se podem observar na Tabela 25, e que serão descritos adiante.

**Tabela 25.**  
*Experiência de Adoção, Percecionada Pelos Adolescentes*

	Nada	Não muito	Médio	Bastante	Muito
Sentes-te feliz com a tua família?	-	-	-	2 (11,1%)	16 (88,9%)
Sentes-te feliz com a tua mãe?	-	-	1 (5,6%)	1 (5,6%)	16 (88,9%)
Sentes-te feliz com o teu pai?	1 (5,6%)	1 (5,6%)	1 (5,6%)	1 (5,6%)	14 (77,8%)
Sentes-te feliz com os teus irmãos?	-	-	-	-	9 (50%)
Achas que te pareces com os teus pais?	-	-	7 (38,9%)	4 (22,2%)	7 (38,9%)
Fisicamente, pareces-te com eles?	2 (11,1%)	5 (27,8%)	5 (27,8%)	4 (22,2%)	2 (11,1%)
Nas tuas atitudes e maneira de pensar, achas que te pareces com eles?	-	2 (11,1%)	3 (16,7%)	7 (38,9%)	6 (33,3%)

Tabela 25. (Continuação)

	Fácil	Mais fácil, que difícil	Assim- assim	Mais difícil, que fácil	Difícil
<b>Para ti ser adotado é...</b>	13 (72,2%)	1 (5,6%)	3 (16,7%)	1 (5,6%)	-
	Igual	Mais igual que diferente	Assim- assim	Mais diferente, que igual	Diferente
<b>Em comparação com outros jovens, sentes-te...</b>	16 (88,9%)	-	1 (5,6%)	1 (5,6%)	-
<b>Em comparação com outras famílias, a tua é...</b>	14 (77,8%)	2 (11,1%)	-	-	2 (11,1%)
	Nada	Não muito	Médio	Bastante	Muito
<b>Falas sobre a tua adoção?</b>	2 (11,1%)	4 (22,2%)	5 (27,8%)	2 (11,1%)	5 (27,8%)
<b>Gostas de falar sobre isso?</b>	1 (5,6%)	3 (16,7%)	7 (38,9%)	2 (11,1%)	5 (27,8%)
<b>Em geral, sentes-te feliz por ter sido adotado?</b>	-	-	-	1 (5,6%)	17 (94,4%)
	Nada	Não muitas	Algumas	Bastantes	Muitas
<b>Gostarias de saber mais coisas sobre a tua adoção?</b>	4 (22,2%)	4 (22,2%)	4 (22,2%)	3 (16,7%)	3 (16,7%)
<b>Alguma vez os teus amigos/colegas te fizeram sentir mal por seres adotado?</b>	13 (72,2%)	4 (22,2%)	-	1 (5,6%)	-

Como podemos verificar pela análise da tabela, a maioria dos jovens (88,9%) estavam muito **felizes com a sua família**, e dois (11,1%) **bastante felizes (E1)**. Sobre se se sentiam **felizes com a sua mãe (E2)**, 16 (88,9%) jovens responderam sentirem-se muito felizes, um (5,6%) estava bastante feliz, e outro (5,6%) situou-se no ponto médio da escala (3). Relativamente ao **grau de felicidade com o pai (E3)**, 14 (77,8%) jovens responderam estarem muito felizes, um (5,6%) encontrava-se bastante feliz, outro (5,6%) situou-se no ponto médio da escala, outro jovem (5,6%) respondeu não estar muito feliz, e outro (5,6%) reportou não estar nada feliz com o seu pai (5,6%). Apenas nove jovens responderam acerca do **grau de felicidade que sentiam com os seus irmãos (E4)**, estando todos muito satisfeitos com os mesmos. Aos restantes participantes a pergunta não se aplicava por não terem irmãos.

À questão de se **acharem, ou não, parecidos com os seus pais (E5)**, sete (38,9%) jovens responderam que se achavam muito parecidos, quatro (22,2%) jovens consideraram ser bastante parecidos, e sete (38,9%) reconhecem que existem algumas pareências (ponto médio da escala). No que diz respeito às **pareências físicas (E6)**, dois (11,1%) jovens referiram achar-se muito parecidos, quatro (22,2%) indicaram existir bastantes semelhanças, cinco (27,8%) mencionaram encontrar algumas pareências (ponto médio da escala), cinco (27,8%) não se consideraram muito parecidos, e dois (11,1%) referiram não encontrar semelhanças com os pais. Nas **atitudes e maneira de pensar (E7)**, seis (33,3%) jovens consideraram-se muito parecidos com os pais, sete (38,9%) referiram ser bastante parecidos, três (16,7%) responderam ter algumas pareências, e dois (11,1%) não se julgam muito parecidos.

Os jovens foram questionados acerca da **dificuldade que sentiam pelo facto de serem adotados (E8)**. Esta condição é fácil para 13 (72,2%) jovens, um (5,6%) jovem refere não encontrar muitas dificuldades, três (16,7%) indicaram sentir algumas dificuldades, e um (5,6%) mencionou sentir bastantes dificuldades.

Quando se **comparam com outros adolescentes (E9)**, 16 (88,9%) jovens afirmaram sentir-se iguais a outros, um (5,5%) jovem situou-se no ponto médio da escala (3), e outro (5,6%) considerou-se, em parte, diferente de outros jovens.

**Comparando a sua família com as restantes (E10)**, 14 (77,8%) jovens responderam que são iguais, dois (11,1%) jovens consideraram que são iguais, em parte, e apenas dois (11,1%) consideraram que a sua família é diferente das outras.

Quando se questionou sobre se **costumam falar acerca da sua adoção (E11)**, cinco (27,8%) jovens respondem que muito, dois (11,1%) falam bastante, cinco (27,8%) falam algumas vezes, quatro (22,2%) não falam muito, e dois (11,1%) não conversam sobre este assunto.

Foi-lhes também questionado se **gostam de abordar este tema (E12)**, tendo cinco (27,8%) jovens respondido que gostam muito, dois (11,1%) gostam bastante, sete (38,9%) posicionaram-se no ponto médio da escala (3), três (16,7%) jovens

não gostam muito de abordar o assunto, e um (5,6%) jovem não gosta nada.

A maioria dos jovens referiu **sentir-se muito feliz por ter sido adotado (E13)** ( $n = 17$ ; 94,4%), e um (5,6%) respondeu sentir-se bastante feliz.

Sobre se gostariam de **saber mais informações acerca da sua adoção (E14)**, três (16,7%) jovens responderam que gostariam muito, três (16,7%) gostariam bastante, quatro (22,2%) gostariam de saber algumas coisas, quatro (22,2%) gostariam de saber poucas coisas, e quatro (22,2%) não têm interesse em saber mais nada.

Por fim, perguntou-se aos jovens se em **algum momento os seus amigos os tinham feito sentir-se mal por serem adotados (E15)**. Treze (72,2%) jovens responderam que os seus amigos nunca os tinham feito sentir-se mal, quatro (22,2%) responderam que foram poucas as vezes em que isso aconteceu, e um (5,6%) jovem afirmou que essa situação já ocorreu bastantes vezes.

### 3.9. NARRATIVA SOBRE DESEJOS FUTUROS

Foi solicitado aos jovens que redigissem um pequeno texto, sobre o tema “Quando eu tiver 30 anos...”. Catorze adolescentes realizaram esta tarefa ( $n_{\text{masculino}} = 7$ ;  $n_{\text{feminino}} = 7$ ).

Os adolescentes referiram que aos 30 anos ambicionam ter uma profissão com a qual se identifiquem e um trabalho estável ( $n = 12$ ; 85,7%) (e.g., “*Vou trabalhar como investigadora...*”; “... *boa carreira profissional... emprego estável... do qual goste e sinta prazer em fazer e estar.*”), ter constituído uma família ( $n = 9$ ; 64,3%) (e.g., “...*casada e com dois filhos...*”), ter casa própria ( $n = 7$ ; 50%) (e.g., “...*uma casa grande com quintal...*”), ser feliz ( $n = 5$ ; 35,7%) (e.g., “... *ser feliz e aproveitar a vida porque o tempo passa a correr.*”), manter a relação com a sua família ( $n = 4$ ; 28,6%) (e.g., “...*manter sempre a minha família por perto...*”, “...*Passar muito tempo com a minha família completa.*”), ter terminado os seus estudos académicos ( $n = 3$ ; 21,4%) (e.g., “... *ter acabado a minha licenciatura... o mestrado também...*”), manter a relação com os amigos atuais ( $n = 2$ ; 14,3%) (e.g., “...*continuar a dar-me*



com os meus melhores amigos...”), ter um carro ( $n = 2$ ; 14,3%) (e.g., “...ter o meu carro de sonho...”) e viajar ( $n = 2$ ; 14,3%) (e.g., “...viajar para diversos países como China, Japão, E.U.A. de forma a aprender e conhecer melhor outras culturas.”). Um jovem acrescenta que gostaria de aprender a lidar melhor com os problemas e a sentir-se bem consigo mesmo (7,1%) e outro refere que não pensa no futuro a longo prazo (7,1%).

A análise destes textos mostrou que os adolescentes deste estudo ambicionam e desejam para a sua vida aquilo que todos os outros, da mesma faixa etária, desejam, fortalecendo a ideia de um desenvolvimento pessoal e social normativo.



## 4. DISCUSSÃO



## 4. DISCUSSÃO

**A** motivação para este estudo foi descrever os adolescentes adotados quanto ao seu desenvolvimento socioemocional, relações sociais e familiares e comportamento e perceber como é que as famílias adotivas lidam com as especificidades desta forma particular de parentalidade e de filiação.

A parentalidade adotiva enfrenta, desde a tomada da decisão de adoção até à autonomização dos filhos adotivos, desafios e constrangimentos que são específicos, do mesmo modo que ser filho adotado traz dificuldades acrescidas, nomeadamente lidar com as questões que dizem respeito à identidade (“*quem sou eu?*”, “*quem são os meus pais biológicos?*”, “*porque é que eu fui para a adoção?*”), que é necessário resolver.

A nossa premissa, baseada nos resultados de estudos anteriores (Dozier et al., 2001; Salvaterra, 2007; Triseliotis & Hill, 1990; Van IJzendoorn & Juffer, 2006), foi a de que a criança ao ser colocada numa família adotiva, cujos pais sejam sensíveis e responsivos, poderia reparar os danos causados pelas experiências negativas anteriores, ao criar uma relação de vinculação segura que lhe permitisse um bom desenvolvimento psicossocial e a construção de uma identidade positiva.

Dado tratar-se de um estudo longitudinal quisemos perceber o ajustamento socioemocional dos adolescentes, que tinham sido avaliados, a maioria, com uma vinculação segura às suas mães adotivas, quando tinham entre os 9 e os 69 meses ( $M = 37,84$ ), com um tempo de vida em comum com a família adotiva, de pelo menos 6 meses ( $M = 29,06$ ) e cujas mães adotivas tinham uma representação da vinculação segura.

O estudo de Fernanda Salvaterra, em 2007, concluiu o seguinte:

- Os pais adotivos manifestam um elevado nível de satisfação com o processo de adoção. A adoção é percecionada pelos pais adotivos como uma experiência feliz, com um impacto muito positivo nas famílias e muito gratificante;

- As crianças conseguem constituir ou reconstituir relações de vinculação seguras com as suas mães adotivas, independentemente da idade com que foram adotadas e da sua história de vida prévia à adoção (pelo menos em crianças em idade pré-escolar);
- Existe uma correlação entre os modelos dinâmicos internos das mães adotivas e a qualidade da vinculação dos seus filhos adotados, o que significa que existe uma transmissão intergeracional, independentemente de pais e filhos partilharem os mesmos genes, o que põe a ênfase na história relacional da díade adotiva, em especial, na sensibilidade materna;
- A adoção parece proporcionar às crianças cujos pais biológicos não quiseram ou não puderam assumir a parentalidade, um ambiente de suficiente qualidade, oferecendo-lhe novos modelos relacionais que funcionam como fatores de proteção contra o risco genético.

No presente estudo começámos por caracterizar a vida familiar quanto ao desenvolvimento e adaptação do adolescente na família, a sua integração familiar e social, as dificuldades relativas à parentalidade e as preocupações dos filhos relacionadas com a adoção.

Relativamente à adaptação e desenvolvimento dos filhos podemos concluir que a quase totalidade dos pais considera que a adaptação do filho à família correu muito bem, não sendo referidos, pela maioria, quaisquer problemas. No entanto, algumas famílias referiram problemas comuns da parentalidade, tais como o estabelecimento de regras e o facto de serem pais pela primeira vez, outras referiram problemas de comportamento, dificuldades relacionadas com a vinculação e problemas específicos relacionados com a adoção. Estes resultados estão de acordo com os estudos de Palacios e Sánchez-Sandoval (2005) e de Rutter e colaboradores (2001) que revelam que a maioria das crianças adotadas se encontra bem-adaptada à sua família adotiva, anos depois da integração na mesma.

A descrição que os pais fazem dos filhos é, maioritariamente, muito favorável e positiva, indicando que as suas vivências neste contexto foram pautadas por situações normais que acompanham a idade e sem problemas relevantes a relatar.

Ainda assim, algumas famílias, referiram preocupações com o seu estado emocional (e.g., desinteresse, baixa autoestima, impulsividade) e com o seu comportamento ao nível da socialização e a nível académico, como o insucesso (40,62% dos jovens já reprovaram pelo menos uma vez) e o desinteresse escolar.

Quanto às características atuais dos seus filhos grande parte das famílias percebem-nos como estando muito bem em termos de saúde e desenvolvimento, na relação com o pai, com a mãe, com os irmãos, com outros familiares e com outros adolescentes; bem em termos de desenvolvimento psicológico; e normal em termos de rendimento escolar. Os pais, na sua maioria, estão muito satisfeitos ou satisfeitos com as características dos seus filhos. Sobre as condições que consideram estar a influenciar o desenvolvimento dos filhos, a maioria das famílias dá maior importância às experiências na família atual e ao ambiente onde vivem (bairro, escola, amigos), valorizando pouco as experiências de vida prévias à adoção.

Relativamente às expectativas sobre a parentalidade adotiva, para a maioria foi mais fácil do que esperavam e algumas famílias referiram que foi fácil na infância, mas que na adolescência sentiram dificuldades, o que é um sentimento comum à maioria das famílias não adotivas. Comparando com o estudo de 2007, os pais mantiveram o mesmo padrão de resposta, no entanto quatro famílias referiram que a tarefa de serem pais se tornou mais difícil do que o esperado e, para oito famílias o grau de satisfação com as características dos filhos diminuiu, o que pode ser considerado um fenómeno normativo relativo à parentalidade de adolescentes.

Sobre a criança na família, a grande maioria (93,8%) dos pais considera que o seu filho está plenamente integrado, apontando para isso a idade precoce com que foi adotado, a aceitação pela família alargada, o amor com que foi recebido e por não ser tratado de modo diferente daquele que seria caso fosse filho biológico. Apesar de a maioria (71,9%) dos pais considerar que não existem coisas que tornam mais difícil ser mãe/pai adotivo do que biológico, alguns mencionam as questões relacionadas com a adoção. Os pais falam de necessidades específicas dos seus filhos, relacionadas com o estatuto de adotado, como o sentimento de terem sido rejeitados, o conhecimento das origens e as razões que levaram à sua

adoção, o que está de acordo com aquilo que é descrito na literatura relativamente à especificidade da parentalidade e da filiação adotiva, comparando com as famílias convencionais (Brodzinsky, 1990; Brodzinsky et al., 1987, 1998; Fuertes & Amorós, 1996; Kirk, 1964). São referidos, também, por alguns pais (18,8%) problemas específicos, nomeadamente, questões relacionadas com o medo de abandono e rejeição, com a autoestima do jovem e a assimilação da existência de uma outra família, quer pelos pais, quer pelos filhos, questões que estão de acordo com os estudos de Triseliotis (1997).

A maioria (90,6%) dos pais considera que não há diferenças, quanto à educação de um filho adotado e à educação de um filho biológico, quer quanto à demonstração de afeto (87,4%), quer quanto à exigência (87,4%). Todos os pais, sem exceção, referiram que as pessoas do seu meio envolvente, família, amigos e vizinhos consideram a criança adotada como um membro da família, de pleno direito.

A comunicação na família é percebida de forma muito satisfatória (37,5%) ou satisfatória (15,6%) e descrevem o comportamento do filho para com eles maioritariamente como afetuoso (43,8%) ou muito afetuoso (31,3%), no caso das mães, e afetuoso (40,6%) ou normal (25%), no caso dos pais.

Sobre o nível de felicidade da vida familiar como consequência da adoção, a maioria dos pais considera que a sua vida foi muito mais feliz (56,2%) ou feliz (25%), o que é coerente com as respostas anteriores relativas ao desenvolvimento e adaptação dos filhos e à sua integração familiar e social, e semelhante às respostas encontradas no estudo de 2007, destacando-se atualmente apenas uma família que referiu que a sua vida foi menos feliz. No entanto, para três famílias o nível de felicidade aumentou em relação ao estudo anterior, aquando os filhos estavam na primeira infância; para uma das famílias a vida familiar tornou-se difícil, como consequência da adoção.

Sobre o conhecimento de ser adotado, a maioria dos pais falou com o filho pela primeira vez antes dos 4 anos (53,2%) ou dos 6 anos (28,1%) e ocorreu de forma natural (87,4%). Os pais relataram que se prepararam para abordar o assunto, ou recorrendo a um profissional, ou lendo livros, tendo a reação da criança sido



muito positiva. Atualmente, a maioria dos pais dizem que o seu filho, face ao estatuto de adotado, tem curiosidade sobre a sua adoção e fala do tema abertamente e com naturalidade. Para a maioria das famílias é fácil ou muito fácil conversar com os jovens sobre as suas origens. Grande parte das famílias demonstra atitudes adequadas face a ajudar o filho a lidar com o facto de ser adotado, nomeadamente, ajudá-lo no processo de procura da família biológica, e prepararam o filho para enfrentar atitudes mais negativas face à adoção. Ainda assim, algumas famílias referiram que a forma como trataram o tema não foi satisfatória, o que reforça a ideia de que seria útil para as famílias terem um especialista a quem recorrer para aconselhamento, nalgumas fases do ciclo de vida da família.

Sobre o futuro dos filhos, a maioria das famílias (78,1%) respondeu não ter qualquer preocupação específica pelo facto de ser adotado, as preocupações referidas são comuns a todos os pais. Relativamente à consulta de serviços especializados, embora a maioria (87,5%) dos pais tivesse respondido no questionário que não sentia essa necessidade, nas entrevistas presenciais, todas as famílias consideraram ter sido necessário recorrer a um serviço dessa natureza em diversas alturas da vida familiar e ao longo do processo de desenvolvimento dos filhos. Os pais sentem a sua vida familiar como muito satisfatória (56,3%) ou satisfatória (37,5%), com repercussões muito positivas (71,8%) na sua vida e estão muito satisfeitos (71,8%) com a adoção e com a forma como tem decorrido a sua vida.

Encontrámos uma relação entre os valores de segurança à mãe adotiva avaliado no estudo de 2007 e a ideia que o adolescente tem, atualmente, dos seus pais biológicos. Isto significa que, quanto maior a segurança à mãe adotiva, mais positiva é também a ideia que têm da sua mãe biológica, o que, de acordo com a teoria da vinculação, confirma a tese de que os modelos internos dinâmicos construídos através da experiência relacional, com as principais figuras de vinculação vai regular, interpretar e predizer o comportamento, pensamentos e sentimentos com o outro. As relações de vinculação são psicologicamente internalizadas e influenciam a perceção que cada indivíduo tem de si próprio e dos outros, afetando também o comportamento e a competência social (Bowlby, 1982). De acordo com Bowlby (1982), interpretamos as situações de vida com que nos deparamos com base nos modelos representacionais que possuímos sobre o mundo e sobre nós próprios. A informação que nos chega através dos sentidos é selecionada e

interpretada através desses modelos, o seu significado é avaliado de acordo com esses mesmos modelos, assim como as nossas ações.

A percepção dos pais sobre os problemas de comportamento, sociais e emocionais dos seus filhos adotados, avaliada pelo CBCL, que tem sido considerado como um dos instrumentos mais eficazes na quantificação das respostas parentais sobre o comportamento dos filhos (Carvalho et al., 2009), mostrou que os jovens adotados deste estudo não se distinguem da população normativa, em termos dos comportamentos de internalização e de externalização e total de problemas.

Brodzinsky (1987, 1990) propôs um modelo de ajustamento psicossocial à adoção, sugerindo que a experiência da adoção expõe pais e filhos a um conjunto único de problemas ou tarefas psicossociais que podem complicar as tarefas normativas do desenvolvimento. Estas previsões sobre o desenvolvimento socioemocional mais problemático das crianças adotadas não se confirmam para a maioria dos jovens neste estudo, pois as pontuações obtidas nesta escala incluem-nos na faixa normal, em relação ao seu funcionamento global e aos perfis internalizante e externalizante.

Quando analisamos a percepção dos jovens sobre o seu comportamento, obtido através de uma medida de autoavaliação do comportamento para crianças e adolescentes (YSR), obtemos dados algo diferentes. Assim, ao compararmos com a população normativa, não obtivemos diferenças significativas para a maior parte das dimensões, nomeadamente para o Total de Problemas e para os Problemas de Internalização ou Emocionais, para os Problemas Sociais, para as Queixas Somáticas, para o Isolamento, para a Ansiedade/Depressão e para o Comportamento Delinvente. Todavia, nas dimensões Comportamento Agressivo, Problemas de Atenção e Externalização, a nossa amostra de jovens adotados apresenta uma média superior à população normativa. Contudo, na comparação com a população clínica, os jovens adotados, embora não apresentem diferenças significativas nestas dimensões, têm uma média inferior à população clínica. Estes dados permitem concluir que os jovens adotados, quanto aos comportamentos de Externalização (Comportamento Agressivo e Delinvente) e Problemas de Atenção se situam numa faixa limítrofe. Uma hipótese interpretativa é que a

percepção destes jovens seja influenciada por uma maior exigência quanto ao seu comportamento e por considerarem que o mesmo não corresponde ao desejado pelos pais. Outro dado interessante é que os comportamentos de Internalização (Ansiedade/Depressão e Isolamento) dos jovens são percebidos pelos pais como comportamentos Agressivos.

Os dados obtidos quanto ao funcionamento das famílias, avaliado através da FACES-IV são muito positivos. A percepção que, quer os pais, quer os filhos, têm acerca da sua família é de que são famílias equilibradas. Quer as duas subescalas que medem os níveis saudáveis de coesão e flexibilidade (Coesão Equilibrada e Flexibilidade Equilibrada) apresentam pontuações elevadas, quer as quatro subescalas que medem o desequilíbrio familiar (Desligada, Emaranhada, Rígida e Caótica) apresentam valores baixos, o que remete, de acordo com o modelo de Olson, para um funcionamento saudável do sistema familiar. Outro aspeto importante é o facto de não existirem diferenças significativas entre a percepção dos pais e a dos filhos. Verificámos, por outro lado, que quanto mais idade tiver o jovem, menores são os níveis de Coesão Equilibrada da família, o que pode ser interpretado, uma vez mais, como um fator normativo, que tem que ver com a fase de desenvolvimento pessoal do adolescente e a sua necessidade de se diferenciar e autonomizar da família, em busca da sua própria identidade. Não há qualquer relação com a idade com que foram adotados, o que reforça a ideia da importância do contexto familiar das famílias adotivas e da qualidade da relação construída.

A Comunicação é uma componente crucial no Modelo Circumplexo que a considera como um elemento facilitador para manter o sistema familiar num nível desejado de equilíbrio, em termos de coesão e de flexibilidade (Olson et al., 1980). No presente estudo, obtivemos um valor elevado para os adolescentes e moderado para os pais, com uma média superior à encontrada no estudo de validação portuguesa da FACES-IV (Gomes et al., 2017). Sendo a comunicação, geralmente, aceite como um dos fatores mais importantes nas relações interpessoais (Olson, 2010), os resultados do nosso estudo são muito favoráveis à adoção, como forma de proteção bem-sucedida e promotora do bem-estar e do desenvolvimento de crianças privadas da sua família biológica.

A Satisfação familiar é definida como o grau em que os membros da família se sentem felizes e satisfeitos uns com os outros. A definição operacional inclui as três dimensões que estão relacionadas com o Modelo Circumplexo – Coesão, Flexibilidade e Comunicação, i.e., os itens da escala de satisfação familiar avaliam a satisfação nestas três dimensões (Olson, 2010). Os adolescentes do presente estudo apresentam uma média elevada e os pais uma média moderada, quanto à Satisfação familiar, com médias superiores às encontradas no estudo de validação portuguesa (Gomes et al. 2017), o que vem confirmar os dados obtidos na EPA, sobre a satisfação e a felicidade relatada pelos pais e reforçar a ideia da família adotiva como boa alternativa à família biológica.

Estes resultados estão completamente de acordo com o Modelo Circumplexo de Olson que preconiza que as famílias equilibradas se sentem mais satisfeitas, com o seu sistema familiar, do que as famílias desequilibradas.

A qualidade da vinculação avaliada através do inventário IPPA que pretende aceder às perceções positivas e negativas da dimensão afetiva e cognitiva das relações dos jovens com os pais e amigos próximos e perceber qual o contributo destas pessoas para a segurança psicológica, mostra-nos uma boa confiança e comunicação com os pais e os amigos e baixos níveis de alienação, resultados compatíveis com uma vinculação segura de acordo com Armsden e Greenberg (1987). Na descrição que os autores fazem das diferenças individuais na vinculação, consideram que, quando os valores da Alienação são baixos e os da Comunicação ou Confiança se situam, pelo menos, na média os sujeitos são classificados como “muito seguros”. Os jovens adotados deste estudo mostram confiança, compreensão e respeito pelos pais, bem como uma boa comunicação e baixos níveis de conflito, o que nos remete para a ideia de que as figuras de vinculação compreendem e respeitam as necessidades dos jovens, sendo sensíveis e responsivos aos seus estados emocionais.

Vários estudos acerca da vinculação aos pais na adolescência têm encontrado relações positivas entre a segurança e outros indicadores. Os estudos no âmbito da vinculação têm referido que uma vinculação segura protege a criança de perturbações psicológicas (Aber & Allen, 1987; Armsden & Greenberg, 1987; Cassidy, 1990; Soares et al., 2007), considerando que a vinculação insegura aumenta

a vulnerabilidade ao desenvolvimento de perturbações psicopatológicas, como a depressão e as perturbações do comportamento. Neste estudo, vemos confirmadas as premissas anteriores, na medida em que encontramos correlações significativas negativas entre os sintomas de Internalização (Isolamento, Queixas Somáticas, Ansiedade/Depressão), os sintomas de Externalização (Comportamento Agressivo e Comportamento Delinquente) e a dimensão Total de Problemas, percebidos pelo jovem, e as dimensões de Vinculação à mãe, ao pai e aos amigos e as dimensões Confiança e Comunicação à mãe e ao pai; existindo correlações positivas com a dimensão Alienação à mãe e ao pai.

Estes resultados reforçam a ideia de que os problemas de comportamento internalizante e externalizante evidenciados pelos adolescentes estão relacionados com a qualidade da vinculação aos pais. Assim, os adolescentes com um melhor ajustamento global, sendo menos deprimidos e agressivos, são aqueles que têm uma vinculação segura aos pais e aos pares. De forma inversa, os adolescentes com uma vinculação insegura aos pais e pares apresentam uma pior adaptação social, relatando maiores níveis de agressão e depressão (Armsden & Greenberg, 1987; Machado & Fonseca, 2009).

Encontrámos também correlações significativas entre a qualidade da vinculação aos pais e aos pares e o funcionamento familiar, que confirmam a ideia de que uma vinculação segura, caracterizada por uma boa comunicação e confiança e por um baixo nível de conflito está estreitamente relacionado com a qualidade das representações internas construídas através da experiência relacional com as figuras de vinculação e as vivências na família. Assim, famílias com uma coesão e flexibilidades equilibradas e com uma capacidade de comunicação positiva têm filhos que constroem uma vinculação segura.

Outro dado relevante deste estudo é a forma muito positiva como os adolescentes perspetivam a sua experiência de filho adotado. Revelaram sentimentos de felicidade, com a família e com a adoção, e de identificação com as figuras parentais. Podemos, contudo, observar algumas dificuldades em abordar o assunto e o desejo de terem mais informações sobre o processo que conduziu à sua adoção.

Para a sua vida futura, o desejo destes jovens é em tudo semelhante aos outros

jovens da mesma idade, em que está presente a ideia de ter uma família e uma vida organizada, semelhante ao modelo que têm vivido na sua família adotiva.

Contudo, ao contrário do estudo de 2007, em que não encontramos qualquer associação entre a qualidade da vinculação à mãe e a idade com que a criança foi adotada, encontramos, no estudo atual com adolescentes, uma relação entre a idade da adoção e algumas variáveis, nomeadamente com os comportamentos de internalização e externalização, com a comunicação na família e com algumas dimensões da vinculação.

Assim, encontramos uma relação positiva entre a idade da adoção e os comportamentos de Internalização, Externalização e Total de Problemas, percecionados pelos pais, e com os Problemas de Internalização, os Problemas de Pensamento e o Total de Problemas, percecionados pelos jovens, o que remete para a ideia de que com quanto mais idade se der a adoção, mais problemas de comportamento sociais e emocionais podem ser identificados. Não obstante, lembramos que não há diferenças nas dimensões comportamentais relativamente aos dados normativos disponíveis, com exceção dos Problemas de Pensamento, em que os valores dos jovens adotados são inferiores.

Quanto à satisfação com o grau de comunicação na família também verificámos uma associação, em sentido inverso, com a idade da adoção.

Relativamente à vinculação, nomeadamente, na dimensão Alienação à mãe que se refere aos sentimentos de zanga/conflito, encontramos uma associação com a idade da adoção, sendo que esses sentimentos parecem aumentar quanto mais crescida tiver sido adotada a criança. Já com a vinculação aos amigos há uma associação inversa com a idade da adoção.

Considerando o objetivo deste estudo apresentamos agora, em síntese, as principais conclusões:

- Os jovens adotados estão bem integrados na sua família, manifestando níveis elevados de satisfação com a mesma;

- As famílias adotivas revelaram um funcionamento equilibrado, com uma boa comunicação entre os seus membros e elevados níveis de satisfação intrafamiliar;
- A relação de vinculação dos jovens com os pais é caracterizada pela segurança, com bons níveis de confiança e comunicação e baixos níveis de conflito;
- Os jovens adotados apresentam um bom ajustamento socioemocional na perspetiva dos pais, contudo, em média, os jovens não consideram o seu comportamento socialmente desejável em termos de agressividade e de atenção, talvez por terem um sentido de maior exigência pela necessidade/desejo de corresponder ao idealizado pelos pais adotivos;
- Há uma relação entre a qualidade da vinculação, o equilíbrio do sistema familiar e o ajustamento emocional dos jovens;
- A idade mais tardia da adoção parece estar associada a mais problemas de internalização e externalização, a conflitos com a mãe e menor satisfação com a comunicação na família, embora dentro dos valores normativos;

Apesar deste estudo apresentar algumas limitações, nomeadamente, enquanto estudo longitudinal e por contar com a participação de apenas cerca de 30% das famílias adotivas do estudo inicial, o que nos leva a ter especial cuidado na generalização dos resultados, contribui para um melhor conhecimento do desenvolvimento e adaptação socioemocional das crianças adotadas e do funcionamento e satisfação das famílias adotivas. Estes dados permitem dar uma perspetiva mais realista, quer aos profissionais que lidam com a adoção, quer aos pais adotivos, sobre o que podem esperar quanto ao futuro relativamente ao desenvolvimento e adaptação do seu filho e ao bem-estar da família. E ainda, algumas das características a valorizar, aquando do processo de avaliação das famílias candidatas à adoção.

Seria útil replicar este estudo com adolescentes em risco psicossocial e as suas famílias, para permitir aos profissionais dados mais objetivos, que os ajudassem na tomada de decisão de separação pais/filhos, sempre que estão face a pais sem competências parentais e sem os recursos internos necessários para o exercício

de uma parentalidade responsável, com as consequências a longo prazo, que essa situação acarreta, em termos de desenvolvimento futuro das crianças. Neste sentido, torna-se importante desmistificar a ideia de que se deve preservar o vínculo biológico.



## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS



## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

**A**s famílias adotivas evoluem, tal como todas as outras famílias, através de um ciclo de vida caracterizado pela variedade das tarefas de desenvolvimento da própria família. A grande maioria dessas tarefas é semelhante às experimentadas pelas famílias não adotivas, no entanto, algumas são características desta forma de vida familiar.

Em cada fase de vida da família adotiva, pais e crianças enfrentam questões relativas à adoção que podem complicar o modo como cada membro da família lida e resolve as tarefas mais universais da vida familiar.

A adolescência é, já de si, uma etapa difícil, mas para os adolescentes que foram sujeitos a privações precoces ou a negligência, pode ser especialmente problemática. Por outro lado, a qualidade da relação entre os adolescentes e os pais tem sido considerada fundamental na concretização das tarefas específicas desta etapa de desenvolvimento (McCarthy et al., 2006; Sampaio, 2006; Silva & Costa, 2005; Soroku & Weissbrod, 2005).

Esta investigação pretendeu conhecer o ajustamento psicossocial dos jovens adotados e as suas relações com a família adotiva e perceber como tinham evoluído as famílias adotivas, avaliadas na primeira infância dos filhos.

Os dados obtidos permitem-nos concluir que os adolescentes adotados, que participaram no estudo, apresentam uma integração plena na sua família adotiva, com um bom ajustamento psicossocial e relações familiares caracterizadas pela segurança, confiança e afeto mútuo, entre pais e filhos. Os jovens apresentam bons níveis de confiança e comunicação com os pais e pares e baixos níveis de conflito, características compatíveis com uma vinculação segura, o que está de acordo com o estudo de 2007 em que estes mesmos jovens, à data na primeira infância, foram classificados como seguros. Estes resultados confirmam a teoria da estabilidade na organização dos modelos internos dinâmicos da vinculação ao longo da vida e da importância da experiência relacional (Bretherton, 1990).

Se analisarmos os dados desta investigação à luz das teorias derivadas dos modelos do risco e mecanismos de proteção (Rutter, 1990), na qual se pressupõe que a acumulação de fatores de risco (como é o caso das crianças adotadas) resulta num desenvolvimento menos otimizado, ainda que os fatores de proteção (parentalidade de qualidade) possam minimizar os efeitos negativos dos riscos, podemos concluir que as famílias deste estudo revelaram ter sido capazes de compensar os fatores de risco, minimizando-os pela qualidade da relação estabelecida com os filhos e pelo contexto familiar proporcionado.

Este estudo demonstra que se a adoção proporcionar à criança uma nova família equilibrada e que proporcione segurança e proteção, ela irá desenvolver-se de forma saudável e adaptativa.

Contudo, observámos, também, que algumas famílias e alguns jovens apresentam dificuldades relacionadas com a adoção e que beneficiariam de um apoio/aconselhamento especializado, pelo que consideramos útil a existência, à semelhança do que acontece noutros países da Europa e nos Estados Unidos da América, uma linha telefónica, anónima e confidencial, de aconselhamento às famílias e de apoio aos adolescentes que, em determinadas fases do desenvolvimento, têm de lidar com questões específicas que nas famílias convencionais não se colocam, como sejam a sua história pessoal, da qual faz parte pelo menos uma rejeição ou abandono, que podem despertar sentimentos de zanga e raiva ou tristeza, resultando em comportamentos disruptivos, quer externalizados, quer internalizados.

É, ainda, de valorizar o facto de algumas das famílias contactadas não terem aderido ao estudo por considerarem não ser oportuno ou recearem vir a ser desestabilizador da sua vida familiar, bem como o facto de algumas terem referido dificuldades educativas, relacionais e de desenvolvimento dos seus filhos adotados.

Por se tratar de um estudo longitudinal é um trabalho inédito em Portugal e revela-nos dados importantes relativamente ao desenvolvimento e adaptação das crianças adotadas e ao grau de satisfação das famílias com a adoção. Os seus resultados contribuem para reafirmar a adoção como o melhor projeto para as crianças privadas da sua família biológica, confirmando os dados do estudo de 2007, demonstrando que as crianças conseguem constituir ou reconstituir vín-

culos com novas famílias e terem um bom ajustamento psicossocial, desde que a família adotiva lhes proporcione experiências relacionais caracterizadas pela segurança, num contexto familiar equilibrado e protetor e às crianças/adolescentes lhes seja proporcionado o acompanhamento psicológico necessário, para resolverem as tarefas desenvolvimentais que a filiação psicológica implica.



## 6. REFERÊNCIAS





## 6. REFERÊNCIAS

- Aber, J. L., & Allen, J. P. (1987). Effects of maltreatment on young children's socioemotional development: An attachment theory perspective. *Developmental Psychology*, 23(3), 406-414. <https://doi.org/10.1037/0012-1649.23.3.406>
- Achenbach, T. M. (1991). *Integrative guide for the 1991 CBCL/4-18, YSR and TRF profiles*. University of Vermont, Department of Psychiatry.
- Ainsworth, M. (1990). Some considerations regarding theory and assessment relevant to attachment beyond infancy. In M. Greenberg, D. Cicchetti & E. Cummings (Eds.), *Attachment in the preschool years: Theory, research and intervention* (pp. 463-488). Chicago University Press.
- Allen, J. P., & Land, D. (1999). Attachment in adolescence. In J. Cassidy & P.R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research and clinical applications* (pp. 319-335). Guilford Press.
- Armsden, G., & Greenberg, M. (1987). The Inventory of Parent and Peer Attachment: Individual differences and their relationship to psychological well-being in adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, 16(5), 427-454. <http://dx.doi.org/10.1007/BF02202939>
- Bowlby, J. (1982). *Attachment and loss: Attachment* (second edition). Penguin Books (first edition: 1969).
- Bretherton, I. (1990). Communication patterns, internal working models, and the intergenerational transmission of attachment relationships. *Infant Mental Health Journal*, 11(3), 237-252. [https://doi.org/10.1002/1097-0355\(199023\)11:3<237::AID-IMHJ2280110306>3.0.CO;2-X](https://doi.org/10.1002/1097-0355(199023)11:3<237::AID-IMHJ2280110306>3.0.CO;2-X)
- Brodzinsky, D. M. (1987). Adjustment to adoption: A psychosocial perspective. *Clinical Psychology Review*, 7, 25-47. [https://doi.org/10.1016/0272-7358\(87\)90003-1](https://doi.org/10.1016/0272-7358(87)90003-1)

- Brodzinsky, D. M. (1990). *A stress and coping model of adoption adjustment*. In D. M. Brodzinsky & M. D. Schechter (Eds.), *The psychology of adoption* (pp. 3-24). Oxford University Press.
- Brodzinsky, D. M., Radice, C., Huffman, L., & Merkler, K. (1987). Prevalence of clinically significant symptomatology in a nonclinical sample of adopted and nonadopted children. *Journal of Clinical Child Psychology, 16*, 350-356. [https://doi.org/10.1207/s15374424jccp1604\\_9](https://doi.org/10.1207/s15374424jccp1604_9)
- Brodzinsky, D. M., Smith, D. W., & Brodzinsky, A. B. (1998). *Developmental clinical psychology and psychiatry (Vol. 38). Children's adjustment to adoption: Developmental and clinical issues*. Sage Publications, Inc.
- Carvalho, D. M., Junqueira, G. P., Gracioli, S. M. A., & Bordin, M. B. M. (2009). Avaliação do comportamento infantil: Uma revisão da literatura. *Anais do III Fórum de Estudos Multidisciplinares, X Encontro de Pesquisadores e III Congresso de Iniciação Científica, 3*, 164-174.
- Cassidy, J. (1990). Theoretical and methodological considerations in the study of attachment and the self in young children. In M. T. Greenberg, D. Cicchetti & E. M. Cummings (Eds.), *Attachment in the preschool years: Theory, research, and intervention* (pp. 87-119). The University of Chicago Press.
- Dias, P., Lima, V., Machado, B., Campos, J., & Carneiro, A. (2017). Bateria ASEBA para os períodos pré-escolar e escolar. In M. Gonçalves, M. Simões & L. Almeida (Eds.), *Psicologia clínica e da saúde – Instrumentos de avaliação* (pp. 3-27). Pactor.
- Dozier, M., Stovall, K. C., Albus, K. E., & Bates, B. (2001). Attachment for infants in foster care: The role of caregiver state of mind. *Child Development, 72*(5), 1467–1477. <https://doi.org/10.1111/1467-8624.00360>
- Ferreira, M., & Nelas, P. (2016). Adolescências... Adolescentes... *Millenium – Journal of Education, Technologies, and Health, 32*(11), 141-162. <http://hdl.handle.net/10400.19/409>
- Fonseca, A. C., Simões, A., Rebelo, J. A., Ferreira, J. A., & Cardoso, F. (1994). Um inventário de competências sociais e de problemas do comportamento em crianças e adolescentes – O Child Behaviour Checklist de Achenbach (CBCL). *Psychologica, 12*, 55-78.

- Fonseca, A. C., & Monteiro, C. M. (1999). Um inventário de problemas do comportamento para crianças e adolescentes: O Youth Self-Report de Achenbach. *Psychologica*, 21, 79-96.
- Fuertes, J., & Amorós, P. (1996). Práctica de la adopción. In J. Paúl, J. & Arruabarrena (Eds.), *Manual de protección infantil* (pp. 447-490). Masson.
- Gomes, H., Peixoto, F., & Gouveia-Pereira, M. (2017). Portuguese validation of the family adaptability and cohesion evaluation scale – FACES IV. *Journal of Family Studies*, 25(4), 477-494. <http://dx.doi.org/10.1080/13229400.2017.1386121>
- Guerreiro, D., & Sampaio, D. (2013). Comportamentos autolesivos em adolescentes: Uma revisão da literatura com foco na investigação em língua portuguesa. *Revista Portuguesa de Saúde Pública*, 31(2), 213-222. <http://dx.doi.org/10.1016/j.rpsp.2013.05.001>
- Hawton, K., Saunders, K.E., & O'Connor, R.C. (2012). Self-harm and suicide in adolescents. *Lancet*, 379(9834), 2373-2382. [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(12\)60322-5](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(12)60322-5)
- Kirk, H. D. (1964). *Shared fate: A theory of adoption and mental health*. Free Press.
- Machado, T. S., & Fonseca, A. C. (2009). Desenvolvimento adaptativo em jovens portugueses: Será significativa a relação com os pais? *INFAD Revista de Psicologia*, 1(3), 461-468.
- McCarthy, C. J., Lambert, R. G., & Moller, N. P. (2006). Preventive resources and emotion regulation expectancies as mediators between attachment and college students' stress outcomes. *International Journal of Stress Management*, 13(1), 1–22. <https://doi.org/10.1037/1072-5245.13.1.1>
- Neves, L. (1995). *Suporte emocional na adolescência: A relação com os pais e amigos em momentos de transição escolar* [Dissertação de Mestrado]. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Portugal.
- Neves, L., Soares, I., & Silva, M. C. (1999). Inventário da vinculação na adolescência - IPPA. In M. R. Simões, M. Gonçalves, & L. S. Almeida (Eds.), *Testes e provas psicológicas em Portugal* (volume II, pp. 37-48). S.H.O. – Sistemas Humanos e Organizacionais.

- Olson, D. (2010). *FACES IV manual*. Life Innovations.
- Olson, D. (2011). FACES IV and the circumplex model: Validation Study. *Journal of Marital & Family Therapy*, 37(1), 64-80. <https://doi.org/10.1111/j.1752-0606.2009.00175.x>
- Olson, D. H., Russell, C. S., & Sprenkle, D. H. (1980). Circumplex model of marital and family systems II: Empirical studies and clinical intervention. *Advances in Family Intervention, Assessment and Theory*, 1, 129-179.
- Palacios, J., Sanchez-Espinoza, E., & Sanchez-Sandoval, Y. (1995). *EPA – Entrevista sobre el Proceso de Adopción. Psicología Evolutiva y de la Educación*. Universidade de Sevilla.
- Palacios, J., & Sánchez-Sandoval, Y. (2005). Beyond adopted/nonadopted comparisons. In D. M. Brodzinsky & J. Palacios (Eds.), *Psychological issues in adoption. Research and practice* (pp. 117-144). Prager.
- Reinoso, M., Juffer, F., & Tieman, W. (2012). Children's and parents' thoughts and feelings about adoption, birth culture identity and discrimination in families with internationally adopted children. *Child & Family Social Work*, 18(3), 264-274. <https://doi.org/10.1111/j.1365-2206.2012.00841.x>
- Rutter, M. (1990). Psychosocial resilience and protective mechanisms. In J. E. Rolf, A. S. Masten, D. Cicchetti, K. H. Nuechterlein, & S. Weintraub (Eds.), *Risk and protective factors in the development of psychopathology* (pp. 181-214). Cambridge University Press
- Rutter, M., Kreppner, J., O'Connor, T. G., & The ERA Study Team. (2001). Specificity and heterogeneity in children's responses to profound privation. *British Journal of Psychiatry*, 179(2), 97-103. <https://doi.org/10.1192/bjp.179.2.97>
- Salvaterra, M. F. (2001). Entrevista sobre o processo de adoção. In M. F. Salvaterra (Ed.), *Vinculação e Adoção* (2007). Universidade Nova de Lisboa, Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa.
- Salvaterra, M. F. (2007). *Vinculação e adoção* [Dissertação de Doutoramento]. Universidade Nova de Lisboa, Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa, Portugal.

- Salvaterra, M. F. (2017). *Entrevista sobre o processo de adoção – f* [Instrumento não publicado].
- Salvaterra, M. F. (2018a). *Roteiro de caracterização* [Instrumento não publicado].
- Salvaterra, M. F. (2018b). *Experiência da adoção* [Instrumento não publicado].
- Sampaio, D. (2006). *Lavrar o mar. Um novo olhar sobre o relacionamento entre pais e filhos*. Caminho.
- Sampaio, D. (2014). Adolescência e psiquiatria – Algumas reflexões. In M. L. Figueira, D. Sampaio, & P. Afonso (Eds.), *Manual de psiquiatria clínica* (pp. 45-50). Lidel.
- Sampaio, D., & Guerreiro, D. F. (2014). Comportamentos autolesivos na adolescência. In P. Monteiro (Ed.), *Psicologia e psiquiatria da infância e adolescência* (pp. 383-392). Lidel.
- Shaffer, D., & Kipp, K. (2007). *Developmental psychology: Childhood and adolescence*. Wadsworth.
- Silva, M. G., & Costa, M. E. (2005). Vinculação aos pais e ansiedade em jovens adultos. *Psicologia*, 18(2), 9-32. <http://dx.doi.org/10.17575/rpsicol.v18i2.428>
- Soares, I. (2004, Dezembro). *Vinculação e adolescência patológica* [Apresentação em Conferência]. Congresso de Adolescência: Identidade e Modernidade, Lisboa, Portugal.
- Soares, I., Carvalho, M., Dias, P., Rios, S., & Silva, J. (2007). Vinculação e psicopatologia. In I. Soares (Ed.), *Relações de Vinculação ao longo do desenvolvimento: Teoria e avaliação* (pp. 193-240). Psiquilíbrios.
- Soroku, C. F., & Weissbrod, C. (2005). Men and woman's attachment and contact patterns with parents during the first year of College. *Journal of Youth and Adolescence*, 34(3), 221-228. <https://doi.org/10.1007/s10964-005-4304-5>
- Triseliotis, J. (1997). *Adoption: Theory, policy and practice*. Continuum.
- Triseliotis, J., & Hill, M. (1990). Contrasting adoption, foster care, and residential rearing. In D. Brodzinsky & M. Schechter (Eds.), *The psychology of adoption* (pp. 178-210). Oxford University Press.

- Van IJzendoorn, M., & Juffer, F. (2006). The Emanuel Miller Memorial Lecture 2006: Adoption as intervention. Meta-analytic evidence for massive catch-up and plasticity in physical, socio-emotional, and cognitive development. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 47, 1228–1245. <https://doi.org/10.1111/j.1469-7610.2006.01675.x>
- World Health Organization. (2014). *Recognizing adolescence*. World Health Organization. <https://apps.who.int/adolescent/second-decade/section2/page1/recognizing-adolescence.html>



A adoção é um processo extremamente complexo para todos os envolvidos e emocionalmente muito exigente. A adolescência é, já de si, uma etapa difícil, mas para os adolescentes que foram sujeitos a privações precoces ou a negligência, pode ser especialmente problemática. Este estudo, «Adolescentes Adotados: Relações Afetivas e Sociais», descreve os jovens adotados quanto ao seu desenvolvimento socioemocional, relações sociais e familiares e comportamento, tendo em vista, quer a prevenção, quer a intervenção, considerando quais os fatores que afetam o desenvolvimento e o ajustamento dos jovens adotados e que podem conduzir a problemas de comportamento.

**Fernanda Salvaterra** é doutorada em Psicologia Aplicada na área da Psicologia do Desenvolvimento (UNL/ISPA).

É membro efetivo da Ordem dos Psicólogos Portugueses, especialista em Psicologia Clínica e da Saúde, com a especialidade avançada em Psicoterapia e Psicologia da Justiça, e especialista em Psicologia da Educação, com a especialidade avançada em Intervenção Precoce. É terapeuta Familiar.

A área de investigação que tem desenvolvido incide sobre as relações familiares e a vinculação mais especificamente sobre a parentalidade/filiação adotiva; nesse âmbito é autora de diversas comunicações nacionais e internacionais e publicou um livro, capítulos de livros e diversos artigos; recebeu prémios de investigação, atribuídos pela ANCCD.

É assessora principal do Instituto de Segurança Social (ISS, IP), exercendo atualmente funções no IAC.

**Mara Chora** é mestre em Psicologia Comunitária e Proteção de Menores (ISCTE-IUL).

É membro efetivo da Ordem dos Psicólogos Portugueses.

A área de investigação que tem desenvolvido incide sobre as relações familiares, nomeadamente, no envolvimento paterno e a compreensão emocional em crianças, sendo autora de um artigo científico, de uma comunicação nacional e outra internacional.

É técnica superior no IAC.

